

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA  
PORTUGUESA

JOÃO FIGUEIREDO ALVES DA CUNHA

**Uma Leitura Crítica de *Jacó e Dulce* – *cenias da vida indiana*  
à Luz do Realismo de Eça de Queirós**

Anexos 1, 2 e 3

V.2

São Paulo  
2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA  
PORTUGUESA

**Uma Leitura Crítica de *Jacó e Dulce – cenas da vida indiana*  
à Luz do Realismo de Eça de Queirós**

João Figueiredo Alves da Cunha

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Literatura Portuguesa  
do Departamento de Letras Clássicas e  
Vernáculas da Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo, para a  
obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Hélder Garmes

v.2

São Paulo  
2010

## Sumário

---

Anexo 1 -“Carta ao Leitor”.....	04
<i>Jacó e Dulce – cenas da vida indiana</i> .....	06
Glossário.....	131
Anexo 2 – Conto Jacó e Carapinho.....	141
Anexo 3 – Capítulos extras de <i>Jacó e Dulce</i> .....	144

---

## ANEXO 1

---

### **Carta ao Leitor**

O presente opúsculo não é um romance.

É uma narração singela e despreziosa, escrita ao correr da pena, que me serviu de pretexto para descrever aqueles dos nossos costumes que reputo ridículos.

Para romancista nem tenho jeito, nem estudo, nem pena.

Nunca forcejei em ser literato, porque sei que neste meu abençoado país, onde abundam tantos grafomaníacos a que o governo pôs taco à boca, o caminho mais seguro para a bancarrota é a literatura.

Além disso, leitor assíduo de livros escritos em idiomas estrangeiros, nem eu sei como logro rabiscar em português inteligível.

Neste livro, mais curei em dizer a verdade nua e crua, do que da forma. Confessei os nossos defeitos com sinceridade.

Devia ser premiado. Não o fui.

Vomitaram, ao contrário, contra mim jorros de injúrias.

Não me espantei. Em um país em que vegetam mal alimentados e pior abrigados, quatrocentos mil prodígios de talento e inúmeros patrícios distintos sem camisa, não há lugar para asnos.

Eu tive o arrojo de confessar ingenuamente que havia aí muitos asnos presunçosos, o que é menos, e de descrever como asneavam, o que é mais!!

Feri o chauvinismo nativo daí a celeuma.

Disseram vários que eu fazia alusão a algumas famílias da vila de Margão.

Enganaram-se.

Descrevi simplesmente os costumes ridículos que dominam na sociedade indo-portuguesa, e para o fazer criei alguns tipos com vícios e costumes mais em evidência nas nossas famílias, tipos que se encontram em toda a Goa e em todas as castas.

Jacó é o tipo de mancebo de moderna geração, ignorante, presumido, porque possui alguns pés de palmeiras que os seus antepassados de cabaia lhe legaram, e que supõe ter vindo ao mundo só para casar.

Dulce é a personificação da menina tola e estúpida, educada à europeia, com o seu inglês de preta, piano de criada de servir e outras prendas teóricas, que no fim de contas é um **peso** para os pais e para o marido.

Dona Doroteia é a mãe-tia das nossas famílias.

O tipo de Antônio Dantas – ostensivamente padre, realmente mocadão – é muito comum no nosso clero.

Salvador Pereira e esposa, dona Raguzinda, que para a glória da família deram a filha a um parvo viciado e rico.

Dona Especiosa, viúva cretina, metade dona de casa, metade criada de servir.

O leitor há de certamente confessar agora que tipos semelhantes há-os bastantes no país.

Se, porém, alguém ajustou a carapuça, que o diga com franqueza. Nas edições futuras, protesto fazer as modificações precisas.

Não largarei a pena sem agradecer ao senhor Ismail Gracias, - cavalheiro em quem não sei o que admirar mais, se a força do seu talento, se sua vasta cultura, ou se as suas poderosas faculdades de trabalho – as expressões encomiásticas que me dirige, e que eu não as mereço.

Se eu tivesse a pena de um Mark Twain, como ele diz, não viveria filosoficamente neste poço chamado Goa, entre advogados na maioria abalizados, só porque os seus casacos têm abas.

Margão, 18 de Agosto de 1896.

*Gip*

O ULTRAMAR: 10/11/1894

## JACÓ E DULCE

(CENAS DA VIDA INDIANA)

### I

## JACÓ DANTAS

Ele chamava-se, curta e plebeamente, Jacó – Jacó Avelino Dantas.

Natural da cidade de Breda, *gãocar* da respectiva comunidade agrícola de sangue real, ia em 25 anos, quando ocorreram os fatos que vou relatar.

Sem dúvida, a sua família era nobre e *principal*, e fruía a glória platônica e sem proveito digno de menção, de pertencer ao primeiro *vangor*.

Grelaram no seio dela cônegos, vigários, missionários, e até um dos seus antepassados ilustres pelo saber, estava a pique de ser nomeado professor do Real Seminário de Rachol, e um outro, Ouvidor do Crime na comarca da sua naturalidade, “o que tudo consta de documentos”, desafogava o reverendo Antônio Dantas, pouco antes do jantar, porém depois de sorvido o derradeiro *copo de espírito nativo*, destinado a corrigir a rebeldia de seu estômago sexagenário, e encanecido em porfiosa luta com alimentação abundante.

Mas, ninguém até aqui viu os tais documentos.

A casa dos Dantas era reputada na cidade *casa forte*, embora alma viva tivesse apurado ao certo, em quanto orçava a fortaleza dela.

– Nem pode ser outra coisa, discreteavam os vizinhos e os atreitos a semelhantes práticas – que os havia muitos na cidade; – o padre Zeferino Dantas pastoreou nas missões do norte, uma boa temporada, e no seu regresso trouxe dinheiro que dava a juro sobre penhores, em nome da cunhada, à razão de uma tanga a rúpia chirina; Xavier Dantas foi escrivão da alfândega de Betul, e só um lorpa sai da alfândega com mãos vazias... isto só os santos, que já os não há hoje; quando o padre Nepomoceno Dantas recolhia-se de Madrasta, dizem que fez mão baixa em toda a prata da igreja que paroquiava, com medo da ambição ilimitada dos propagandistas, a qual vendeu ao seu vizinho Santu Xette, avô de Raiu Xette.

Mas se a casa dos Dantas era havida por rica, também gozava da fama de ser a mais fona de toda a Ásia.

Coube a Jacó o ser o primogênito e único filho masculino de Camilo Dantas, de profissão, casado e proprietário, que se finara em verdes anos, legando a orfandade a duas crianças imundas, de cabelo sujo, dentes podres e guizos na cintura – Jacó e Florinda, – e a terça livre àquele; muito chorado na imprensa pelos necrologistas com lágrimas hipotéticas, hauridas nos romances plangentes.

De resto, a morte de Camilo foi considerada na família – honra lhe seja – uma fortuna, porque o desgraçado bebia, e a bebida custa dinheiro, de contado ou fiado.

Todavia, dona Especiosa, sua viúva, não regateou ao público e ao marido demonstrações sonoras e oficiais de amor conjugal – despedaçando, sobre o caixão mortuário, as manilhas de vidro que usava, com estrépito comovente e fidalga bizarria; estendendo-se na cama, inconsolável e divorciada com o pente, nove dias precípuos; vestindo-se de chita preta; envolvendo-se em lenços da mesma cor; exalando suspiros agudos e estrídulos arrancados do fundo do coração – quando suspeitasse aproximar-se gente estranha; – o que tudo não lhe obstava a que emergisse das trevas do seu luto e dor, para arremeter contra os *manducares* e criados, com fúria e rugidos leoninos, e coração de cabeça de casal.

Estava, pois, furiosamente resignada, a infeliz, a quem Camilo legara a viuvez no florir de uma juventude galardoada pela natureza de fartas carnes e um inventário para se adestrar em futuros pleitos.

Expirado e enterrado o esposo, decorrido o prazo destinado a conservar o semblante sombrio, dona Especiosa apalpou a sua ortografia e gramática, e, percebendo-as aleijadas e com cans, cometeu a instrução literária dos pequenos a um mestre, natural de Mandur, alesmado de aparência, e estudante de seu ofício, que lhes consagrava afeto paternal, e exercia em casa dos Dantas funções múltiplas, de preceptor, *mocadão*, despenseiro, e outras de caráter secreto, que não me importa esgaravatar aqui.

\*

Na época em que foi mandado à escola régia, o respectivo professor – gramático arguto e intransigente, lido em Soriano e Filinto Elísio – lobrigou dentro do crânio anguloso do pequeno, inteligência genial – descoberta que foi premiada com o

privilégio, desconhecido nas tradições de família, de merendar em casa dos Dantas um dia sim, um dia não, privilégio que ele fruía com pontual solicitude e inefável avidez.

Em um dos dias de merenda – em que havia as velhas *pepiças* – segredava ele a dona Especiosa, falando de Jacó:

– Saiu ao avô, ao oficial-maior da secretaria...

– Estuda muito, senhor professor, abonou a mãe com afetado orgulho; tem todo o dia livro na mão, mentia ela com maternal afeto.

– O que ele quer é uma distinção, acrescentava o mestre doméstico, completando a mentira.

– Sim... atalhou Especiosa, se ele não sai neste ano com distinção, é melhor que se examine no próximo ano, não é assim senhor professor?

– Com certeza, confirmava ele, mastigando a quarta *pepiça*, e rejubilando-se pela perspectiva de mais um ano de merendas; – um Dantas convém que obtenha distinção para não deslustrar o nome, hoje célebre, dos Dantas.

– É verdade. Felizmente o rapaz é aplicado. Ainda agora está ele estudando, coitado, a sua lição na casa de jantar... Eu mando chamá-lo... Ó Florinda!... Florinda!... Vá chamar o mano Jacó, que está na casa de jantar aprendendo a sua lição... E você está aí a passear com pés descalços? Tola mesmo! ralhou a mãe.

– Não, mamã, mano Jacó está *na*<sup>1</sup> quintal, sobre... sobre *durig*.

– Muro! emendou o mestre.

– Muro, repetiu a pequena; está *matando*<sup>2</sup> pedras sobre gentios.

– Por que foi ele aí?

– Eu sei? Ele sempre vai ali... atrás de galinha<sup>3</sup>.

– Também estas galinhas são um desespero, senhor professor, – interrompeu dona Especiosa – inquietam o rapaz nos seus estudos, vindo até à casa de jantar.

– Não, senhor mestre dá a ele sempre bem caçada, porque rasga livros e não aprende.

<sup>1</sup> Segundo Olivinho Gomes, Florinda comete este erro porque em concani a palavra “quintal” seria feminina ou neutra.

<sup>2</sup> A personagem queria dizer “atirando”. Para este engano, foram encontradas duas explicações. Segundo Olivinho Gomes:

“[...] she literally translates *fator marta* as *está matando pedras*.” (GOMES In: FIGUEIRA & NORONHA, 2007, p.80). Enquanto Álvaro Noronha da Costa, no glossário à edição em inglês escreve: “The speech of the girl if affected by the absorption of the Konkani verb *marunc* – to hit, to throw, to kill, to beat, into the Portuguese as spoken in Goa and Lusitanisation of the conjugation. By Lusitanising the conjugation, the verb gets transformed into the Portuguese verb *matar* – to kill, to slaughter.”

<sup>3</sup> Segundo Olivinho Gomes nesta frase Florinda organiza suas sentenças a partir do concani: *Hanv zanna? To sodanch vota thaim... kombie hattlean*. (Ibidem).



- Cale-se aí! rugiu Especiosa.
- Dele livros estão *na*<sup>4</sup> balcão.
- No balcão, corrigiu o mestre.
- Cale-se... Já disse... Onde falam maiores não vêm crianças – advertiu a mãe.
- Eu assim mesmo vei então? ...Mamã chamou por isso vei.
- Bem... bem, vá chamar ao mano Jacó, ordenou o mestre.
- Aquilo o que é *hom*, mamã? – inquiriu a pequena ameigando a voz e olhando

para o prato de pepiças.

A viúva de Camilo esboçou uma carranca para a filha, às escondidas do professor.

– Mamã! a mim também dei pepiça hom, !... mamã! a mim dei *guê*, pepiça, – resmungou Florinda, fingindo chorar.

– Já dei duas, quantas quer?

– A mim? ... quando? ... a mano Jacó só dá... e a senhor mestre.

– Já lhe dei, – insistiu a mãe falsamente.

– Mamã está *mentirando*.

– Mentindo, burra! atalhou o mestre.

– Mentindo, burra! repetiu Florinda. Dei, hom... *aguê* dei *guê*... pepiça, – dizia ela suplicante e lamentando.

– Vá-se embora daqui.

Florinda retirou-se chorando, com ar resignado e infeliz.

– É uma boa menina, atestou a mãe; muito afetuosa... Disse-me que queria casar com o sr. professor.

Riram-se todos.

\*

Ao cabo do ano letivo, Jacó preparava-se para os exames finais, do que então se chamava primeiras letras.

A sua inteligência era reconhecidamente curta, mas a família atribuía a sua ignorância ao acanho.

---

<sup>4</sup> Neste trecho Olivinho Gomes aponta novamente a inversão de gênero do artigo que antecede “Balcão”, por ser uma palavra feminina no concani, além de fazer outra referência à desorganização frasal: *Tage livr bolkanvant ahat*. (Ibidem).

– Ele sabe, mas atrapalha-se, sustentava o mestre que dava pelo nome de Hermenegildo.

Não raro corrigia o acanhamento com duros carolos, que o discípulo agradecia com caretas ao mestre, deitando língua de fora, e dizendo-lhe nomes.

– Picão! ... picão! murmurava o pequeno.

E o mestre descia da sua dignidade prosapiosa para arcar com ele, com mesmas armas.

– Pixam-Avelino! ... Avelino pixanchó<sup>5</sup>.

Estas questiúnculas só terminavam com a intervenção materna, que frequentes vezes dava razão ao filho e ralhava com o mestre, à vista dele.

– Quem é Jeroboão, perguntava Hermenegildo com a bíblia na mão.

– É seu pai, replicava o filho de Especiosa.

– É seu pai, redarguia o mestre.

– Veja ham! não chegue sobre meu pai, rugia Jacó com dignidade e brio coalhados nos bancos da escola.

– Você não tem pai.

– Tenho mil pais, jurava Jacó, com legítimo orgulho.

Gargalhada de Hermenegildo, língua de fora do pequeno.

As brejeirices do garoto encontravam involuntário incitamento na verbosidade materna, que entre as prendas do rapaz enumeravam em sua presença a seguinte:

– É um demônio, não faz caso de ninguém... nem do mestre... Embirrado, como o pai.

Como para as grandes festas se agencia cozinheiro especial, assim para habilitar a Jacó para as provas finais, foi contratado, temporariamente, outro mestre – gramático famoso, popular na cidade, e sorna, – que entupiu a sua cabeça com tudo o que a sintaxe figurada possui de mais complicado, saboroso e soporífero.

Mas, no ato dos exames, Jacó naufragou com estrondo na compreensão da língua portuguesa e contabilidade, e saiu aprovado *tangencialmente* – na frase clássica do aluno laureado de medicina – por maioria de votos, o que a família encabeçou no ódio político despertado por imprudência, interinamente culposa, da mãe do rapaz em deitar luminárias, no dia em que saiu eleito para deputado, o candidato regenerador.

---

<sup>5</sup> Expressão ofensiva em concani, que significa “Avelino maluco; Avelino esquisito”.

Mas Especiosa desculpava-se com as crenças políticas de Hermenegildo, e este com as daquela.

– Ora aqui está, meteram-se na política e prejudicaram o rapaz sentenciou o padre Antônio Dantas; a minha família não é política... e esta política miserável destes tempos. Política é de tempo de Peres... aquilo é que é política... fez juiz eleito a meu tio!

O senhor professor, terminadas as merendas, cessou de admirar o talento de Jacó, que agora achava medíocre.

.....  
.....

O morgadinho de dona Especiosa seguiu os estudos ulteriores com crescentes dificuldades, balouçando-se, nos exames, entre a reprovação e a maioria “sempre perseguido pelos ódios políticos”, supunha a mãe.

– É porque ele não tem pai, monologava ela. Se Camilo vivesse, não é<sup>6</sup> o filho de Carolina que havia de ter prêmios. O que sabe ele? boletas? É o tio padre cônego que lhe arranja isso..... Deixa estar, distinções e aprovações não dão para comer. Basta que meu filho seja bem comportado... Felizmente, Deus lhe deu com que viver... Não tem que pedir emprestado.

\*

Aos 22 anos Jacó encetara o estudo de direito.

Era um mancebo guapo, um pouco trapalhão, acanhado diante de senhoras, metucioso na questão de vestuário.

Pouco lhe importava a limpeza do seu corpo, queria as calças à moda em vigor na cidade.

Afligia-se quando o casaco não tivesse o número de botões que marcavam os janotas conceituados e autorizados.

Para ele, o europeu que deparasse na rua, era a personificação da moda, embora o seu fato tivesse sido talhado, no século passado, em Banana.

Para cada vestuário tinha andar especial.

Com simples casaco, movia-se como fadista, mãos em leque impedindo a queda imaginária de punhos imaginários, chapéu à banda, gravata em desordem.

---

<sup>6</sup> A partir de 1907: “era”.

De sobrecasaca ninguém seria capaz de fazê-lo caminhar apressado. Ia pausado, imitando o juiz de direito ou o administrador do concelho, e, como eles, esperava que o saudassem primeiro, e a todos os que o cumprimentavam, retribuía galhardamente com um sorriso de proteção.

Tentou deixar barbas fingindo dor aguda de dentes queixais, mas a dor passou, quando o espelho lhe revelou que assim se assemelhava a um facínora.

Em Breda era havido como rapaz de bons costumes, inofensivo, morigerado e temente a Deus.

Pontual na igreja aos domingos e dias de guarda, fazia timbre em ouvir missa instalado em lugares conspícuos, donde pudesse ser visto pelas meninas solteiras. Nos dias de festa era infalível, de casaca, à missa de três padres e acompanhava a procissão.

Casto na cidade, ele *sultanava-se* no palmar, onde era assíduo fiscalizador dos trabalhos executados pelas mulheres.

As mães bredenses varavam-no com olhares de uma ternura cativante.

Contavam maravilhas do seu talento, das suas virtudes, do seu bom senso e amor à agricultura. Sua mãe era uma santa mulher, muito rezadeira<sup>7</sup>. Era uma calúnia o que se dizia do mestre doméstico; se o tinha a seu lado, era por ser muito prestável e por dar-lhe *sossego*.

A todo o momento salteavam o esperançoso mancebo com saudações.

– Como está? senhor Jacó mamã como está?

– Boa, muito obrigado, replicava com indiferença estudada.

Jacó tinha a consciência do que valia.

Fruía mil rúpias de renda ânua, diziam; e em Breda quem contava com isso, se era solteiro, era também virtuoso até casar.

Além disso, o padre Antônio Dantas, seu tio paterno, que vivia com ele, testara a seu favor os seus haveres; e Florinda fora condenada ao celibato forçado para não deslustrar o brilho da casa, o que não a tolhia – a pobre rapariga – de fazer olho terno ao primo Cantalício, de Sancoale, rapaz grado, arranjado<sup>8</sup>, e coimeiro na sua aldeia.

\*

<sup>7</sup> A partir de 1907: “rezadora”

<sup>8</sup> A partir de 1907: “muito econômico”

Na cidade preclara de Breda, os haveres de um indivíduo oscilam segundo o seu estado.

Se ele é solteiro, a família avulta-lhe as rendas, encobre as dívidas, e figura-o em expectativa de mais uma herança; se é casado, com filhas, os seus renditos baixam, as dívidas aparecem em toda a sua nudez, revestidas de negras roupagens de juro e penas convencionais, até que as pequenas estejam *amparadas*, para se elevarem quando se trata de casar o filho.

É nestas flutuações que andam os rendimentos do bredense, e é destas mentiras e enganos que ele vive.

Jacó não era uma exceção à regra.

Oficialmente tinha mil rúpias de renda ânua – renda para casamento.

Das suas rendas extra-oficiais, dizia-se outra coisa.

Demais, pelo consenso unânime de todos, Jacó era tido como um mancebo *casável*, isto é, que estava em condições de escolher a rapariga que ele gostasse, sem que da parte dela ou da família receasse obstáculo algum.

Jacó sabia isto; contudo não fazia a escolha.

Intuitivamente conhecia que se em Breda um rapaz caísse em mostrar desejos de casar com uma determinada menina, estava irremediavelmente perdido.

Três gerações discutiriam essa porcaria<sup>9</sup> medonha, os pais da escolhida diminuiriam o dote, e a mulher teria acessos de soberba provocadora com a sogra.

Na família bredense, o lugar da mulher pedida é o principal, da mulher oferecida é o secundário.

É ainda tida em grande apuro de honra aquela de quem se pode dizer *Magun vêloli!*

Mais: pedir a mão de uma rapariga é um *incesto*; ficar dela apaixonado um *coito danado*<sup>10</sup> que é prontamente castigado pelo futuro sogro, recusando-lhe o dote.

O noivo que, por ocasião do ajuste do casamento, se abalança a praticar a *fétida barbata*<sup>11</sup> de revelar a mais ligeira sombra de inclinação pela noiva, cava a sua ruína e paga caro a tal inclinação, a dinheiro limpo.

---

<sup>9</sup> A partir de 1907: “desonra”

<sup>10</sup> A partir de 1907: “uma vergonha inqualificável”

<sup>11</sup> A partir de 1907: “desonra”

Por isso o noivo de bons costumes, morigerado, moralmente *castrado*<sup>12</sup>, que pode amar a mulher pela algibeira, afeta um desinteresse exemplar enquanto duram as negociações matrimoniais.

Aparenta até uma atitude hostil para a noiva; não a saúda na rua, toma por uma travessa quando a vê, e não lhe pede para dançar.

As únicas válvulas de segurança são as procissões, vésperas, domingos e dias de festa, onde pode vê-la sem ser visto, conciliando os instintos de macho com os interesses econômicos da família.

Quando Jacó contava 25 anos, a mãe e o tio padre Antônio Dantas endoutoraram-no em direito, mandando suspender os estudos no meado do Código Civil, por causa de maus hábitos que ia contraindo, – o que não foi impedimento para sair aprovado nos exames e ter provisão para advogar.

Na Índia Portuguesa, para um rapaz morigerado e de bons costumes, a puberdade oficial começa depois de a carta de advogado<sup>13</sup> estar registrada nas estações competentes.

Para Jacó foi o mesmo<sup>14</sup>.

\*

#### O ULTRAMAR: 17/11/1894

De fato o primo Cantalício, de Sancoale, amava Florinda Dantas, com pachorra, discretamente, e nos limites ordinários de prudência.

Mas, como a supunha mui altamente colocada, para a sua situação de coimeiro, esperava com paciência que ela caísse<sup>15</sup> nos seus braços pelo peso dos anos.

O tipo de primo Cantalício, de Sancoale ou do Casco de Rolhas felizmente não se extinguiu ainda de todo, ao contato dessa civilização cínica e cética que grassa<sup>16</sup> por aí fora.

<sup>12</sup> A partir de 1907: “ankilosado”

<sup>13</sup> “Embora não existisse educação formal em direito, os goeses podiam ter acesso ao estudo das leis de forma privada e obter a *Carta de Advogado*, após passarem por um exame especial.” (RODRIGUES apud BORGES; PEREIRA & STUBBE, 2000, p. 202).

<sup>14</sup> A partir de 1907: “Foi o caso de Jacó”.

<sup>15</sup> A partir de 1907: “viesse a cair”.

<sup>16</sup> A partir de 1907: “se alastra”

Os ingleses conhecem-no com o nome de *country cousin*.

Encontram-se ainda hoje, bons espécimes deles nas cidades, durante as quadras escolares.

O seu *habitat* é a *pousada*; e a época das suas migrações é o mês de março de cada ano.

Os Cantalícios que se veem roídos pela nostalgia da vida bucólica da aldeia, do balcão do vizinho, da várzea e da eira, de uma existência independente e monótona, pacata e sombria; os que odeiam os compêndios e a vida urbana com todo o seu cortejo de praxes e hábitos, incompatível com um bom par de chinelas e calos entre dedos dos pés, estes emigram em agosto, amaldiçoando a imoralidade das cidades e os seus vícios.

Os que, porém, nutrem no peito o amor ao estudo, congênito ou alimentado pela sombra irada do pai, possuidor de um bom pulso e abundante cabelo nas orelhas, ou os que por qualquer outro motivo se aclimaram nas cidades, estes ficam.

É fácil distingui-los entre mil.

A princípio taciturnos, recolhidos, trapalhões, encaram a gente com uma expressão lastimosa de medo; não conhecem ninguém, e talvez por isso descobrem a todos os que encontram de botas, com reverenciosa civilidade.

Pouco a pouco, mais despertados, andam cofiando um buço embrionário com teimosia automática de monomaníacos, e são capazes de trocar um compêndio escolar por um botão que se lhes afigura em moda.

Vestem-se com um dandismo pelintra, de espavento e meticuloso, e esboçam atitudes de enamorados, que parecem estudadas ao espelho, e dir-se-ia que vieram mais para seguir um curso regular de namoro.

Como a vida de pousada lhes aborrece<sup>17</sup>, frequentam as casas dos parentes acessíveis, principalmente onde medra uma prima – embora de rebeca –, rapariga ingênua.

O primo Cantalício adora em segredo, e assustado, e as frutas da estação são os emblemas da pevide do seu amor.

Ele presenteia a prima com goiavas, atas, jagomas, trazidas da província nas segundas e sextas-feiras.

E a prima paga-lhe a oferenda com um elogio cheio de sorrisos gulosos:

– É um judeu aquele primo Cantalício!

---

<sup>17</sup> A partir de 1907: “aborrecem a vida de pousada”

Cantalício fende a boca em um riso largo e torpe, e continua as judaicas ofertas.

Umaz vezes, o primo Cantalício leva adiante o cesto da sua paixão empilhado de frutas bem sazoadas; outras vezes não.

Uma reprovação inesperada no fim do ano letivo, o casamento da pequena com outro, e também a falta de frutas, põe termo a esta adoração muda, e recatada, a esse amor tímido, propiciado pela flora indiana.

Cantalício recolhe-se para o lar, para a eira, para as pugnas na gãocaria. Matrimonia-se sem estrépito e, no fim de alguns anos, é visto descalço até às portas da cidade e de botas *intramuros*, com folhas seladas na mão, e uma pretensão para aforamento na alma.

Se o primo Cantalício vem de machila, é porque não se casou.

A prima não o conhece então senão com o nome de: Aquele-que-dava-frutas.

E nada mais.

Estes amores de boca fechada, com feriados e dias santos, sem turvações tempestuosas do coração, alimentados a jagomas, não são inodoros, como se afiguram, à primeira vista.

É bom que se considere que as pousadas são outros tantos conventos de Cantalícios Descalços, onde estão congregados estes frades, que fruem mentalmente o amor de muitas Florindas, sem ciência destas.

Estas pobres raparigas são aí discutidas, atribui-se-lhes ditos que não proferiram e olhares que não lançaram; os mais lascivos *despem-nas* por hipótese, em pública assembleia, e entregam-nas assim à administração de outros egressos.

A mocidade, ignorante e independente, leitora de romances, não pode sujeitar-se a padecer amor não correspondido. Entre o vexame próprio e o descrédito da prima, preferem este.

Daí nasce a fama de que Fulana ama a Sicrano, Caetaninha a Belarmino, que propaga-se pelas aldeias e pelas eiras, robustecida pelas visitas dos Cantalícios e ignorada pelos pais das Florindas.

Quando no fundo não há nada, além de peras.

\*

Entre o primo Cantalício e Florinda Dantas havia alguma coisa no fundo, um ligeiro idílio, de caráter benigno, até aqui inédito.



Quando Cantalício vinha a Breda tratar dos seus negócios, demorava-se em casa dos Dantas, de parrana que era, transmutava-se em espirituoso. Tinha muita chalaça insulsa, inspirada na vida campesina e doméstica; todos achavam-no um judeu, um demônio.

E Florinda casquinava risadas, estridentes, aflautadas, até às lágrimas.

– Encontrei no caminho um búfalo, dizia Cantalício.

Gargalhada sufocada de Florinda.

– Ele fez *béum!*

Trovões de riso da pequena.

– Cantalício, tome canja, murmurava dona Especiosa.

– *Oremos canjiculi tui*<sup>18</sup>, recitava Cantalício.

Novo riso de Florinda, sem perceber e sem saber porque.

Cantalício animado:

– *Toca-bocum not est?*<sup>19</sup>

Florinda ria-se, ria-se, sem tréguas, sufocada.

E dona Especiosa não se fartava de advertir-lhe, séria e em voz baixa e arrastada:

– Baí, basta!... Florinda, basta! Basta, baí!

Para um olho experimentado, estes são sinais, que traem um amor incipiente, no fundo, incipiente, mas tenaz.

Muitas mamãs indianas odeiam o riso das filhas. O seu ideal de menina solteira é a esfinge, porque muito riso é sinal de pouco siso.

A menina que se ri, elas classificam de *experta*.

Rapariga com juízo assentado é aquela que alonga a cara com uma seriedade medonha, tem o ar lúgubre e sucumbido; fala em monossílabos ou sim-senhor, não-senhor.

Não é preciso mais. Conversa é para os maiores; para meninas sua costura, seu piano, sua lição de geografia, arranjos domésticos.

Como prendas sobressalentes, basta ser *curiosa*, saber fazer perus no tabuleiro de talagarça.

Rir nunca; é impudico, e indecente.

---

<sup>18</sup> *Oremos pela canja.*

<sup>19</sup> Mistura jocosa de latim com indo-português: “Não tem toca-boca?”. Segundo Olivinho Gomes a expressão *toca-boca* vem do concani *tondda-lanvk*, que se refere a acompanhamentos para o arroz com curry, como por exemplo, carne, peixe ou mesmo picles, mas que tomou sentido literal de “aquilo que toca na boca”. Cantalício utiliza seu pouco conhecimento de latim para perguntar se não teria algum desses acompanhamentos, para o prato de arroz.

Pode rir-se querendo, mas dentro da casa; fora, perto de gente, não, em caso nenhum.

O riso de meninas solteiras é talvez, para algumas mães, uma função secreta, que, como as outras funções deve ser feita em lugares apartados para isso destinados – dentro de casa, quando não há pessoa estranha.

É sob o domínio dessas ideias de moral que são possíveis em público, esses sorrisos rápidos e sufocados da menina: *cuc!*

– O que ficou *hom?*

– Nada, mamã.

Momentos depois, novo riso:

– *Cuc!*

– Tola mesmo!

– Eu não, mamã.

É uma mentira inocente; está claro. Não reclama confessor.

Se esta idiossincrasia da mãe é boa ou má, nem a minha idade, nem a minha experiência me habilita a julgar.

Neste particular de educação das meninas, sou virgem como Adão, antes do almoço da fruta proibida, que, para as Evas modernas, é representada pelo romance, embora lhes seja livre ler novelas e cantar:

*Mogá ió*

*Mogá ió, tum, ió*

*Mujan sonsum, nuzó*

*Mogan martá uzó*<sup>(a)</sup>

Mas parecia-me que não ficava nada mal a uma rapariga solteira, acompanhar de um sorriso recatado a recusa ou a anuência a um convite de um mancebo para a dança – único caso em que é permitido pelas leis de decência a um rapaz dirigir a uma menina inupta, publicamente, palavras que não sejam<sup>20</sup>: como-está – boa-muito-obrigada.

A recusa mesmo, de mistura com um riso, agrada, ainda que tenha por base<sup>21</sup> uma convenção secreta para a dança, lavrada em casa, com um primo amigo.

<sup>(a)</sup> Vem, meu amor, vem; não posso sofrer, ardo em amor.

<sup>20</sup> A partir de 1896: “estas palavras”.

<sup>21</sup> A partir de 1896: “causa”.

\*

O ULTRAMAR: 24/11/1894

Decorridos dias, depois de Jacó recolher-se de Pangim, graduado doutor, com o rolo do diploma de advogado na mala de viagem – diploma com que advogou só no foro da sua consciência – travou-se, pelo meado de Julho de 188..., o seguinte diálogo entre o padre Antônio Dantas, sua cunhada dona Especiosa e vizinha dona Doroteia, solteira de 50 anos, amiga da família, *megera* de seu ofício.

– Falou-me o Salvador Pereira, a respeito da sua filha Dulce..., começou o padre pausando as palavras.

– Meu Deus! esta gente não me deixa sossegada... Já são com este 12 parentescos<sup>22</sup> que vieram a Jacó!<sup>23</sup>... Como se Jacó fosse o único noivo que há no mundo! observou a mãe com orgulho maternal e semblante agraciado.

– Não é assim, dona Especiosa, contrariou dona Doroteia, a quem semelhantes práticas deleitavam – Jacó é um bom rapaz, advogado, rico, bem comportado, com uma linda posição..., e quem tem mercadoria vem oferecer..., se quer diga!...

– Mas Jacó é ainda criança... – atalhou a mãe... Ele nem sabe o que é casamento...

– *Ham!*?... Deixe você!<sup>24</sup> Estes rapazes de agora não são como do nosso tempo, *baí*, não é assim Antó-irmão? Eles sabem tudo... Veja o que eles fazem na igreja e nas procissões... Porque supõe você que Jacó põe lunetas de cor?

– Por causa de olhos, explicou a mãe.

– Não, *baí*... Não *ham*... É por causa de meninas... veja como ele anda quando chega ao pé das sobrinhas do regedor... E que jeitos ele não faz, quando está na Rua de Cocles... É por causa de Tertuliana.

– É uma bruxa aquela Tertuliana... muito esperta... quer namorar todos... não tem vergonha... invectivou dona Especiosa com ímpeto.

– Deixemos disso, atalhou o padre com semblante torvo, nada temos com filhas alheias.... falar mal de gente é pecado. O que responde? Convém-lhe Dulce?

---

<sup>22</sup> Pedidos de casamento.

<sup>23</sup> Aqui Olivinho Gomes aponta mais uma “vitória” do concani sobre o português, mostrando a estrutura da frase naquela língua: *Muj’ Devá! He lok baba mhaka suseguch dinant! Hi dhorun Jacobaku 12 soirikeo aileo!* (In: FIGUEIRA & NORONHA, 2007, p.80)

<sup>24</sup> Nesta frase o concanista faz referência à frase: *Sodd go baí tem!* (Ibidem)

– Eu não sei, você que é padrinho do rapaz, resolva...

– Ela bonita não é, disse o padre com ar de entendido, e descascando o rebordo do nariz.

– É feia! Exclamou a futura sogra.

– Não, é elegante, modificou a vizinha.

– Que elegante?!.. Com pés tão grandes, e mãos tão grosseiras!... *Xi..* ela parece que pila bate...

– Coitada! acudiu dona Doroteia, é boa rapariga, muito humilde e inocente. Se é feia, ela não tem culpa... Aquilo é de Deus.

– Não trataremos disso, eu conheço a menina, é minha confessanda..... e muitas vezes tenho observado o recolhimento com que ouve a missa.

– Isto é verdade, confirmou dona Especiosa.

– Mas tem um defeito, continuou o padre... O bisavô dela, Aleixo Pereira, dizem que sofreu tuberculose, de que veio a morrer.

– O que é tuberculose, Antó-irmão? Inquiriu dona Doroteia.

– Uma senhora solteira da sua idade não deve saber semelhantes coisas, replicou o padre confuso e possivelmente corado, até quanto permitiam os seus sessenta janeiros.

– E a sua mãe também teve uma ferida no pé, furando um garfo... Dizem que era contagiosa esta ferida, acusou a mãe de Jacó.

– Você viu a orelha esquerda de Dulce? Está sempre encarnada.... acrescentou a megera por sua conta; – disse-me o dr. Serapião que aquilo vinha da ferida da mãe.

– Eh! a mãe teve ferida depois do nascimento de Dulce....

– *Abbá!* o que tem isto? Observaram ambas as senhoras.

– Deixemos de toleimas, eu já lhe mostrei os prós e os contras... você resolva... Jacó vai crescendo... dias mais, dias menos, faz alguma asneira... e depois? Dizem-me que o rapaz tem inclinação para bebidas... O que é certo é que quando volta do palmar<sup>25</sup>, fala muito... É ainda tempo de salvá-lo... põe-se-lhe ao pescoço uma menina, e estamos livres... que a mulher ature depois as suas bebedeiras, querendo... Mais tarde, se a coisa fica pública!... Adeus parentescos!

Dona Especiosa transiu-se de terror frio, e concordou.

– Mas o dote?... quanto é o dote? Perguntou ela, depois de pensar longamente.

---

<sup>25</sup> Em *O Ultramar* de 24/11/1894 aparece: “prédio”.

– Sete mil rúpias, murmurou o padre, expandindo-se-lhe a boca com uma alegria inefável e cobiçosa.

– *Xi... 7 mil... Então o que! Ela é alguma rainha? 7 mil rupias para uma mulher tão grande!... Zorôd... que tem tuberculose na família... Xi... Isso nunca... a Jacó não faltam noivas... aí está Tertuliana, que é uma boa menina... sabe piano... sabe fazer conta de juros... sabe tabuada<sup>26</sup>... sabe outra-parte...*

– Piano? para que serve piano? Para tocar até a gravidez? Replicou o padre.

– Sabe inglês...

– Para ser boa dona da casa não se precisa saber o inglês nem o francês... Você não sabia estas línguas, nem minha mãe que nos deu à luz sem necessidade de inglês... Nós não queremos estas borboletas... malcriadas. Uma boa dona de casa, que saiba de todos os arranjos domésticos, cozer bate. mandar pilar etc. etc., nada mais.

– Bem, e datas? inquiriu dona Especiosa.

– Isto fico de saber, respondeu o padre.

– Espere, ponderou dona Doroteia; não leve logo a resposta... deixe passar tempo para não parecer que temos empenho.

– Mas eu tinha<sup>27</sup> empenho, porque o rapaz desanda, interrompeu o padre Dantas.

– Olhe<sup>28</sup>, isto não é costume... gente há de se rir... Espere mais dois meses... deixe o Salvador tornar a falar...

No dia seguinte propagou-se por toda a cidade a notícia de que Dulce fora proposta a Jacó. Dona Doroteia denunciara em segredo a todo mundo, relatando pelo miúdo toda a conversação da véspera, acrescentando alguns insultos, da sua lavra, à Dulce e pondo-os na boca de dona Especiosa.

A cidade tomou, afanosa, conta do caso, como um dever sagrado, uma obrigação imperiosa.

O bredense é essencialmente abnegado e altruísta: ocupa-se mais da vida alheia do que da própria.

Em quase todas as casas discutia-se o futuro dos noivos – homens, mulheres e crianças, com pausa e vincos na testa, deixando de parte os seus afazeres.

Vários já tinham previsto isto, há muito, porque viram uma vez Dulce e Jacó dormitarem, em cantos opostos da mesma sala.

<sup>26</sup> Aparece somente a partir de 1896.

<sup>27</sup> A partir de 1896: “tenho”.

<sup>28</sup> A partir de 1896 “Olha”.

- O que quer isto dizer?
- Está claro. Parece que havia a “ideia”...
- Se havia! E porque Dulce mudou a hora de ir à missa?
- Você é demônio, repara tudo.
- A mim nada me escapa.

Nas ruas, no adro da igreja aos domingos, nos balcões, discutia-se o dote – que uns achavam muito, outros pouco –, as datas; a noiva, suas prendas, seus namorados antigos e presentes, suas promessas transatas, sua instrução e gênio, defeitos e vícios; o noivo, os seus defeitos, a sua ignorância, os hábitos da família, o que esta come – peixe de dois *poiças* ao jantar, carne de meia tanga para o almoço; só o Jacó e o padre Antônio almoçam, outros bebem canja, sem toalha na mesa etc. etc. –; as vertigens que ele teve aos 5 anos, na igreja, que uns atribuíam a lombrigas, e outros diagnosticavam de ataques hereditários na família.

– Enfim, cada qual sabe melhor dos seus negócios, pouco me importa a vida alheia. Basta que os noivos coitados sejam felizes e *façam sua casa*.<sup>29</sup> Defeitos todos nós temos; quem não tem defeitos?

- Coitados; Dulce é um tanto tola.
- Jacó é um orgulhoso e pedante.
- Coitados!

O ULTRAMAR: 01/12/1894

## II

### DULCE PEREIRA

Dulce Sant’Ana Pereira era filha primogênita dos senhores Salvador Pereira e dona Raguzinda Cardoso, naturais de Breda, cidadãos muito respeitados aí pela sua seriedade, idade e haveres; o que tudo lhes granjeava o título de inofensivos.

A filha viera ao mundo em o dia da festa de Nossa Senhora de Sant’Ana, cuja oitava os Pereiras festejavam, desde tempos imemoriais, com muita pompa e pouco

---

<sup>29</sup> Para Olivinho Gomes esta é mais uma frase com estrutura concani: *Babddim okolnovro feliz zavn ghor kelea puro*. (In: FIGUEIRA & NORONHA, 2007, p.80)

dispêndio, porque originariamente esta festa servira a uns antigos advogados que havia na família, para arrecadarem, sob a forma de presentes, os seus honorários do atrasados – o que hoje se faz por intermédio de aniversários de nascimento do credor.

Com o volver dos anos, e perdida a memória da origem profana da festa, nos peitos dos Pereiras começaram a latejar labaredas de amor pela santa, as quais, não se tendo extinguido por longas cinco décadas, a Senhora de Sant'Ana foi considerada uma pessoa de família, com todo o prestígio de um ente vivo a quem se atribuía o bem que lhe advinha, e, dando-se crédito a cada um dos seus devotos membros, dir-se-ia que a mãe de Maria assumira a administração da pessoa e bens dos senhores Pereiras, de Breda.

Felizmente, esta família podia contar com o valimento da Senhora por longos anos, valimento incondicional e faccioso – porque até lhe dava vencidos pleitos, conseguidas nomeações para empregos públicos em prejuízo dos outros concorrentes, e elevado o preço do coco que a família vendia, e abaixado o preço do bate que comprava – pois a sua imagem trazida da Sé, onde fizera muitos milagres, estava encarcerada no oratório, algemada com algemas de ouro de santomé novo.

Quando conheci a filha de Salvador, todas as pessoas que se interessavam por ela, davam-lhe 15 anos.

Na época em que se passaram os acontecimentos que estou relatando – sete a oito anos depois – ela continuava, graças a Deus, a ter a mesma idade. Muitas meninas, menores em anos, saltaram-lhe por cima, mas Dulce estacara firme e ingênua, dentro das 15 primaveras. Não admitia no dorso convexo nem um janeiro a mais. Era o seu voto, como também de várias outras raparigas solteiras da sua idade.

Dulce não era bonita; podia-se chamar-lhe feia. Era trigueira, – dum trigueiro sujo, rebelde ao pó de arroz e à fricção de alvaiade – e abundava em tecidos moles; tinha o mau hábito de abrir muito a boca e os olhos quando visse gente estranha e de preencher com riso sobejo a míngua de termos portugueses.

Mas como era objeto para *venda*, os que lhe desejavam bem, capitulavam-na de elegante ou esbelta – pelo menos com os estranhos – se não preferissem encobrir conscienciosamente a sua opinião sobre este melindroso assunto em uma aluvião de elogios às suas outras prendas, de difícil verificação, enquanto estivesse sob o pátrio poder.

De certo, por via de regra, a menina solteira bredense é um enigma. Pode ser pintada como um demônio ou um anjo, sem que haja quem confirme ou desminta estas

qualidades, com verdade, exceto os pais e os íntimos. São sepulcros, e alguns dealbados.

À maneira de todas as meninas de Breda, da sua idade, Dulce frequentara, quando criança, a escola régia de meninas da cidade. Como todas elas, obteve 30 valores nos exames finais, e, como acontece a várias, ao cabo de três meses varreu-se-lhe da memória tudo o que sabia.

De modo que aos 19 anos reais e 15 *para casamento* escrevia *faça* com dois ss e Bernardo, *Bernado*, e não percebia muito bem a cartilha de preparação para a comunhão e o manual de missa, que todavia levava à igreja por ser bonito e por moda. Mas gostava de ler o *Rocambole*.

Seus pais, porém, não se apoquentavam com isso.

Dulce pouco tinha a escrever, e, quando fosse preciso exhibir as suas prendas literárias a Lília – uma amiga da capital – era o pai quem lhe minutava a carta, que copiava sem a perceber, com caligrafia aleijada.

Tanto era inocente.

Salvador e esposa gabavam as prendas da filha em toda a parte, o que os pais devem fazer, sempre que puderem.

Simulavam admiração pelo seu talento, pela sua discrição “quando fosse necessário falar em português”; pelos seus progressos no piano, que, de resto, não tocava em público “por não saber de cor as músicas”, atestava a mãe, com confirmação paterna; pela sua seriedade diante dos ditos mordazes da mocidade dourada da cidade, que lhe deu a alcunha de *Xencor*, não sei por que, e pela sua habilidade culinária.

– Ela faz doce de gergelim, que padre Saturnino elogiou sempre, garantia dona Raguzinda, lambendo os beiços.

Dulce era reputada rapariga recatada, pouco saía por motivos profanos, mas todo dia estava postada à janela que dava para a rua.

Quando passava por aí algum janota, fingia não olhá-lo enquanto estava de frente, porém lambia-o com os olhos pelas costas.

Era esta a manha velha de muitas bredenses do meu conhecimento.

\*

A educação musical da filha de Salvador era dirigida pelo senhor mestre Valles.



Senhor mestre. Com este título – um misto de acatamento, desprezo e troça – é mais conhecido na Índia, o Judeu Errante canoro, que dá lições de música.

Para a menina moderna, no tempo que vai, o mestre de música é tão indispensável como a cuia, o cabide, a banheira, o óleo de coco e a água de Kananga.

Ela perde 60% no conceito do público, se não teve mestre em qualquer época da sua vida, por mais remota que seja.

Tenha ou não vocação para a música, tenha ou não voz afinada, é imperioso, necessário que ela ruja por algum tempo uma canção, que açoite sem dó o piano-forte, sem respeito às suas cans, nem atenção à sua camurça rota, pedal quebrado, e cordas rompidas.

O senhor-mestre germina quase sempre nas escolas paroquiais de canto – conservatório dos desafinados – faz sua *debute* na igreja, à missa cantada, sob a proteção do órgão, e celebra-se nos enterros, procissões, e nas ladainhas, que ele chama *laudavinha*.

Pouco a pouco, o senhor-mestre penetra nas casas particulares, a princípio por empenhos, afinal, depois de bem lançado, por favor, onde ensina a música ao sexo feminino, fornece-lhe a letra e música manuscrita dos *mandós*, grasna ao piano, até que por fim – se forem felizes na carreira – alguns trocam a rabeça pelas chaves das dispensas das casas onde gozam de confiança.

O mestre dá lições às horas, e quando divide estas, distribui também as refeições: almoça com Paulo, janta com Furtado, arrota com Rebelo, ceia com Pereira, dorme e ronca em casa de Colaço.

Com a rabeça, ele julga-se capaz de ensinar todos os instrumentos, desde a requinta até o minicórdio.

Os instrumentos que desconhece, substitui-os pela voz, embora o ensinar piano sem saber tocá-lo é ensinar a caligrafia com as mãos algemadas.

É por isso, é porque se vão vulgarizando esses *mestres pianistas* ignorando piano, que muita menina bredense o matraqueia com um estilo híbrido.

Eu fui pianista também no meu tempo.

Comecei por aprender com um velho de Seraulim, Manuel Coutinho, e cheguei até as alturas da peça *Batalha de Praga*, que então estava em voga apesar de velha e revelha.

Ao passo que eu batalhava com o teclado, ele, o mestre olhando-me por cima dos óculos, carrancudo, batalhava com a minha cabeça, com uma régua, que me lembra ainda que era preta.

Mas, Manuel Coutinho sabia tocar piano, e enquanto estive sob a sua direção inteligente, conhecia os valores das solfas.

Depois da morte do velho – bom velho que me compensava as lágrimas que me fazia verter durante a batalha de Praga, deixando-me rir à farta, quando cabeceava de sono, brandindo a régua temível, depois do jantar – outros vieram, bons músicos sem dúvida, que ensinavam, cantando.

Ora deu-se então em mim um fenômeno singular: à medida que eu ia ganhando em agilidade dos dedos, já não conhecia as solfas, a ponto de ter desvergonha de lhe perguntar: *Senhor Mestre, onde cheguei?*

É que me guiava pelo ouvido, que julgo tinha bom, porque escutava o resfolgar brando dos mestres, que dormiam ao lado, sentados, os quais eram todos velhos e habituados a tomar sestas, e retirava-me de mansinho, deixando-o a ensinar música muda ao teclado.

Quantas chineladas dos meus maiores não me valeram essas pequenas garotadas na minha infância, para a qual ainda quiser voltar apesar delas!

O mestre moderno é doutro feitio. É mais alerta e menos músico penso eu.

Entre ele e a discípula parece haver um contrato tácito de enganar o mundo. Um tem de ganhar a vida, outra o casamento; por isso mutuamente se elogiam.

Perguntem ao mestre sobre as suas discípulas: são todas Adelinas Pattis. Tomem informações da menina com respeito ao mestre: é um Verdi, um Gounod! Até aqui não consta que o mestre tenha desacreditado a discípula, nem esta aquele. Um teme o outro.

\*

Se o mestre simpatiza com a régua – que ele empunha com o pretexto de indicar o compasso, e termina por marcá-la na cabeça ou ombro dos discípulos –, é incompatível com a língua portuguesa. Um bom músico nunca ensina nesta língua – seria profanar a música.

Quando a menina brendese entoa, por exemplo, *com grazia*, serena, com voz plangente, a *Traviata*:

Libiamo, libiamo ne'lieti calici.

Che la bellezza inflora....

subitamente ouve-se o senhor mestre rugir:

– *Arê bemol galli*<sup>(a)</sup> ...*tem bemol ... ta.. ta.. ri... ri... côri...* com *grazia ham!* ...

Vamos.

A discípula continua com o bemol e sem paixão, mas o mestre interrompe, gritando:

*Arê com grazia! com grazia! Côre ré baé. Conn ré hi choli! Tschibabá!*<sup>(b)</sup>

– Senhor mestre, o que significa *conservez lês deux pedales jusqu'à fin?* Pergunta a discípula.

– *To tuzó tocló*<sup>(c)</sup>, replica ele, encobrindo a própria ignorância.

Há uma grande variedade de mestres.

Eu, porém, prefiro dividi-los em dois, desprezando os seus outros cambientes: eles são mudos e falantes.

Os mudos são os que cantam mais e ensinam melhor. Pouco se importam com a vida da família da discípula, quando pagos com regularidade.

Os falantes ensinam menos. São inquiridores, serviçais, confidentes das discípulas. É, por via destes, que se vem no conhecimento dos segredos mais íntimos de uma família.

De colaboração tácita com as criadas, eles publicam, não raro, um jornal verbal, que trata da vida privada das famílias, e que tem tantos assinantes, quantas são as discípulas do mestre, e é por intermédio dele, que as coisas<sup>30</sup> domésticas mais secretas vêm à supuração.

Nunca alvitrarei, contudo, que se acautelem do mestre, porque, sem o seu jornal, em que se entreteriam as famílias, numa sociedade, onde não há bibliotecas, nem clubes, nem teatros, nem outras quaisquer diversões?

É necessário, acho eu, que nos acomodemos às circunstâncias das coisas, e que transijamos com as instituições. – O “senhor mestre” é uma instituição – que os nossos costumes reclamam.

Eu sei perfeitamente que a donzela que atravessa a rua de caminho para a missa, com andar de procissão, afocinhada, sem olhar para a direita nem para a esquerda, como o cabo Caeiro na formatura exceto ao pé da loja do vendedor de *bojins* – conhece todos os meus defeitos.

---

<sup>(a)</sup> Ponha bemol. (nota do autor)

<sup>(b)</sup> Faça com grazia. Que menina é esta! Oh, Deus! (nota do autor)

<sup>(c)</sup> É a sua cabeça. (nota do autor)

<sup>30</sup> A partir de 1907: “que fatos domésticos os mais secretos”.

Não me envergonho, não me<sup>31</sup> coro diante dela.

Resigno-me com ciência de que a sobredita donzela, apesar de todas as suas sedas custosas, diamantes rutilantes, perfumes embriagantes e luvas alvíssimas do valor de 25 rúpias o par, esteve na véspera dentro do celeiro descarregando bate com as suas mãos; de que o *dandy* que veio com flanelas sarjadas, cor de âmbar, cartola de Bennett & Cia, fumando cerimoniosamente, não calçou peúgas e que tem a camisola em putrefação.

É o mestre falante, as criadas que me informaram, e me colocaram em condições de não julgar o próximo por aparências.

\*

O ULTRAMAR: 07/12/1894

O mestre de música, inconsciente ou consciente, existe *ab aeterno*. Sob forma de Ashavero cantante, é dos nossos dias, desde o advento do piano-forte no seio de famílias.

Ninguém admite esse instrumento, que se vê em todas as salas de Breda, pacato e repousado, vestido de pano vermelho de linha, agasalho como um octogenário doente, tratado pela menina da casa com acatamento filial e por outros com veneração; de que o criado não se aproxima com receio de o molestar; que se não expõe diante de janela aberta no inverno e no frio, como o papá grande; de que se fala como dum ser animado: – Está surdo, está mudo; a cujas vísceras não tem acesso se não um cirurgião hábil e de boa fama, armado de óculos e pinça, semblante grave, que é melhor pago do que vários cirurgiões pela escola médico-cirúrgica de Nova-Goa; o piano, repito, não se traz na família por amor à música.

O chefe de família pensa em ter um genro e um piano na mesma data.

Se não há necessidade daquele, também este não se faz preciso. Do mesmo modo, se o papá não quer comprar o piano é sinal quase certo de que não quer comprar o genro.

Quando o piano der entrada em casa duma herdeira rica, os pretendentes podem aprontar os documentos. Está aberto o concurso.

---

<sup>31</sup> A partir de 1896: “nem”.

Igualmente, o mancebo que comprou o código civil português, e vai à aula de direito, tacitamente anuncia que está aberto o concurso para o lugar da sua esposa.

Os que se não consagram à jurídica casamenteira, têm a reforma das casas, o dandismo do moço, e vários outros sinais, convencionados, como pregões que anunciam que estão em almoeda as suas pessoas.

São verdades que ninguém é capaz de me contestar, embora haja casos esporádicos.

Na Índia, o piano-forte, como o homem jurídico, não morre. É eterno!

Quando já não tem cordas, nem teclados, é ainda prestável: honra a família com a sua presença respeitável, dá aos seus membros créditos de músico, e eleva-os na estimação das visitas.

– Então não tocam piano?

– Tocamos. Está desafinado. Não veio o mestre para afinar.

Tudo falso. Dentro do piano vivem impunes quatro ratos.

A sua senilidade é lenta, e digna de respeito.

Como o avô, entretém as crianças com os seus sons roucos e guturais; perde o marfim do teclado, à maneira de dentes; enrouquece no inverno, vocifera mais claro no verão; sucessivamente tem atonia intestinal, a camurça com mal de Bright, o pedal paralítico.

Ainda neste estado há quem o martele: é a menina *incasável*, ainda esperançosa, para não perder a agilidade de dedos, embora metade do teclado não dê acordo.

Mas o piano-forte tem uma velhice má: é quizilheiro.

Incomoda os vizinhos com sons rabugentos e inesperados; perturba a leitura; faz tonturas.

Sou capaz de ler volumes inteiros numa tecelania, mas nem uma página ao alcance dos sons de um piano velho.

Parece perturbar positivamente, por troça, por má vontade, a minha leitura. Faz frenesi; trás desejos de dar açoites na tocadora, empurrá-la para fora da sala e quebrar a cara ao piano.

Tomo até ódio à música que se executa.

Se o piano não morre, é várias vezes substituído por outro, mais novo, quase sempre por ocasião ou por causa do casamento, e quase nunca por amor à música.

Enquanto a donzela bate o piano em casa, os pais não raro batem os matos lá fora, para fazer saltar os noivos; mas batem em segredo absoluto, sem estrépito, cautelosamente, para não espantar a caça.

Se a caça não pôde ser apanhada, não se resignam, negam que tivesse havido caçada, para salvar os créditos da matraqueadora do piano.

Nunca se pensou nisso, dizem. Ela é muito nova, inocente, e, baixinho, como suprema razão – *não está mulher*.

O segredo faz explosão. Discussão geral:

– Está mulher.

– Não está mulher.

Para se arrancar a pobre menina ao vexame de passar<sup>32</sup> por recusada, põe-lhe às costas uma tabuleta dizendo: *Não está mulher*.

E ela lá vai pelas ruas, olhada pelos homens com o mesmo sentimento que à mulher inspira o eunuco.

\*

Diz-se que Deus escreve direito por linhas tortas.

De fato, Deus deu-nos o piano, fonte de harmonia, para castigar os nossos tímpanos pecadores.

Como assim?

Pela mão da pianista, como Dulce.

De certo, quando ela nos primeiros anos assentava os alicerces da sua futura fama de pianista-exímia-saiu-à-avó, por que suplícios horrorosos não passou a gente da casa, que, de resto, não podia ouvir um grito agudo sem desmaiar?

Que cruciantes dores não eram aquelas, quando a menina ensaiava os exercícios, para agilitar os dedos, exercícios sem harmonia, estridentes, arrepiantes, irritando os nervos, estrugindo a cabeça, tilintando cem vezes, duzentas mil vezes, sem fôlego, sem solução de continuidade, toda a manhã, toda a tarde, metade da noite, à madrugada, ao meio dia, de improviso, com violência, com pressão no pedal que nada têm neles a fazer!!

Que castigo para o leitor, para o estudante e para mil outros, menos para Dulce, cujos tímpanos pareciam estar anestesiados!

---

<sup>32</sup> A partir da edição de 1907: “passar por noiva recusada, põe-se-lhe uma tabuleta com este dizer”.

Depois veio a época de polcas, valsas, peças.

– *Baí* toque aquela nova valsa de Estraço. Mostre a este senhor.....

Resposta: uma careta e dois trejeitos.

– Mas toque, para que serve aprender e saber tanto, e não mostrar à gente?

– Não tenho exercitado.

– Então toque outra, que deu o mestre Ricardo.

– Não sei de cor...

Um beliscão disfarçadamente dado, resolvia a situação.

Dulce ia focinhuda, sorna, e de mau humor ao piano; espancava-o no compasso de valsa, que marcava com o pé no pedal, de maneira que o instrumento bramia e arrulhava, alternadamente, de acordo com o compasso marcado no pedal.

Dulce, como prova ostensiva da sua compenetração da música, dandinava o corpo à direita e à esquerda, para frente e para trás, também de acordo com o compasso.

Esta valsa de Dulce era a única e a melhor do seu repertório. Tinha tocado mil vezes, diante das visitas. As outras não estavam em condições de ser executadas em público, porque falhava há três anos, ou, em frase parlamentar: porque-não-sabia-decor.

Que lindos trechos musicais, que admirei e me encantavam, vai para anos, não odeio agora, à força de ouvir tocar a mesma pessoa quatrocentas vezes?

O pianista que me quiser obsequiar, tocando *Forza del Destino* de Verdi e o *Carnaval de Veneza*, pode contar com um puxão de orelha, por agradecimento.

Prostituíram estas músicas.

\*

Dulce aprendia música sob a direção do mestre Valles como disse. Era um mestre mui popular este Valles. Em Breda procuravam-no todos, as mããs principalmente. O homem sabia insinuar-se. A todas as mããs dizia invariavelmente:

– De todas as minhas discípulas, a sua pequena é a melhor. Não digo isto para lisonjear.

E todas as mããs estavam satisfeitas. Admiravam o mestre, com fervor, fiavam nele uma cega confiança.

Mestre Valles ensinava o piano, mas não sabia tocá-lo.

É segunda-feira, são dez horas, vem o senhor mestre cantarolando a última parte da música, tocada pela discípula, a quem ultimamente deu lição.

– *Baí*, veio senhor mestre, ouvia-se dizer dentro.

Dulce que andava a buscar o ovo que a sua galinha devia ter posto, ficava contrariada com o anúncio.

A pequena aprendia a famosa *A la vita* de *Ballo in Maschera* por Verdi.

Esta música do grande maestro italiano teve, anos atrás, uma voga incontestável em Breda, e muitas meninas conseguiram casar, sem nenhuma prenda digna de menção, só pela força de *A la vita*. Toda a menina que se prezava, devia sabê-la. Sem *A la vita*, a sua instrução não se completava. Verdi foi o Rouget de Lisle de Breda, e a *A la vita* era a *Marselheza*, com que muitas amazonas partiram para a conquista do marido.

Nessa época *A la vita* era o ponto obrigado para o concurso de noivas. E é com ela que se apurava o mérito relativo das concorrentes. Estes concursos eram anuais, como de oficiais de justiça, por via de regra, em Janeiro, nos bailes.

O seu *modus operandi* era o seguinte: No meado da noite subitamente ouvia-se um sussurro. Em todos os cantos dizia-se:

– Senhora canta! shiu! Senhora canta.

Seguia-se um silêncio profundo, mal contido. Os dançarinos sentavam-se consternados, muitos hóspedes retiravam discretamente da sala. Iam fumar, conversar, em outro lugar.

O pai da concorrente entrava então, solene, com um caderno de música, sujo como esfregão, manuscrito.

Era a famigerada, monumental, catedralesca *A la vita*.

Entregue o caderno à concorrente, esta erguia-se pálida, trêmula e gargarejava:

*A... la... la... vi... vita*  
*Vi... vi... la... ta*  
*Ta... la... ta... la... la...*  
*Vi...vi...vi... ta... la...*

A mãe, coitada, agachada em um canto, ansiosa, aflita, com olhos arregalados, nervosa, seguia automaticamente o canto da filha, movendo os lábios, e distintamente se podia ver que ela também dizia para si:

*A... la... la... vi... ta...*  
*Vi... vi... etc. etc.*



Eu era então um garoto, e quando uma menina cantava, deleitava os meus ouvidos com a sua música, e os meus olhos vendo a cara da mãe e as suas caretas inconscientes.

Esta cena repetia-se cinco ou seis vezes; cinco ou seis donzelas mostravam ao público a sua *A la vita*.

No fim de cada cena havia um bravo obrigado, de lei, quer a cantora fosse bem, quer mal, dado pelos convivas aborrecidos e dançarinos sonolentos, e na cara da respectiva *maternidade* desabrochava um júbilo ingente, que ela manifestava com discrição, modéstia e civilidade.

Hoje não é assim. A *A la vita*, velha, desdentada, prostituída foi expulsa da sociedade decente, e cada menina canta o que quer: *A Mandolinata*, a *Musica Proibita*, o *Funiculi-Funiculá*, de maneira que não é agora possível apurar-se o mérito relativo da menina moderna.

\*

Voltemos ao mestre e à discípula.

Dulce vinha à presença do mestre Valles, quase sempre contrariada; e, antes<sup>33</sup> de pôr-se ao piano, limpava os dedos ao vestido – precaução inútil, porque o teclado estava sujo há anos.

– Então já exercitou? interrogava o senhor mestre.

– Sim senhor, mentia a pequena com desplante.

– Vamos.

Começava a *A la vita*, pela centésima vez. No fim dum quarto de hora, alguém gritava de dentro à Dulce, que viera o padeiro com bolacha.

Dulce corria, dizendo: Espere, senhor mestre, *ham!*

E lá se ficava, entretida com a bolacha, enquanto cá na sala o mestre bocejava, cantarolava folheando músicas.

Quando Dulce voltava, trazia a cara lívida de raiva, transtornada. Tinha sido levada até a porta da sala, aos empurrões, pela mãe.

Começava de novo a lição de *A la vita*.

---

<sup>33</sup> A partir de 1907: “antes de se sentar ao piano”.

Nova interrupção, viera o *lonim* de Betul, que pagasse o portador, porque estava com pressa.

Corria a pianista, satisfeita, como se, com a falta do *lonim*, morresse a família toda.

Volve meia hora: Dulce sem vir. O mestre aborrece-se. Como não entra no interior da casa, manda-a chamar.

O que? Não foi ainda? que a busquem, marota, sem aplicação, *burra!* Vai a mãe, os irmãos, os criados. Não está no quarto, nem no corredor, nem na cozinha. Vão ao quintal. Não está. Onde está ela?

Onde está? É boa. Está onde lhe é livre ir. No forte, onde eu, nem o leitor pode entrar; donde não a podem desalojar nem à força, nem por meios suasórios; porque não há raciocínios possíveis contra certas necessidades da vida.

E vão lá buscá-la, ó janotas de casaca e luvas brancas.

\*

O ULTRAMAR: 15/12/1894

Este método de ensinar e aprender o piano tem vantagens e desvantagens: carear à donzela a fama útil de pianista-exímia, ensinar-lhe a depenicar algumas músicas, nas *soirées*, diante das visitas, – dar despesas aos pais e ao marido, – e não saber piano.

Daí esse fenómeno, que se dá em Breda, de haver muitas exímias-pianistas solteiras, e pouquíssimas senhoras casadas tocando piano. Estas damas são até apontadas a dedo como prodígios musicais, dignas de veneração.

Não é raro ouvir-se dizer de uma velha beleza: – “Ela foi grande pianista, tocou até depois de casada.”

Este *até* diz volumes.

Não sei por que, o casamento católico em Breda é prelúdio do divórcio da mulher com o piano.

Todos os sintomas traíam que as harmonias, que Dulce arrancava ao piano, estavam destinadas a ter estertores de agonia na época do seu casamento. A música de Verdi, a *A la vita*, a *Mandolinata*, a *Traviata*, matraqueadas cem vezes, mil vezes, coxeavam sempre no mesmo lugar, na mesma nota, no mesmo compasso, havia anos,

lustros e décadas, com ciência da vizinhança, do bairro, da cidade, do universo, da junta da paróquia, da câmara municipal...

\*

Não sei se Dulce tinha ou não vocação para a música. Mas posso afiançar que se, durante a sua aprendizagem, se conservasse longe do meio em que vivia, ao abrigo de mil e uma interrupções e distrações que encontrava em casa paterna, impedindo-lhe um trabalho sustido e contínuo, que é essencial ao músico, ela seria “pianista exímia” de diferente feitio.

Mas isto só se conseguiria indo a uma escola de piano dirigida por senhoras, onde podia convergir toda a sua atenção ao estudo; viria-lhe a emulação, o empenho de sobrelevar as companheiras.

– Mas não há semelhante escola em Breda, dizia o pai de Dulce.

Onde houver discípulas que queiram frequentá-la e pagar, a escola há de nascer.

– Mas meninas crescidas não devem ir às escolas, objetava dona Raguzinda.

Não sei porque, hoje que as “crescidas” vão aos bailes aos cardumes acaudilhadas<sup>34</sup> por uma irmã casada ou por um irmão pelintra e palerma.

Nos bailes elas divertem-se a valer e tomam cuidado da sua pessoa e bens.

A *crescida* vai também à rua acompanhada só por um criado hipotético de 7 anos, que atrás dela faz todas as judiarias, apedrejando, brigando com os seus conhecidos, fazendo caretas aos viandantes e imitando o andar de *baí* com momices. Quem pode duvidar que estes guardas das *crescidas* à primeira agressão à ama hão de esconder-se entre as suas saias?

Elas são também acompanhadas, às vezes, não só pelo senhor mestre, mas ainda, e simplesmente, por jovens admitidos na família como amigos, pelos serviços officiosos que prestam onde há *crescidas*.

Mas a menina deve estar sempre ao lado da mãe, e ser educada sob sua direção, dizem.

De certo, exceto quando a mamã foi<sup>35</sup> educada nos arecais de Currá.

Neste caso, em vez de se lhe confiar a direção da educação e instrução da filha, é melhor deixar operar a natureza.

<sup>34</sup> A partir de 1907: “*chaperonadas*”.

<sup>35</sup> A partir de 1907: “tenha sido”.

\*

A instrução literária de Dulce era havida por esmerada, o que não era razão plausível para ela não ignorar a redigir – *notar* diziam em Breda – uma cartinha mais trivial no gênero: Estimarei-muito-que-a-boa-prima etc....

Porque, diga-se à puridade, a prenda inestimável de saber *notar* com correção uma carta era reputada em Breda um fenômeno raro, original mesmo, que só se dava nas eleitas do Senhor. Por isso as *senhoras-que-notam* por si – três ou quatro ao todo – são veneradas como santas milagreiras, e envolve-as uma auréola de prestígio, que passa à posteridade.

Não é, porém, verdade que elas não escrevem de todo. Escrevem, mas só ao marido, que tem a precaução de sepultar a prosa errada da esposa no fundo do baú, revestida de caráter de coisas secretas.

Mas em compensação Dulce *sabia* inglês, isto é, sabia que *man* significava homem, *god* deus, *pig* porco, *girl* rapariga, *tree* árvore e... três.

Percebia também de diálogos, e falava a seu modo, em segredo, raras vezes com os estranhos, frequentes vezes diante do pai que media a sapiência da pequena pela sua ignorância.

Aprendera isso, porque todos eram unânimes em Breda que uma menina *deve saber inglês*, porque sem o inglês não pode haver rapariga decente.

Que sensação inexplicável para o papá, quando a pequena, atacada com o famoso e conhecido grunhido:

– *How do you do?*<sup>(a)</sup> replicava, afoita, de pronto, embora estivesse doente:

– *Quite well thank you.*<sup>(b)</sup>

E depois, quando ela falava com a prima Fermina, educada em Khanapur<sup>36</sup>, por um tio, missionário, natural de Cuncolim, prima que gozava fama de ter tido uma educação inglesa, – que orgulhosa que não ficava a mãe?

– *Going to church, this evening?* perguntou um dia Fermina.

– *Not go church, this evening*, replicou Dulce com petulância.

– *Tomorrow?*

---

<sup>(a)</sup> Como vai?

<sup>(b)</sup> Muito bem, obrigado.

<sup>36</sup> Cidade que ficava na Índia Inglesa.

- *Mamã come I come.*
- *Who is your teacher?* inquiriu Fermina.
- Caetano Melo.
- *Who is Caetano de Mello?*
- *Teacher.*

A prima ficou embatucada<sup>37</sup> e disse:

- É bom que você *ponha* uma pergunta.
- *Thou hadst gone to ball?* fez Dulce.
- *Which ball?*
- *Of Camilo of Costa of Raia.*<sup>38</sup>
- Você *faze* erros, dizia a prima.

Mas porque precisa a menina bredense do inglês? Está até aqui apurado que é para ler o jornal de modas. Quem recebe o jornal de modas? O Senhor Antônio Faleiro, de Carambolim. Quando carece a menina bredense desse jornal? Quando o papá vender o coco, e tiver dinheiro.

A língua portuguesa é pois tacitamente sacrificada, para a menina poder consultar o jornal de modas, quando papá vender o coco, subscrito por um amigo de Carambolim.

\*

O ULTRAMAR: 29/12/1894

Dulce gozava fama de devota, sem carolice.

Era eclética. Obedecia aos preceitos promanados do púlpito ou da cadeira da estação, de envolta com textos latinos, com escrupuloso acatamento – enquanto não fossem de encontro às suas crenças sobre objetos profanos.

Se o pregador lhe aconselhasse a que infringisse a lei da moda, não cumpria; se lhe mandasse rezar 50 terços, perfeitamente.

Se fulminasse a cuia da última moda, por indecente e provocadora de sentimentos lascivos na mocidade devota, fazia ouvidos de mercador; se lhe determinasse que fosse mais frequente no templo, obedecia incondicionalmente.

---

<sup>37</sup> A partir de 1907: “embasbacada”

<sup>38</sup> “De Camilo da Costa, em Raia.”

Porque, diga-se à puridade, o templo na Índia é também palácio destinado à exposição da beleza e de fatos novos.

Por exemplo, uma rapariga do bairro Bordá, da vila de Margão, habituada a ir ouvir a missa à capela de São Joaquim, há de inesperada e infalivelmente aparecer na igreja matriz, no domingo em que usar, pela primeira vez, o seu vestido novo.

Isto é fatal, fatalíssimo.

Dulce e a mãe eram frequentes na igreja: o sacristão e o meirinho estavam familiarizados com os seus sinais semafóricos, pedindo a confissão ou a comunhão, o padre Júlio ou o padre Rafael.

Além disso, era unânime a opinião na cidade que ambas estas senhoras se conservavam no templo com um recolhimento de *fakir*.

E de fato, ninguém as via saudar as suas conhecidas, nem tão pouco levantar a vista do chão ou dos seus manuais.

Contudo, em casa, de volta da igreja, mãe e filha tinham, por via de regra, um colóquio semelhante:

– Ó mamã, não viu o vestido de Coronata? Estava tão aberto no colo... *Xi*... quem é seu alfaiate, mamã?

– João Paulo... mas também João Paulo coitado o que há de fazer? ... O seu corpo é feio...

– E Tertuliana tinha carregado a cara com pó... O que ela quer é ficar alva...

– Coitada! acrescentava a mãe. Estava constantemente voltando-se para os bancos dos homens e bulhando com uma mulher *surda*... Que alto que ela se assoava!

– Aquilo é para ser vista por Jacó.

– Qual Jacó! dizem que ela gosta do Ramiro.

– Que Ramiro?

– Ramiro, sobrinho do padre Sertório.

– *Xi*... Ele o que tem, para casar?

– Eu lá sei?... E aquela tola da mãe não sei o que pensa.

– Diga isto... Mamã não viu a Rita, mulher do Câmara? Trazia chapéu velho da filha casada... coitada!... parece que não lhe chega o rendimento.

– Qual! esta gente de Bardez é assim, murmurava Raguzinda, compartilhando o velho ódio das mulheres bredenses às mulheres de Bardez.

– Mamã... que bonito estava o corpo da Josefina... usou aquele vestido de Sabino.

– Dizem que vai casar com Jeremias.

– *Ham!* diga isto.... é por isso que a mãe de Josefina e Carlota, irmã de Jeremias, estavam a conversar durante toda a missa do padre Rafael... Toda a gente estava a olhar para elas... eu não sei como elas se confessam. No dia dos anos de Joaquim Sanches Josefina dançou quatro vezes com Jeremias...

– Não, duas vezes, corrigiu a mãe.

– Não, mamã; duas vezes pode-se dançar com um rapaz, sentenciou Dulce; mas foi quatro vezes... que escândalo! Eu preguei bem a Jeremias: veio-me oferecer um bilhete de contradança de lado, quando viu que não encontrava par... Recebi o bilhete e fui dentro... Mamã, a mim também compre, *hom...* vestido de Sabino.

– Está doida? Onde há dinheiro? Todo o coco está na loja... Papá tem de pagar juros. Visvambor há de vir para conta, e eu não tenho um *poíça*... quando vejo a Visvambor, tenho medo que ele entre dentro... Fico envergonhada.

– Então que vestido hei de usar para festa de Milagres?

– Use aquele roxo.....

– Mas aquele está desbotado no sovaco, e as rendas estão sujas.... *xi...* nem se pode ver...

– Então não vá à missa... Eu direi à gente que você passou incomodada.

– Prima Rosa, Adelina, prima Assucena, até Tatalícia, filha de Monê-irmão, têm mandado fazer vestidos novos para a festa...

– Por isso devem a todo o mundo, disse dona Raguzinda: bom... bom... veremos até então.

\*

Dias antes da conferência havida entre o padre Antônio Dantas, sua cunhada e dona Doroteia, de que tratei atrás, os pais de Dulce receberam a quarta repulsa à oferta da sua mão.

Quando ela foi oferecida ao primeiro rapaz, os pais prometiam 3 mil rúpias de dote, terça parte das suas legítimas.

Foram repelidos dizendo que Crisanto não pensava em casar tão cedo, mas dias depois anunciava-se o seu ajuste com Aurora Carvalho, por 2500 rúpias, mil rúpias em

datas e um emprego, que o doutor Carvalho, pai da noiva, médico abalizado e chefe de partido, lhe prometera.

Sucessivamente Salvador Pereira ia aumentando mil rúpias, por cada evasiva que recebia.

A quarta proposta foi com seis mil rúpias, e Salvador não queria dar mais.

Mas dona Raguzinda estava inconsolável, desejava ver a filha, a sua primeira filha, casada, a todo custo, ainda que fosse com um estafermo. Aliás, que diria o mundo?

– É uma vergonha para a família, dizia ela aflita, não casar a primeira filha. De mais, Dulce parece perder o juízo.... está todo o dia à janela... requebra-se muito quando vê o sobrinho do padre Sertório... Ramiro.

– Mas onde há noivos, senhora? exclamava o marido, irado e contrariado.

– Está o Jacó Dantas... disse a mãe.

– Jacó? Aquele pé de boi... a minha filha ser nora da bruxa da Especiosa e seu mestre...

– *Xi...* O que está falando, *hom?* ... Você sabe? Assim mesmo não é bom fazer mau juízo da gente. O padre Antônio Dantas é um bom padre.

– Sem dona Doroteia! replicou Salvador com uma gargalhada cínica, em que tomou parte também a mulher fazendo cruces na boca, e murmurou.

– *Xi babá! ... xi babá! ....* Porcaria... Falar contra padres!!

Seguiu algum silêncio.

– Mas, a menina o que tem com isso? começou a mãe de Dulce.

– Tem muito, objetava Salvador com o receio de ter de escarrar mais mil rúpias – aquela inocente não deve saber semelhantes coisas, nem tomar parte nelas.

– Deixemos! ... Inocente! Ela sabe tudo: Sabe de cor todo o escândalo dos Sanches. Eu ouvi, ela e Terezinha conversarem nisso, e percebi que ambas estavam bem maduras.

– Mas quem lhe foi dizer aquilo?

– Parece que foi a Joaquina, a aia... Ouça o Jacó não é mau rapaz, é bem comportado... Pode não ser muito inteligente... mas também sei o que fazem os inteligentes.... são uns orgulhosos e nada mais. De mais, é advogado...

– Que advogado... não sabe nada...

– E outros o que sabem? o que sabe Anacleto? Jacó não bebe.



– Isto não... nem vi, nem ouvi. Mas aquela é uma gente suja e fona... capaz de dar a vida por um *poiçá* .... O vestido de Especiosa está cor de pinhão... O padre cheira mal... o rapaz é certo que se veste razoavelmente, mas isto há de ser só até casar... tenho visto muitos destes...

– Isto ou aquilo, teimava Raguzinda, o rapaz é bom... e está arranjado. Além disso a menina vai crescendo, tem 23 anos... e quando se tem tanta idade, o dote necessariamente deve ser mais. Eu tenho susto, careço de vigiá-la... não posso sair da casa. O seu vestuário custa dinheiro, e quando não lhe dou os vestidos que pede, zanga-se, reponta, e não fala comigo... Depois da nossa morte, bulha certamente com os irmãos, que não hão de aturá-la. Jacó é manso, há de ceder.

– Pois bem, lá irei falar ao padre Antônio.

– Olhe, não mostre muito empenho... deixe-lhe perceber que a menina é pedida... que se acomoda com tudo.

O leitor sabe o resto.

O ULTRAMAR: 05/01/1895

### III

## O AJUSTE DE CASAMENTO

O padre Antônio Dantas não era qualquer lesma. Bem podia ser que não fosse fundo latinista e atilado moralista; mas sabia viver no mundo e tirar dele todo o proveito lícito. Os seus conhecimentos canônicos compendiam-se no seguinte: *Estar bem com o senhor arcebispo*. Porque, diga-se sem receio de errar, a maioria dos clérigos indianos, com uma aparência de abnegação, é pretendente disfarçado a pároco.

E o padre Antônio nunca perdera esperanças de paroquiar uma igreja, apesar dos seus trinta anos de abstinência literária, canônica e científica.

Acresce a isto que sua reverendíssima era um perfeito homem de negócios. Profundamente versado nos preços de vários artigos à venda em diferentes bazares da cidade, fizera até um estudo comparativo deles, motivo por que era encarregado pela sua cunhada e por dona Doroteia, de compras. Nas compras era exímio.

Em vez de *mariologia*, ele parecia ter aprendido<sup>39</sup>, com mais proveito, a *comprologia*. Doutor em compras, coisa por ele comprada era coisa dada. Mas para isso quanta era a porção de energia que ele despendia! Quantas mentiras, tergiversações e saídas falsas no bazar! À sua volta, cor de anil, nadava em suores, mas<sup>40</sup> ele não cedia. Regateava três horas a fio, afinal subjugava o negociante. No dia em que lhe constasse que alguém comprara um objeto mais barato do que ele, o padre Antônio Dantas não tinha cabeça para ler o breviário. A sua honra estava ultrajada!

Tudo isto vem para dizer, que os interesses dos Dantas estavam seguros nas mãos do tio de Jacó.

O padre Antônio foi fiel à sua palavra dada a dona Doroteia, de não bulir com as negociações pendentes, do ajuste de Jacó e Dulce, antes de volvidos dois meses, e sem que o pai desta lhe tornasse a falar.

Em uma manhã de domingo, tendo Salvador encontrado com o padre, disse-lhe à queima roupa:

– Então, senhor padre Antônio, nada de novo?

– A respeito de quê senhor Salú? replicou o padre com refalsamento.

– A propósito da minha filha Dulce e do seu sobrinho Jacó...

– Ah! ... é verdade, disse o padre fingindo recordar-se: – tenho de lhe falar sobre isso... há umas dificuldades que...

– De quem? do rapaz?

– Nada...

– Da mãe?

– Espere... espere... não falemos aqui... Apareça lá em casa, falaremos mais de espaço... Não se assuste, homem..., há de se arranjar tudo, prometeu o padre Dantas.

– Assustar-me, nunca; minha filha...

– Ora não se irrite... venha lá para casa... falaremos... Até breve.

Salvador percebeu que havia vontade da parte adversa, mas que teria de lutar com bravura.

\*

<sup>39</sup> A partir de 1907: “parecia ter ele aprendido”.

<sup>40</sup> A partir de 1907: “contudo”.

Na Índia, um negociador de ajustes de casamento de conveniência, convém que seja bom diplomata, mentiroso exímio, desconfiado, atilado, possuidor de fino artifício de palavras que o habilite a voltar com elas – apregoando contudo a solidez dos seus princípios e a excelência do seu caráter –, que o capacite a apontar com o dedo os defeitos da parte adversa, sem alevantar melindres – a fim de elevar ou diminuir o dote.

Cumpre, demais, que esteja ao fato dos mais recônditos vícios do inimigo, dos seus fracos, dos seus pontos vulneráveis e mais partes; que seja paciente, muito paciente, por meses, por anos inteiros.

Raros ignoram talvez, que se tem dado fatos de a noiva ter sido definitiva e ignominiosamente repelida por duas vezes, e afinal realizado o consórcio, com acréscimo de algum dinheiro, no dote.

O negociador deve ter de memória o seguinte teorema:

*Os defeitos do noivo estão em razão inversa do dote;  
e os defeitos da noiva em razão direta do mesmo.*

Há negociadores oficiais e extra-oficiais.

Aqueles são os que tratam direta e abertamente com ambas as famílias. Têm direito ao convite para os dias subsequentes às bodas; assistem à entrega oficial da noiva, feita pelas competentes autoridades, com muita parola e não menos formalidades... na adega.

Estes negociadores, por via de regra, malquistam-se com as famílias dos nubentes, quando tomam muito a sério o seu papel.

Os extra-oficiais são os parasitas que andam por aí fora. São incumbidos de levar recados facilitadores do consórcio, piadas quando as negociações vão más, cumprimentos quando vão bem.

Estes sujeitos são de muito proveito, porque se encarregam de transmitir coisas e loisas que o negociador oficial não diria; mas não raro, deitam a perder tudo dando à língua.

São pagos com um convite para o baile, e com a liberdade de serem jocosos e aborrecidos nos dias subsequentes ao casamento.

Por algum tempo passam no seio de ambas as famílias, com o título aviltante de: *Coitado-bom-rapaz-muito-serviçal*.

\*

Salvador Pereira, como homem moderno e desabusado, não quis intermediário, e também o padre Dantas, por se fiar em demasia na sua prática de comprar cebolas no bazar.

Desceram pessoalmente à estacada; quiseram terçar armas de viseira erguida.

Em um dos dias de Janeiro de 188... Salvador apareceu subitamente em casa dos Dantas, à boca da noite.

O advento inesperado de uma visita de etiqueta na Índia causa muitas vezes mais confusão em uma família, do que a queda de uma bomba de dinamite no meio da casa que ele habita.

Como o modo de se vestir do índio não é o mesmo em casa e na rua, o indivíduo que recebeu a visita de um sujeito vestido com todos os requintes de moda e do luxo, pode ir encontrá-lo em sua casa de *langotim*.

Há destes contrastes neste país, com que o europeu deve contar, para não ficar espantado e depois falar mal da Índia.

Salvador esperou no repartimento que aqui costumamos chamar *sala de entrada*; mas em posição tal que Jacó, que estava com pés descalços e sem camisa, não podia ir buscá-la e os chinelos, sem ser visto por ele naquele desgraçado estado.

Dona Especiosa deu um pulo, sem ser vista supunha ela, e correu a mudar o seu fato sujo com farelo de *bate*, quando tomava contas às piladeiras.

O padre conseguiu aparecer de batina branca, sem alevantar no espírito de Salvador sombra de suspeita, que a sua predecessora fora uma *cabaia*.

Os criados buscavam acender, em vão, um candeeiro que estava na sala. Este candeeiro, havia um ano que gozava de um repouso, a que a sua provecta idade, longos serviços e provada virtude davam direito.

Mas lá se arranjaram como puderam.

Depois dos cumprimentos de estilo, Salvador Pereira começou, em ar confidencial.

– A tenção da minha mulher e minha foi sempre pôr a minha filha sob a proteção da senhora dona Especiosa, que é geralmente conhecida em Breda como uma senhora virtuosa, – mentia Salvador – de maneira que Raguzinda se contristou muito, quando soube que havia dificuldades...

– Estas dificuldades, meu amigo, são insignificantes; o que o amigo dá em dote, não é certamente para meu sobrinho, é para sua filha. Ora 7 mil rúpias parecem poucas para Jacó, – contradizia-se o padre. Ele é rico, bem conceituado e em linda posição..., acresce a isso o ser *sangue real*, e já tem tido propostas com 10 mil rúpias, que ainda estão pendentes, redarguiu o padre, pagando mentira por mentira.

– Não duvido, replicou Salvador; mas não tenho mais de 7 mil rúpias, meu amigo. Sou pobre. Isto mesmo que prometi, não sei donde arranjurei... E se ofereci tanto, foi simplesmente por causa do talento do senhor doutor Jacó, e porque sei que ele há de ser bom para minha filha – apesar de que Dulce tem sido por várias vezes pedida.... Mas eu é que não gosto destes casamentos de namoro, que têm dado maus resultados...

– Péssimos! ... péssimos! atalhou o padre com desusada veemência. Eu sou partidário do sistema antigo, que provou sempre bem... Estes modernismos... estas meninas modernas! ... borboletas!...

– Borboletas! Perdão, senhor padre Antônio; a minha filha, coitadinha, é muito inocente. Ela está todo dia ao lado da mãe, ou ocupada com o piano, costura, inglês e arranjos domésticos. Admiro como aquela menina tem tempo para tudo.

– Conheço sua filha, interrompeu o padre; é bem educada e instruída, e por isso mesmo cumpre não privá-la de coisa alguma, diz Santo Agostinho. Hei de comprar-lhe piano, máquina de costura, vestidos superiores e o que ela quiser, porque sei o luxo com que se vive em casa do amigo.... Mas tudo isto custa dinheiro... e quanto dinheiro? E espero que o amigo há de ajudar com alguma coisa, pelo menos com mais mil rúpias.

Salvador percebeu que estava pilhado, mas não se desconsertou.

– Ora essa, disse ele, estes objetos não se compram com o dote; o senhor Jacó pode ficar obrigado a repor no caso de óbito... Estes objetos sei eu muito bem que o senhor Jacó há de comprar com o seu ganho pessoal...

– Sim... sim, murmurou o padre atrapalhado com a manobra de Salvador. Mas nestes ganhos não se pode fiar... Há doenças... E peço que repare... creio que o senhor Aleixo Pereira, seu avô..

– Já sei... é uma calúnia isto de tuberculose, mentiu ele; é peta como isto de dizer que o pai do senhor Jacó morrera bêbedo, replicou Salvador pagando piada por piada.

– Parece incrível que o senhor Salvador esteja pegado à sua primeira palavra tão tenazmente.

– É meu costume... tenho única palavra.

– Neste caso fico de consultar minha cunhada, e darei-lhe<sup>41</sup> resposta mais tarde.  
Ficaram nesta altura as negociações.

\*

O ULTRAMAR: 12/01/1895

Volveram quatro meses.

A verbosidade de Jacó aumentava de dia para dia, quando estava de volta do prédio.

O padre Antônio andava macambúzio e aflito, com o receio de que a coisa viesse à supuração.

Salvador não dava acordo.

Do seu lado, dona Raguzinda assustava-se pela filha, que sustentava doutrinas originais sobre o amor, que ela não percebia, por isso achava-as más.

Julgava-a inspirada pelo sobrinho do padre Sertório, Ramiro.

De resto, ninguém podia esperar de dona Raguzinda que soubesse o que era amor, porque casara no período pré-amoroso, época em que os noivos só ficavam sabendo que se tinham casado pela fama pública.

Dona Doroteia espalhou aos quatro ventos a notícia de desmancho, por sua conta e risco, o que levou ambas as famílias a pôr na rua as tripas dos noivos.

– Foi bom, minha filha não era para aquele pé-de-castelo, dizia Salvador, no pátio da igreja, referindo-se a Jacó.

– Quem podia atuar aquela pantera de Dulce, e mais a mãe? – replicava dona Especiosa.

– Aquela menina não era para nossa família, sentenciava baixinho o padre; o pai de Salvador era boticário, tinha um irmão que foi porteiro da casa do senado. Houve na família um sacerdote que praticou um sacrilégio; é por isso que a casa dos Pereiras é conhecida com o nome de Casa de Sacrilégio.

Dona Doroteia transmitia a ambas as famílias os recíprocos insultos, devidamente adicionados.

---

<sup>41</sup> A partir de 1907: “dar-lhe-ei”.

\*

Decorreram mais quatro meses.

Dulce foi repelida por mais um noivo.

O padre Antônio, tendo mandado dizer por além via à família de Tertuliana que, se viesse a proposta da mão desta, seria aceita, – não obteve resposta.

Em uma<sup>42</sup> manhã dona Doroteia comunicou ao padre em meias palavras que Raguzinda lhe pedira para reatar as relações de ambas as famílias.

Antônio Dantas não se faz esperar. Pretextou visita a Dulce, sua confessanda, que sofria de febres, e apareceu em casa dos Pereiras.

Raguzinda disse em segredo ao tio de Jacó, que Dulce no delírio de febre se lembrava deste. O padre retorquiu que apanhara uns versos do sobrinho, dirigidos à sua antiga noiva.

Ambos mentiam.

Falou-se de dona Doroteia que unanimemente foi classificada de intrigante, e resolveu-se não admiti-la em ambas as casas, o que sua reverendíssima não cumpriu “por ser contra a religião”.

Salvador tornou a ir à casa dos Dantas.

Desta vez surpreendeu Jacó só de calças, com a parte superior do corpo nua.

Não admira; é indubitável que a Índia Portuguesa é a pátria do *langotim*: os vestuários ocidentais dificilmente se aclimam aqui, ou se fazem necessários.

O índio usa deles por convenção, sem nenhuma necessidade; e secretamente os odeia.

Coloque-se o índio, por mais graúdo que seja, por mais civilizado à europeia, independente dos respeitos humanos, fora do alcance dos comentários do vizinho, ele sucessivamente prescinde do casaco, da camisa, das calças, e passa a habitar na cabaia.

Da cabaia para o *langotim* não vai um passo.

É atavismo francamente acusado.

Tenho observado isto até no índio educado na Europa.

Quando regressa à pátria, nos primeiros tempos, dir-se-ia que não pode separar-se das botas, peúgas e gravata.

---

<sup>42</sup> A partir de 1907: “Certa manhã”.

Pouco a pouco sua excelência esquece-se de vestir estes objetos. Depois chega a vez do casaco e de outras roupas.

Deixem-no longe dos comentários, e vão buscá-lo no fim de 4 anos.

Recebe-os de *langotim* e pedra verde!

É atavismo.

Se eu observei os mesmos fenômenos comigo!

Estive uma vez no fundo das Novas Conquistas, no meio de uma povoação vestida de *langotim* e sem receio de ser surpreendido pelo índio civilizado à europeia e de calções.

Ao cabo de uma semana, estava todo dia de ceroulas e camisola, e passei assim o mês inteiro.

Se não enfiei o *langotim*, não foi por falta de vontade, mas sim pelo medo de que me confundisse com os habitantes da localidade, e pelo receio de que os manducares me tratassem por: *Agá bauddi!*

Já vi a influência do meio nos europeus *reinóis*. Tenho-os encontrado de *langotim*; eram soldados reformados que se deixaram ficar na Índia.

Deparei outros de chambre sobre o corpo nu: estavam no grau de cabaia. Havia 6 anos que se achavam na Índia; eram magistrados judiciais. Se estes senhores demorassem mais 10 anos no país, suponho que presidiriam às audiências de *langotim* com cinto de prata.

Dantes, os governadores gerais podiam estar na Índia, como tais 5 anos. Este tempo foi reduzido a 3 anos.

Algum ministro, previdente, receou talvez que o *general* presidisse ao conselho do governo... de *langotim*, com cinto de ouro, pedra verde com volta de corais, além de lenço vermelho de Damão envolvido à cabeça.

Jacó, quando viu o futuro sogro, fugiu às barbas dele; mas não ficou envergonhado, porque semelhantes surpresas são frequentes em Breda.

Desta vez esteve presente à conferência dona Especiosa.

O padre Antônio Dantas abandonou a questão de mil rúpias, e entrincheirou-se nas datas.

– Não podem ser do valor inferior a mil rúpias, dizia ele com veemência.

Salvador concordou. Não queria que a filha fosse nua para a casa do marido, mas propunha que o noivo, por conta de datas, ficasse com seu piano, que avaliava desde já em 500 rúpias, e o padre não o queria por 100.



Seguiu uma regateação nauseante, em que o piano foi insultado por Antônio Dantas desde a camurça até o pedal, e por fim resolveu-se que as datas seriam de mil rúpias, mas que não entraria nelas o piano de Salvador Pereira.

Decidiu-se também que o ajuste seria oficialmente anunciado por ocasião da próxima festa de Nossa Senhora da Piedade, do monte de Breda<sup>43</sup>, que devia ter lugar em 15 de Outubro, dia em que o padre Antônio diria uma missa, que ambas as famílias ouviram.

\*

Espaçados alguns dias, o padre Antônio mandou saber de Jacó, por intermédio do velho *mocadão* da casa, Roque-irmão<sup>44</sup>, em cujos braços falecera Camilo Dantas, seu pai, se tinha objeção – o tempo de mandar simplesmente advertir aos noivos que estavam para casar, já tinha passado – para casar com Dulce Pereira, e ao mesmo tempo preveni-lo de que o dote era 7 mil rúpias, além de datas de mil<sup>45</sup>.

Jacó enviou-lhe dizer que levava a bem tudo o que *pa-tio* fizesse; mas com a mãe chorou muito. Disse que Dulce troçava de si; que duas vezes, nas *soirées* do *club*, recebera seus bilhetes e dançara com Ramiro, que lhe chamava pé-de-castelo e bode etc. etc.

A mãe capitulou tudo de mentiras e intrigas, e, tendo comunicado ao tio as queixas do seu *morgado*, o padre atribuiu estes melindres à leitura de romances, a que se entregava a mocidade atual. Acrescentou que, no seu tempo, não havia semelhantes insubordinações contra a vontade dos pais, porque também não havia romances, “obra de maçonaria e de impiedade”, trovejava o velho.

E foi na ausência do sobrinho, ao seu quarto, para ver se havia romances, mas não encontrou senão um volume do *Flos Sanctorum*, que dona Doroteia lhe tinha emprestado, *Bertoldo, História de Carlos Magno*, o livro de preparação para confissão e comunhão, editado pelo finado padre Antônio João de Miranda, além de uma folha de papel, onde estava escrito, em diferentes sentidos; *Jacó... Jacó... Jacó*, cem vezes.

Quando Dulce foi avisada de que estava justa para casar com Jacó, não opôs objeção alguma.

---

<sup>43</sup> Referência a Nossa Senhora da Piedade do Monte de Margão.

<sup>44</sup> “Irmão” Roque, provavelmente filho de alguma mulher que trabalhara na casa dos Dantas anos antes, como enfermeira de um idoso e que vira Jacó crescer, tendo assim sua confiança.

<sup>45</sup> A partir de 1907: “mil de datas”.

Fingiu-se resignada na vontade dos pais, mas o coração pulava-lhe de contente diante da perspectiva de uma vida livre e desabusada, sem fingimentos e mentiras, que a menina solteira deve saber levar.

Aos primos, quando lhe falavam de Jacó, replicava meio risonha, meio agastada, com voz aflautada: *O que está falando ali, primo Fulando?! A você o que fica, hom!?*

Eram os últimos lampejos do pudor indiano.

\*

O ULTRAMAR: 19/01/1895

No domingo, dia de festa, o padre Antônio Dantas, acabada a missa que disse no altar-mor, depois de disputar<sup>46</sup> na sacristia com três colegas seus, anunciava, ovante, no pátio o ajuste, e recebia as felicitações com a boca escancarada.

– Muitos parabéns, senhor padre Antônio, já sei que fez uma boa escolha para o senhor doutor Jacó...

– Que se havia de fazer, *hom?* Não pude negar ao pedido do nosso Salú Pereira...

– E boa pechincha...

– Isto não vale nada... contanto que os noivos tenham saúde... Deus não regateia dinheiro a ninguém... Adeus, obrigado... Diga à mamã, ao tio Epifânio, e mande também dizer em Loutulim a dona Gertrudes.

– Está dito, muito obrigado.

– Muito obrigado, repetiu o padre automaticamente.

A noiva veio à festa de machila e vestido novo, cor de espavento, muito pó de arroz na cara, chapéu emprestado, “porque no mês de Outubro não havia à venda chapéus bons e superiores”, dizia a mãe.

Salvador anunciava o ajuste com mais moderação. O espectro de 7 mil rúpias esvoaçava por cima da sua cabeça.

– Sabe que a minha Dulce está justa para casar, senhor doutor Magalhães?

– Oh! não sabia.... muitos parabéns... é um casamento de amor, hein?

– Que se há de dizer? Fogo de mocidade moderna.

---

<sup>46</sup> A partir de 1907: “altercar”.

– Ouvi falar nisso. Hei de lá estar, em sua casa... Faça-me lembrado da senhora dona Raguzinda...

– Muito obrigado.

– Não há de quê, muito mais merece.

– Também vossa excelência.

– Muito obrigado.

Os Pereiras e os Dantas despacharam duas aias, para anunciar, segundo o costume, o ajuste aos parentes. Estes núncios de *pano-paló* regressaram com grão na asa, como é de lei.

\*

A notícia da realização de um ajuste de casamento corre em Breda com a velocidade elétrica, e constitui um acontecimento de sensação.

Rejubilam-se as duas famílias, folgam os negociantes e a mocidade dourada com expectativa de um baile.

As raparigas solteiras aguardam-no com ansiedade “por amor da dança”, dizem elas; “por amor de outras sensações”, segredam os entendidos.

As casadas ficam contando os dias, para exibirem, pela segunda vez, os vestidos que fizeram no último janeiro, com modificações disfarçativas de nódoas traidoras no peito.

O ajuste de Jacó e Dulce não podia ser exceção.

Ambos de famílias *principais*, ambos bem relacionados, quase toda a Breda se interessava pelo enlace.

Dulce não podia ver qualquer parente de Jacó, por mais afastado<sup>47</sup> que fosse, sem corar de pudor; Jacó desviava-se discretamente da noiva e seus relacionados femininos para evitar saudação e comentários.

Dona Raguzinda não falava de Jacó sem chamar-lhe “o nosso noivo”.

Especiosa intitulara a noiva de “a nossa Dulce”. Esta tinha um risinho especial para a sua futura sogra, risinho açucarado e pudibundo.

Fazia-se de ingênua, apesar dos seus 23 janeiros, bem puxados.

---

<sup>47</sup> A partir de 1907: “remoto”.

De oito em oito dias recebia presentes de dona Especiosa, de flores, jagomas, laranjas.

Pouco a pouco entre ambas as famílias estabeleceu-se uma intimidade e confiança absolutas, em tudo, exceto em matéria de dinheiro.

Foram trocados os anéis.

Os Dantas mostravam-se cautelosos: ofereceram um anel de valor insignificante, com o secreto receio de retenção – no caso de desmancho – para se indenizarem das benfeitorias voluptuárias feitas na pessoa de Dulce.

Quando Jacó foi prender a noiva, falou asneiras nuas e cruas, que foram atribuídas, pela mãe da noiva, à inexperiência, e pelo pai à idiotice.

Discreteou largamente sobre os seus clientes, sobre alguns casos bicudos que encontrara no foro; citou o código civil, e disse que tinha de assistir, no dia seguinte, a uma vistoria, e no outro a duas inquirições.

Salvador sabia o que valia Jacó, mas Raguzinda, coitada, engoliu tudo. O marido fingia dar crédito, e tinha exclamações de admiração irônica e ficta, para as proezas forenses do futuro genro.

O padre Antônio Dantas tendo tido conhecimento dos disparates que o sobrinho falara, proibiu-o de visitar mais a noiva.

– Não gosto destes modernismos, decidiu ele; depois de casados podem falar à vontade.

\*

Jacó tomara demasiadamente a sério o seu papel de noivo oficial. Em Breda chama-se noivo a todo o rapaz solteiro púbere. Noivo oficial é aquele que está justo para casar. Ele engrossou a voz, carregou o semblante, abandonou a companhia dos solteiros da sua idade, e fez-se satélite dos casados. Deixou crescer pera, vestia-se com primoroso bom-tom, e fatos luxuosos de cores claras – libré dos noivos. Cuidava mais dos dentes e dos cabelos, com que buscava encobrir uma calva incipiente, e pela primeira vez em vida comprou, às furtivas do tio, sabão Pearse, no propósito de ficar<sup>48</sup> alvo. Trocou o *víddi* pelo cigarro... em público.

Entregou-se à orgia de ter opiniões sobre a política partidária e seus efeitos.

---

<sup>48</sup> A partir de 1907: “tornar-se”.

Secretamente aspirava a ser vogal da junta de paróquia, secretário da direção do monte-pio e do hospício, para ver o seu nome em letra redonda nas folhas, além de juiz ordinário, para ter dependentes e ser temido. Lamentava os desvarios da *mocidade atual*, que se entregava a bebidas alcoólicas.

No meu tempo não era assim, ousava ele declarar, às escondidas do tio, dando-se ares de abstinência e idoso. Até esta idade não toquei no espírito, mentia.

Depois que findou o ajuste, modificou as suas crenças religiosas, sem estudo nem critério, pela simples convicção de que ia casar. Já não acompanhava as procissões, assistia somente a elas, das janelas das casas circunvizinhas à igreja, com ar fiscalizador e respeitável.

\*

Desde a troca das prendas, dona Raguzinda não tinha cabeça para coisa alguma.

Estava absorta nos preparativos do primeiro presente (*ojém*) ao noivo, que queria fizesse época na cidade. Custasse o que custasse, contanto que a sua oferta fosse superior à de Aurora Carvalho, e que fizesse deslumbrar os Dantas.

Quinze dias antes da remessa do presente, toda Breda falava nele, contavam-se maravilhas; foram encomendados *cakes* e frutas a Bombaim – alguns diziam Calcuttá, para melhor fazer realçar o seu luxo –; os doces pareciam filigrana; sobre o cake haveria os retratos de Jacó e Dulce, em ouro, encimados de dois corações ardendo de amor; abaixo dos retratos ver-se-ia a seguinte inscrição:

AO MEU AMADO JACÓ

*Dulce Sant'Ana Pereira*

em letras góticas, de miçangas, trabalho de dona Doroteia, que reentrara na família Pereira, donde fora expulsa, intrigando os Dantas e acoimando-os de mentirosos.

Para logo surgiram duas *manducares* alegando direito a transportar o presente à casa do noivo e receber as alvíssaras. Uma fora aia e a outra ama de leite de Dulce.

– Sem meu leite, *baí* Dulce não passaria de lombriga com que se parecia quando nasceu... Quantas noites não passei em branco! articulava a ama.

– E depois para onde foi? Fugiu. Eu servi nesta casa 7 anos, sem salário... fiz crescer a *baí*, contestava a aia.

Depois de muitas discussões, a aia venceu, por ser mais nova e ter roupas mais vistosas.

No dia fixado para levar o presente. Rosada, a aia, brilhantemente vestida e enfiada, parecia *begarim* vestido para entrudo. Era trigueira, mas tinha belos traços fisionômicos, únicas coisas que lhe restavam dos seus antigos encantos tentadores.

Quando a viram assim, todos os criados da casa exclamaram, galhofando, *una voce*:

– *Comby dissota*. (parece galinha).

– *Comby?* rosou indignada Rosada; *ogué m babá locá véndd côtai*.

.....

Quando Rosada chegou ao solar dos Dantas, estava lustrosa: parecia de *sissó* envernizado. Entrou risonha, triunfante, cônica das riquezas que trazia na cabeça. Transmitiu uma parte dos recados de que era portadora, e esqueceu outros. Afirmou afoita e falsamente que a maior parte do presente era trabalho da noiva, que adoecera de fadiga, dizia<sup>49</sup> ela.

– O que tem? perguntou ansiosa a mãe do noivo.

– Febres, mentiu a aia.

Dulce estava podre de sarnas.

Especiosa convidara alguns parentes para ver o presente. Era a Clarissa, dos Medeiros, Maria Camila, Antônia de Figueiredo, Pedrinho Coutinho e Reduzindo Dantas. Quando foi aberto o presente, houve opiniões encontradas. Uns o acharam<sup>50</sup> lindo, outros péssimo. As figuras, o letreiro e os corações foram postos a raso:

– O retrato de Jacó está um primor, dizia Reduzindo ironicamente; tem cara de sacristão.

– Parece padre Sertório Dantas, acrescentou Pedrinho, que era tido por artífice de chalaças.

– Dulce não tem nariz, observou Maria Camila, vulgo Jibú, parece negra de Ajudá.

<sup>49</sup> A partir de 1907: “acrescentou”.

<sup>50</sup> A partir de 1907: “acharam-no”.

– *Xi*, porca mesmo, regougou<sup>51</sup> dona Especiosa, indignada. Indecente!... Hei de mandar dizer à mamã... Diz semelhante palavra?

– Mas a tia não percebeu... ia dizendo Maria Camila.

– Percebi muito bem... as meninas atuais só sabem indecências e porcarias...

Todos riram-se.

– O que é aquilo que está sobre os corações, primo Reduzindo? Perguntou Antônia, referindo-se às chamas.

– São labaredas de amor.

– Parecem cabelos.

– Então Dulce e Jacó têm cabelos no coração, disse o espirituoso Pedrinho.

Nova gargalhada.

.....

.....

Rosada, quando partiu, ia triste.

– Levar tanto dote e dar-me três rúpias!

E opinava pelo desmancho do ajuste.

Acusou a dona Especiosa de orgulhosa; falou de Ajudá sem perceber, e agourou mil infelicidades à noiva.

Dona Doroteia informou tudo aos Pereiras e acrescentou que em casa dos Dantas estava-se a trocar do presente com palavras indecentes, o que fez chorar a dona Raguzinda.

O ULTRAMAR: 26/01/1895

#### IV

### RAMIRO DANTAS

O anúncio do ajuste de casamento de Dulce Pereira fez uma vítima na pessoa de Ramiro Xavier da Piedade Dantas, sobrinho do padre Sertório Dantas e parente longínquo dos Dantas.

---

<sup>51</sup> A partir de 1907: “renegou”.

Ramiro e Jacó eram na comunidade agrícola de Breda do mesmo vangor, igualmente joneiros, mas na sociedade um e outro não se tratavam, nem se conheciam oficialmente. Ramiro desprezava Jacó e a sua lorpice congênita; Jacó menosprezava Ramiro e a sua pobreza.

O padre Antônio contestava ao padre Sertório o direito de usar o apelido de Dantas, que capitulava de usurpação descarada e ignóbil, e este àquele a sua qualidade de sacerdote.

– É um botiqueiro disfarçado em padre, sustentava Sertório.

– É um ratoneiro de apelidos ilustres, replicava Antônio Dantas. Vive de alças... à custa da comunidade... à custa de viúvas e órfãos.

Ambos desavieram-se, em 1857, por causa de uma missa cantada e não se falavam, conservando no íntimo dos seus corações um rancor crônico recíproco, compatível com os princípios da religião que professavam.

\*

Em Breda, como em toda a Índia Portuguesa, a família não é, por via de regra, a agremiação de parentes, nem extingue-se<sup>52</sup> pela morte dos seus componentes. É uma associação de pessoas ligadas pela comunidade de ódios e malevolências a um outro grupo, o qual se desune desde o dia em que cessou a causa que determinou essa ligação.

Com uma aparente coesão, a sociedade bredense está em luta fratricida permanente, de difícil percepção a um olho inexperiente, e que o estrangeiro despreocupado não apalpa.

Residam em Breda um ano, e verão os laços de fundos rancores, ingentes ciúmes e grandes invejas que unem os seus habitantes.

A família **A** odeia a família **B** cordialmente, desde anos, por causa de uma banheira, que aquela acusa a esta, de ter levado em 1862 e não ter restituído; mas no seio da família **A** existem sub-rancores, por causa de um dito inocente, ou de um chapéu, em virtude dos quais **A'** não fala a **A''**.

Na questão de banheira todos os **AA** são concordes em odiar **BB**, mas na questão do tal dito ou chapéu os **AA** entendem-se entre si às pedradas.

---

<sup>52</sup> A partir de 1907 “se extingue”.



Muitas vezes a questão do chapéu vem à supuração, os **AA** trucidam-se reciprocamente, com grande gáudio, secreto dos **BB**.

A dar crédito ao bredense, não existe naquela preclara cidade um único ente, velho ou moço, masculino ou feminino, que não seja intrigante, ou que não possua qualquer outro vício que ocorre ao acusador inventar.

Assim para o estranho à cidade, que teve a paciência de ouvir todos os depoimentos desses atenienses índios e lhes deu fé, o habitante permanente de Breda é um misto de todas as virtudes e vícios imagináveis, pois se há duas testemunhas que acusam, sob juramento, a João de celerado, há também duas outras, bem contestes, que provam que João é um anjo, também sob juramento.

Mais: todo o bredense exerce na sociedade, desde o berço, estas três funções, a saber: acusador, réu e testemunha.

*Verbi gratia*. Pedro é acusador de Paulo, réu da acusação de Joaquim e testemunha de Silvério na questão com Rosário.

Quando o acusador, Pedro é grave, verossímil, sabe dar interpretações as mais obnóxias aos menores atos de Paulo, fazer conjecturas que transformam o fato, cauteloso em eclipsar-se diante do acusado, e sobretudo compassivo até às lágrimas pelos vícios por ele inventados e encabeçados em Paulo; – quando acusado, cai em paroxismo de indignação, é delator, cheio de dignidade e reconvenções; – em fim, quando testemunha, é sereno, imparcial e coerente.

Em qualquer destas três situações que o bredense se ache, tem sempre uma roda de amigos que o ampara, que confirma de vista os seus assertos, que corrobora as suas conclusões com outros fatos por eles sabidos, que se encarrega de propalar as acusações, as defesas e os depoimentos, de criar correntes de opiniões no seio dos indiferentes.

Estas agremiações familiares – sociedades cooperativas de mútuo descrédito, porque a nenhum indiferente é consentido tomar parte nelas sem que concorra com a sua joia de rancor e mensalidade de calúnias – estas agremiações, repito, são corpos coletivos bem organizados e disciplinados.

Têm chefes bem avisados, arautos solícitos e incansáveis e um corpo de parasitas – a quem só falta a farda, para parecerem arregimentados – com o encargo de transmitir recados, acusações caluniosas defesas à parte adversa, espias destros que descubrem o que há e não há.

No seio dessas associações medram também sacripantas, masculinos e femininos, que se impuseram o dever de ativar o fogo sagrado de rancor entre elas. Graças aos seus esforços, intriguinhas e bisbilhotices, é que se perpetuam esses ódios infrenes que bipartem uma povoação inteira.

É de noite que as lutas se tornam mais acesas, desde as 6 até às 9, nos balcões, nas salas, nos *boudoirs* e até nas ruas.

Durante este período, os bredenses truculentos congregam-se em pequenos grupos mencionados sítios – açougues medonhos – onde a honra e o caráter do seu semelhante indefeso são esfacelados, asseados e trucidados, reduzidos a postas, fatias, a bife, vindalho e chouriços.

E se alguém se abalançou a defender ou desculpar o justificado naquele cenáculo, cai no dia seguinte vítima das mesmas línguas, igualmente indefeso, igualmente na ausência.

É, pois, um erro proteger nestes açougues a rés, porque a defesa em nada lhe aproveita, e o carniceiro tem mais uma rés na pessoa do defensor, para abater na noite seguinte.

Felizmente esta carnagem não mata de vez. O morto de hoje pode aparecer redivivo amanhã, inscrito em outra agremiação.

Subitamente rebenta no seio de uma família – Sociedade de Mútuo Rancor – uma cratera que estava latente, por meses, com o temor do inimigo comum, os seus membros põem-se em debandada, sem teto nem lar; formam-se novas agremiações, sob novas bases, com novos rancores – verdadeiros estatutos – em que os inimigos de ontem se transmutam em íntimos de hoje, o celerado do passado em santo do presente, a megera da véspera em ingênua de hoje.

Vê, pois, o leitor que as lutas bredenses têm por remédio as próprias lutas, e são impotentes todos ou quaisquer outros meios de as acalmar

É por isso que o Club de Breda, fundado com o intuito de pacificar os ânimos, de aplacar os rancores por meio de quadrilhas semanais, converteu-se<sup>53</sup>, insensivelmente, em um curto prazo, em Associação Consumidora de Arroz Refugado.

É que entre os pares que valsavam aí vertiginosamente, em doce amplexo, existia a banheira fatal de 1862, o dito nefasto, o chapéu maldito.

---

<sup>53</sup> A partir de 1907: “se converteu”.

\*

O ULTRAMAR: 01/02/1895

A mocidade bredense não conhecera os pais de Ramiro, por terem morrido na sua infância; por isso identificava-o com o sobrenome de “sobrinho do padre Sertório”.

Ramiro, nas primeiras letras, foi considerado uma inteligência precoce e saiu premiado.

Há precocidade e precocidade, – a precocidade dos ricos e a dos pobres. O filho de pais ricos e influentes é dotado de talento precoce, e obtém boas classificações nos exames dos preliminares, as quais ele frequenta muitas vezes desmente nos estudos superiores. É um engano dos examinadores, dizem; mas não se dá o mesmo com o pobre. A imparcialidade dos examinadores medra melhor neste do que no rico.

Nos estudos posteriores Ramiro justificou os seus prêmios. Era efetivamente inteligente, o que demonstrou no Real Seminário de Rachol.

O padre Sertório, como acontece a muitos padres, em respeito aos seus parentes, descobriu no sobrinho vocação para vida clerical e embatinou-o sem protestos do rapaz, porque na idade em que se achava, o amor de todo o índio à sotaina acusa-se com a mesma intensidade como a inclinação do chumaço à fronha.

Tinha nisto, além disso, alguma vantagem. A batina, não raro, é um meio barato de cobrir a nudez mal remediada. Além disso, as fivelas, o cabeção e barrete do sacerdote, podiam servir ao menorista sem grande dispêndio. O mesmo sucedia com os livros profissionais.

Feliz ou infelizmente, ao cabo de alguns anos, quando na cara de Ramiro grelaram buços, o tio padre descobriu no rapaz prendas incompatíveis com o estado clerical: não queria trazer o cabelo à escovinha, fazia modas na volta, na sobrepeliz, nos sapatos, deixava ver no peito a ponta de um grilhão barato de *plaquet*, usava punhos postiços com botões dourados, devorava romances às furtivas e sem critério, tomando notas de frases campanudas.

Uma vez que o padre foi ao quarto de Ramiro, encontrou na sua cama o *Saturnino*<sup>54</sup>, romance pornográfico, muito em voga no seio da mocidade bredense, que o bom do velho tomou por a vida de São Saturnino. Mas logo às primeiras linhas do livro percebeu que em Ramiro não existia a fibra de levita, mas o estofo de touro.

Fez-se de desentendido; porém, a festa de Corpus Christi, Ramiro aparecia na igreja de casaco de merino preto e calças de *ganga*, evidentemente reformadas, que todos perceberam ter abrigado outras pernas, em tempos longínquos.

Desde a transmutação do vestuário de Ramiro, o reverendo Sertório ia miúdo à casa de dona Josefa, que tinha única filha casadeira, Leonarda, de 30 anos e carnação farta. Dizia-se em Breda que o padre meditava um casamento rico para o sobrinho.

Mas não era para fazer bife que ele sonhava em mulheres, o seu ideal era um ente triste, sonhador, vaporoso, de transparência cristalina, sutil, cantando trovas lânguidas e dolentes:

Ó mãe que fazes  
Em cama tão fria

Ele almejava viver com esse ente querido longe, longe,... em Quegdevelim, em uma cabana de colmo, fora do bulício do mundo, à beira de um regato, assombrado por árvores anosas, engolfado no seu amor.

Quando se bebe canja ao almoço, e se lê romances plangentes, tem-se semelhantes aspirações.

Enquanto o rapaz estava embalado nestes bucólicos projetos, uma manhã o padre anunciou ao poeta que tinha arrematado a sacadoria da comunidade, para ele.

Ramiro chorou no leito, mas resignou-se.

Não reputava a poesia e o amor incompatíveis com essa avença da comunidade. Sabia ele que era livre ao sacador, ao terlo, ao bouço, ao guirmarique e ao coimeiro versejar e apaixonar-se; mas também não ignorava que a sociedade moderna ridiculizava o nome do sacador, embora não desdenhasse o seu ganho.

---

<sup>54</sup> Romance clandestino para homens, publicado, na França, com títulos diversos, dentre os quais *Histoire de Dom Bougre, portier des Chartreux*, tendo a primeira edição publicada possivelmente entre 1740 e 1741, atribuída a Jean-Charles Gervaise de Latouche, embora não se tenha certeza. Segundo Charlotte Galves e Márcia Abreu: “Em 1842, foi publicada a primeira tradução para o português da *Histoire de Dom B...*, intitulada *Saturnino, porteiro dos frades bentos*, e apresentada como tendo sido composta ‘na Impressão do Anônimo Brasileiro’.”(2007)

A resignação de Ramiro era irmã da conveniência, como a de Norberto, no famoso romance *Fé, Esperança e Resignação*, de Oscar Moreno<sup>55</sup>, publicado no jornal *O Adamastor*.

Ramiro medrava à custa do velho padre, que o estimava em demasia, e por isso mesmo queria que lhe pagasse a afeição por uma obediência incondicional.

O padre Sertório era muito bom, muito ilustrado, mas muito teimoso. No dia em que alguém lhe contrariava a vontade, o ministro de Deus transformava-se em Deus, e, convertendo o mundo em vale de Josefát provisório, condenava o pecador à pena eterna. Nunca, pela palavra nunca, reformava a sua sentença, que todas passavam em julgado antes de proferidas.

Ramiro sabia isso.

Entre poeta faminto e exator da comunidade, não havia que escolher.

Fez-se sacador.

Em vez de subir às regiões etéreas e buscar o seu ideal, preferiu esvoaçar à roda da algibeira do devedor remisso da comunidade, nas asas das contas-correntes.

\*

Em setembro de 188..., Ramiro viu Dulce na igreja. A esse tempo havia uma vaga no coração da filha de Salvador, que o sobrinho do padre Sertório achou dever ocupar.

O amor de Ramiro era pacato, domesticado, um amor bredense, sem nada de romanesco; um amor metódico, que tinha forma de processo inalterável pela vontade dos interessados, prazos e termos obrigados, lavrados no grande protocolo da cidade.

A sua manifestação ostensiva consistia em um olhar de soslaio, com semblante triste, quando visse a amada.

Dulce pagava-lhe pela mesma moeda: um olhar e um semblante triste. Nada mais. Os grandes arrebatamentos romanescos não são compreendidos pela menina bredense.

Se Ramiro ousasse cantar uma canção plangente debaixo da janela de Dulce, por volta das 7 horas de uma noite de luar, pilhava um *polgó* de canja no toutiço; se trepasse

---

<sup>55</sup> Pseudônimo de Soares Rebelo, escritor goês frequentemente criticado por Gip, pela estética romântica adotada em seus textos.

o muro do quintal, seria preso e espancado por ladrão de lenha, com inteiro consenso da amada; se lhe propusesse o expediente de uma fuga, ela recusaria indignada – porque era pecado, e com medo do inferno.

Em Breda tem havido casamentos de amor, e mesmo amor estrondoso sem casamento conhecido, mas raros, quase trienalmente, como as arrematações das avenças das comunidades.

Observei, porém, sempre o seguinte fenômeno: o mancebo bredense nunca se decide a ficar namorado publicamente, em vida dos pais. É necessário que ele orfane-se d'algum deles, para se atear no seu coração, com todas as condições de um incêndio pavoroso, “esse sentimento a que chamam: amor” na frase de Oscar Moreno.

A razão é a seguinte, segundo penso. O amor índio é essencialmente previdente e cauteloso. O amante, antes de se resolver a vogar no Oceano do amor, trata primeiro de prover-se de vitualhas, como bom lobo do mar. Ele põe o estômago acima do coração; não pode apaixonar-se a jejum.

É por isso que, falecido o pai ou a mãe, senhor de herança, embora indivisa, embora insignificante, o rapaz tem arrebatamentos amorosos, como cólicas hepáticas.

Em suma: ao mancebo bredense, em vida dos pais, é permitido só o casamento de conveniência; pela morte de algum deles é-lhe livre casar por amor ou por conveniência.

Dir-se-ia que junto com os móveis ele herda também o amor do progenitor falecido, que, de resto é semovente.

O amor de Breda é semovente, não há dúvida. Carece de ser alimentado com a leitura de romances e de versos; como o búfalo, é necessário levá-lo a pastar no monte da cidade.

Por estes últimos tempos, o amor bredense fez-se literato exímio e poeta.

O amante julga indigno da sua paixão não pôr-lhe o rabo-leva de um artigo melancólico sobre a solidão, sobre uma noite de luar, sobre uma tarde de verão, sobre *Ela*, com três pontos de reticência etc. etc.

E nenhum destes escritos completa-se sem que o autor enamorado fale do monte da cidade, e da sua ermida.

Todos os escritores apaixonados, que levam o búfalo do seu amor a pastorear no monte de Breda, estão concordes em que *o panorama que se desenrola à sua vista é soberbo*.

Mas com respeito à ermida, há entre eles opiniões desavindas, uns acham-na majestosa, como o sobredito Oscar Moreno, outros pequena. De resto a tal ermida é uma construção híbrida, de uma arquitetura reles.

\*

Diz Oscar Moreno que o seu protagonista, Norberto, *estava sentado sobre um rochedo*, quando cheio de fé, esperança e resignação, subiu ao monte de Margão. Escolheu mau lugar para fazer sentar a Norberto.

Os rochedos aquecem, e provocam ou ativam incômodos hemorroidais nos que descansam neles seus assentos resignados.

Ora sem querer, Oscar arriscava Norberto a passar o resto dos seus dias amargurados com fé, esperança, resignação e mamilos.

Ramiro sabia isto; o seu amor não desconhecia os preceitos higiênicos; por isso, quando ia ao monte, deitava-se na alfombra de verdura. É aí que foi surpreendê-lo a notícia do ajuste de casamento da sua amada.

Dulce nunca amara seriamente Ramiro Dantas. Considerava-o um amante interino, sem confirmação régia. É o que sucede em Breda com todos os amantes pobres: são conservados até que apareça o proprietário. É por isso que Jacó foi aceito sem dificuldade: tinha todos os documentos para ser definitivamente provido no lugar.

Ramiro entristeceu-se, porque sucedera o mesmo ao último protagonista<sup>56</sup> do romance que lera.

Quando recolhia-se<sup>57</sup> do monte, “tinha as faces afogueadas e os beiços lívidos” e “via-se que ele redobrava de esforços para sacudir o luto da alma e as nuvens do semblante” (Oscar Moreno).

Quando vi Ramiro neste estado, com *nuvens no semblante*, julguei que tinha aí começado o inverno.

Mas modifiquei a minha opinião reparando nas suas faces e beiços. Pareceu-me que se tinha pintado para o entrudo, porque nunca supunha que o amor em desespero pudesse fazer vermelhas as faces e ao mesmo tempo lívidos os beiços.

O que não pode o amor? perguntam com ênfase os poetas. Aí está o que o amor pode: pode aprontar até o amoroso para o entrudo!

---

<sup>56</sup> Na edição de 1974: “ao protagonista do último romance que lera”.

<sup>57</sup> A partir de 1907: “se recolhia”.

Desde esse dia, Ramiro sofria com resignação os tormentos do coração “seguindo um trilho semeado de abrolhos, onde nunca lhe será talvez permitido colher uma flor que perfume a sua amargura”. (Oscar Moreno).

Não, sem dúvida.

Se Ramiro preferiu seguir um *trilho semeado de abrolhos*, só poderá encontrar cardos, e quando no trilho lhe<sup>58</sup> tiver precedido o gado vaccum, para perfumar as ventas, Ramiro e Norberto só encontrarão... bosta!

Tenha paciência, Ramiro! Hoje em Breda só casa-se a dinheiro limpo. Os tempos de casar a fiado ou sem dinheiro, já lá se foram, se é que existiram.

Repito: tenha paciência.

O ULTRAMAR: 09/02/1895

## V

### O CONTRATO ANTENUPICIAL

Em Breda ninguém casa sem contrato.

Terra clássica de advogados desconfiados, eles querem ver tudo em forma autêntica, tudo constatado em documentos.

Se fosse possível, ter-se-ia lavrado ata de uma visita de pêsames, assinada por um oficial público; e a dama que empresta o seu leque ao cavalheiro que lhe faz companhia, tomaria dele recibo.

O bredense nasce advogado. Essencialmente pugnaz, pode-se dizer que sai do ventre materno com toga e cigarro brejeiro nos lábios.

Ele até fala em linguagem forense; e, com o andar do tempo, julgo que uma visita será chamada vistoria, um recado, intimação, e um chamamento, citação.

Quem quiser mover-se na sociedade bredense, não pode ignorar o que é o embargo, nunciação, atentado, comodato, porque quando dois advogados bredenses estão juntos, a sua melhor palestra é uma discussão jurídica.

---

<sup>58</sup> A partir de 1907: “o tiver”.



Não há aí isso que os ingleses chamam *small talk*; mas em compensação há hipóteses, casos, sujeitos.

Podem estar presentes senhoras, estrangeiro, ou quem o for. O advogado de Breda propõe o *caso*, e vai adiante infligindo suplícios medonhos às damas, que o aturam por civilidade. Eis-aí uma amostra de visita bredense e conversa jurídica.

\*

– Ora viva, exclamou o doutor Zeferino, entrando com a esposa para a casa do Dr. Cosme.

– Viva, replicou o doutor Cosme. Como está, senhora dona Rufina?

– Boa, muito obrigada; como está dona Cunegundes?

– Vai passando... vai passando. Cunegundes! ... Cuny! ... gritou o doutor Cosme.

– *Ham!* ... O que *hom?*! – responde alguém de dentro.

– Está aqui o doutor Zeferino e a senhora dona Rufina...

Ouviu-se em seguida um tilintar longínquo, que o europeu julgaria que era de guizos.

Não; são chaves na algibeira ou suspensas à cintura da dona da casa.

– Como está, senhor doutor? – diz Cunegundes entrando banhada em suores, e com as unhas em luto, o que não é nada reparável, porque em Breda a civilização ainda não chegou ao apuro de cuidar das unhas – Rufina! ... como está? ...

– Boa, você como está?

– Tire chapéu, *hom*, diz a mulher de Cosme.

– Deixe estar, replicou Rufina.

– Tire *hom*.

– Deixe estar.

– Por que cumprimentos? tire você. Rufina tirou o chapéu fazendo uma careta, e deixou-o na mesa do centro.

– Pequenos como estão? Inquiriu Cunegundes.

– Bons. Aleixinho está com sarampo, e Filú coitada está com dor de dentes...

– Não deu limbão?

– Já dei. Não fez efeito...

– Então não mostrou a médico?

– Sim... diz que não é nada.

– Tem recebido notícias do seu filho que está em Portugal?

– Está bom... Escreveu a nós há pouco... Diz que tem muitas saudades de mim... Coitado! ... Ele coitado sempre foi afetuoso... agora foi passar o feriado numa terra de Lisboa... Como se chama aquela terra, *hom*, Zeferino?

– Santarém, respondeu o marido.

– Sim... sim... tinha mesmo na boca... Satodém...

– Santarém, emendou Zeferino.

– Santarém... quem sabe nome daquelas terras!

– O que estuda seu pequeno, minha senhora, inquiriu o doutor Cosme.

– Ele aprende... o que aprende, *hom*? perguntou Rufina ao marido, um pouco atrapalhada.

– Introdução à história natural.

– Natural, repete dona Rufina ... quanto tem de aprender, Cuny? Como uma criança há de aprender tanto? ... Felizmente está bom de saúde.

– O rapaz está bom, afirma o doutor Zeferino, com satisfação.

– Deus é grande, e quanto precisa mandar?

– Há pouco Zeferino mandou trezentos pardaos... Agora vai mandar mais ... E ainda não vendemos o coco.

– Que barato que está, *hom*, alegou Cunegundes.

– Nosso foi pedido por 17 rupias.

– Sim? Quem?

– Pundlica Naique.

– Que Pulica?

– Aquele... vizinho de padre Sertório.

Margarida, vulgo Matty, uma criança de seis anos, viva, ladina, esbandalhada e suja, filha de Cunegundes, veio a correr e estacou na porta.

– Mamã, quem vei, gritou a pequena.

– Quem, báí?

– Aquele não trouxe doce aquele? Aquele.

– Quem?

– Aquele que utrudi vei... trouxe doce, aquele.

– Anda cá, Matty, disse o doutor Cosme; cumprimente esta senhora.

– Aquela é senhora? Não ... fez Matty.

– Não é senhora?

– Não, insistiu a pequena.

– Então quem é?

– Aquela é mamã de Filú...

– Então não é senhora?

– Não.

– Tola, venha aqui, disse imperiosamente a mãe. Margarida aproximou-se lentamente de Rufina.

– Xi... xi... xi... ela há de sujar, Rufina... com estas crianças não se pode aturar... sujam dois vestidos por dia, alegou Cunegundes.

– Não, coitada, deixa estar, disse Rufina.

– Hoje aia não deu vestido, murmurou a filha; ontem *tamém* não deu, hoje *tamém* não deu.

– Porque não lavou a cara? Perguntou Cunegundes.

– Onde?

– Na bacia, replicou Rufina.

– Em nós caz não há bacia... há *tambió*.

– Não há bacia? perguntou irada a mãe.

– Onde está? ... Papá, mamã lava cara no corredor, no *tambió*.

A mãe fora de si abriu muito os olhos, com ares repreensivos.

– A menina deve estar sempre limpa, interrompeu o doutor Zeferino, vendo a atrapalhação dos pais de Matty. Eu hei de casá-la com o meu Aleixinho.

– Eu não caso com Aleixinho... Eu quero casar com mamã.

Todos sorriram-se.

– A mim mano Francisco matou, disse subitamente a pequena.

– Matou não... *deu caçada*, emendou a mãe.

– Bateu, emendou por sua vez o pai.

– A menina deve ter dito alguma coisa ao irmão, afirmou o doutor Zeferino.

– Ele porque disse besta primeiro?

– E a menina o que disse?

– Eu nada disse. Ele queria levar meu chinela.

– Minha, emendou a mãe.

– Minha, repetiu a pequena.

– Uma menina da sua idade não bulha, advertiu a mãe com voz grossa.

– Está bom, disse o pai; vá brincar.

Seguiu um longo silêncio.

– O colega não apareceu ontem no tribunal, disse por fim o doutor Cosme.

– É verdade, estive em Quepém... tinha uma inquirição... Naquele negócio de Santú Naique.

– Ah, já sei... a questão de fideicomisso.

– O colega deve saber o que é a questão...

– Não sei...

– Pois é caso curioso... Vou contar... O Santú é herdeiro fideicomissário de Ramachondra Porobo, de Xelvona... Ora o fiduciário é aquele sujeito... aquele grande chicaneiro, *hom...* este de Parodá, Bogvonta Xenoy... Ora o Bogvônt vem agora dizendo que Ramachondra não é descendente em primeiro grau do irmão do testador, visto ser filho adotivo.

– Acho-lhe razão... Veja... é necessário perceber qual foi...

– Oh! Isto é um absurdo... porque se Ramachondra por ser adotivo...

– A minha questão não é esta. Espere... O que é um fideicomisso? É certamente a deposição...

– Ouça... Não acabei de falar.

– Ouça primeiro a mim, e depois fale. Para mim, toda a questão é a mente do legislador, e Dias Ferreira diz muito bem...

– Absurdo! Desde que o colega funda-se na mente do legislador, o Dias Ferreira não vem para o caso...

– Por que?

– Isto é claro...

– *Arê!*

– Atenda primeiro o que é a hipótese...

– Já sei.

– Mas ouça, senhor... Não me deixa falar... o Bogvont é fiducia...

– Perdão, Bongvont fiduciante não é, interrompeu o doutor Cosme.

– Aqui está, o colega não me atendeu. Eu queria dizer fiduciário, continuou o doutor Zeferino, sem atender aos sinais que Rufina, aborrecida, fazia, para se ir embora.

– Note, tanto não é fiduciante que até pediu-me para intervir na questão e tratar da transação...

– O meu constituinte está pronto.

– Mas bem vê que ele não quer ceder na questão de artigos de falsidade.

- Então para que serve a composição?...
  - Tenha ele paciência...
  - Ficando de pé a questão dos artigos de falsidade, também fica de pé a questão de comodato...
  - Isto não vem para o caso...
  - Vem muito e muito.
  - O colega sabe muito bem que o despacho do juiz nesta questão é absurdo... e eu posso recorrer.
  - Engana-se... passou o prazo.
  - Passou?
  - Sim, com certeza...
  - Então é patifaria do escrivão... é o Ramalho, não? ... Está claro... é um larápio...
  - Nem tanto assim, disse Cosme.
  - Sim, chegado com o colega não é... ainda há pouco o colega queixava-se dele na questão de embargos do Callú<sup>59</sup> ...
  - Mas preguei-lhe boas... o juiz mandou repor os emolumentos...
  - E repôs?
  - Repôs que quer dizer... Também não quis quebrar lanças pelo Callú... o patife pagou-me mal...
  - A mim quis-me pregar a mesma numa questão de nunciação... fui mais fino... segurei-lhe os documentos... escarrou 20 rúpias...
  - Mas como saiu o colega naquela questão?...
  - Saiu contra a coisa... Eu bem sabia, e lhe preveni... O homem insistia... continuei... queria ver também se o adversário vinha à transação... Segurei até quanto podia... Vi que a coisa ia mal... não estive para meter-me naquela porcaria. Pois quer saber como é a hipótese? É uma coisa curiosa... Pois é uma hipótese curiosa, senhora dona Rufina. Peça que me ouça. Veja. Suponha que a Cunegundes é um muro que de nascente parte para o poente, e a senhora dona Rufina é um poço...
  - Eu poço?!! Ululou Rufina.
  - Por hipótese, minha senhora.
- Rufina aborrecida, e um tanto indignada, levantou-se e com ela o marido.

---

<sup>59</sup> A partir de 1896 “Collú”.

O doutor Zeferino alegou ter de ir à casa de Salvador Pereira, e saiu com a mulher.

– Adeus, dizia Cunegundes, na porta, recados à tia, e mande minhas lembranças ao seu filho que está em Portugal.

Cosme e Cunegundes, voltando para a sala, morderam no par que saiu com preceito. Cunegundes não podia tolerar a fita cor de rosa que Rufina trazia ao colo, e, a propósito da fita, insultava-a sem dó nem piedade.

Lá fora, Rufina ria-se da sujidade da mulher do Cosme, a quem chamava francamente: Porca!

\*

O ULTRAMAR: 16/02/1895

Desde que se finalizou o ajuste de casamento, o padre Antônio Dantas não dormia.

Apoquentava a Salvador para fazer o contrato antenupcial. Queria o dote nas unhas.

O dinheiro em mãos de Salvador não vence juro, pensava o velho, mas alegava que era preciso fazer joias à noiva, comprar piano novo e limpar a casa, além de cinquenta mil coisas. Salvador fazia ouvidos de mercador. Não tinha dinheiro à mão, e por isso adiava de dia para dia.

Até que por fim o padre abalançou-se a enviar-lhe a minuta da escritura, que foi feita pelo doutor Cosme e atribuída a Jacó.

O contrato era: Separação dos bens, com simples comunhão, havendo prole sobreviva. Se Dulce não fosse fecunda, ainda mesmo por culpa de Jacó, ela regressava, depois da morte deste, à casa paterna com o dote, deduzindo-se-lhe 5%. Se falecesse em vida do marido, constituía-se este na obrigação de devolver aos seus herdeiros, só 5 mil rúpias, por ela ter tido a pouca vergonha de morrer na constância do matrimônio.

Pelo casamento de Jacó, os Dantas lucravam, quer morresse o marido, quer a mulher, sem prole sobreviva.

– Paciência, opinava o padre, Jacó é *serrador de cima*; que Salvador resigne-se querendo. A Jacó não faltam noivas... E de mais, Dulce tem tuberculose na família.

– Mas Jacó tem aquele defeito, segredava Especiosa, com ar justiceiro, referindo-se às suas bebedeiras secretas...

– Isto ninguém sabe, sentenciava o padre Antônio, com voz abafada...

Para o velho, bebedeira secreta não era bebedeira. Contanto que não se mostrasse em público e não estragasse a casa com despesas, a bebedeira não fazia mal a ninguém. Aí estão Camilo Sanches, que bebe durante 8 dias em casa. É sua vida privada. Temos o Antônio Pereira que vai ao hotel, mas quando? De noite. Quem ousa falar nele?

Era a opinião do padre.

Efetivamente em Breda havia e há bêbedos e bêbedos; não é aí propriamente odiada a bebedeira em si, mas a bebedeira tomada em certas condições.

Aquele que bebe em casa durante semanas e semanas, não é bêbedo. É simplesmente um *homem que não desgosta*. Se morre hidrópico, ou de qualquer outra moléstia que o abuso de bebidas acarreta, a morte não se atribui a excessos alcoólicos. Toda a família protesta contra semelhante suposição, depois da sua morte. Ele tomava espírito porque lhe fora receitado por causa de cólicas, asma, sufocações, diz ela, e isto também com água. Alguém viu-o alterado?

Aquele que bebe furtivamente nas lojas, às garnelas, de noite, de combinação com o lojista, é simplesmente pândego, ainda que vá para casa aos tombos. Ele faz sua dose e vai, sustentam os seus amigos; não se excede. O vinho é para beber, está claro... contanto que não se abuse.

O bêbedo é aquele que vai ao hotel de dia.

Ele beba ou não, se foi ao hotel de dia é bêbedo... Está perdido... Não há esperanças dele, coitado, era bom rapaz... ... Está perdido... Vai ao hotel.

O vai-ao-hotel-de-dia é sinônimo de bêbedo. Se<sup>60</sup> leva bebidas do hotel a toda a hora do dia... é abstinência.

Há mais uma casta de bêbedos; a que se embriaga nas *ocasiões*, nas reuniões, nas *soirées*, jantares e bailes.

Para esta, Breda tem toda a benevolência. Isso não tem nada... uma vez pode acontecer... ... ele não bebe sempre. Uma vez, junto com os amigos, bebe-se um e outro copo a mais. Isto acontece a todos... ... Ele não vai à loja, ao hotel.

O bredense lamenta o bêbedo em geral, lamenta mais o bêbedo solteiro do que o casado, ainda que tenha os filhos na miséria. Não sei por que é isso assim; talvez porque

---

<sup>60</sup> A partir de 1907: “Só”.

o solteiro que morreu bêbedo, parece-lhe que não atingiu a baliza do seu destino, nem chegou a cumprir a missão para que veio ao mundo – casar-se.

\*

Salvador Pereira recebendo a minuta do contrato antenupcial, enfureceu-se ostensivamente com as cláusulas e condições do contrato, mas realmente por falta de dinheiro.

Chamou ao padre ladrão, o que dona Doroteia lhe comunicou, acrescentando a palavra “infame” por sua conta.

– Eu não dou a minha filha para ser criada dos Dantas, bradava ele, este contrato é leonino dizia, esquecendo-se do seu que estava pior. Quando eu me casei, acrescentava Salvador, fiz todas as concessões à minha mulher. Este tratante quer atirar à miséria os meus filhos! Isto não pode ser obra de Jacó, que é um idiota. Deve ter-se metido naquilo o Cosme... aquele chicaneiro de encomenda... Vejam com que maroteira ele põe as palavras *prole sobreviva*. Julgam que me enganam? ... perdem tempo.

O padre mandou-lhe dizer que consentiria em substituir a palavra *prole* por *filhos*, e pediu-lhe uma conferência.

Salvador não queria saber de conferência alguma, enquanto continuasse na minuta a palavra *sobreviva*.

Diga-se à puridade, o padre nem dera fé da palavra *sobreviva*, nem sabia qual a sua utilidade; mas como o pai de Dulce bramia contra ela, considerou-a um baluarte inexpugnável, que o doutor Cosme introduzira arteiramente na minuta, para beneficiar a Jacó, e insistia na sua conservação.

Ora Jacó, como advogado, queria ter opinião própria na questão, e entrincheirando-se atrás do tal *sobreviva* bombardeava o futuro sogro.

Era para ele uma questão de vida e morte, dizia, sem saber por quê. Preferia ficar solteiro do que ceder a palavra, jurava.

A mãe concordou com o filho, sem perceber o sentido da palavra fatal. E discutia com as piladeiras, com o fornecedor de azeite, com o mocadão, alegando razões da sua lavra, apresentando paridades e pondo casos práticos. As criadas a quem também pegou o contágio, tinham suas opiniões e votavam pelo desmancho.



Breda inteira tomou conta do caso, e bipartiu-se em dois campos irreconciliáveis. Uns achavam razão a Salvador, outros ao padre. Só dona Doroteia concordava com ambos.

Por fim Salvador cedeu aos rogos de dona Raguzinda e consentiu em tolerar a palavra *sobreviva*, mas queria que o dote fosse reduzindo a seis mil rúpias.

O padre Antônio Dantas, ouvindo isso, teve acessos de uma indignação apoplética, que manifestou por uma tosse impertinente.

Mandou dizer ao pai de Dulce que era um tratante descarado, que concordara em 7 mil rúpias em dote e mil rúpias em datas, e que o que fazia<sup>61</sup> era ladroeira pura e simples.

– Para mim a questão não é de dinheiro, ululava o padre com falso desinteresse; é da palavra daquele desgraçado, sem consciência. Pois consinto em remover a palavra *sobreviva*, que mandei pôr para garantia de ambos, mentia ele, mas que Salvador cumpra a sua palavra, “se for capaz”, acrescentava, para excitar os seus brios.

Salvador negou quadradamente que tivesse prometido 7 mil rúpias e datas. Seguiu uma batalha acesa de recados. Antônio Dantas sustentava um fogo vivo de propostas: queria que se avaliassem<sup>62</sup> os bens de Salvador e se visse em quanto montavam as legítimas de Dulce, ou na alternativa propunha que se lavrasse um contrato igual ao do próprio Salvador, ou que fosse a questão sujeita à arbitragem.

Salvador Pereira manobrava com toda a serenidade.

Não concordava na avaliação, porque não era com o valor atual que Dulce havia de receber as suas partilhas pela morte dos pais; não queria mostrar o seu contrato antenupcial, porque não tinha analogia nem vinha para o caso, nem concordava na arbitragem, exceto se o árbitro fosse o doutor Zeferino, que o padre tinha na conta de ímprobo, por ter sido procurador em uma causa proposta, em tempos, contra o seu defunto irmão, Camilo Dantas.

Antônio Dantas treplicava com mais propostas, acompanhando-as de insultos ao pai e à noiva, sobretudo à Raguzinda, a quem chamava megera desdentada, e a quem prometia todos os castigos do inferno, como se este estivesse a seu dispor.

Dona Doroteia estava no seu elemento.

Todos os dias, visitava ambas as famílias, de volta da missa onde contava as peripécias da luta. Era toda ouvidos para ambas as partes, concordava com ambas as

---

<sup>61</sup> A partir de 1896: “pretendia”.

<sup>62</sup> Antes de 1974: “avaliasse”.

famílias, levava recados, que adulterava de propósito, por gosto, e era havida por anjo por ambos os partidos.

Não vá sem dizer que durante a luta dona Especiosa não cessou de enviar a Dulce flores e presentes variados e baratos: jagomas, atas e castanhas de caju e jaca<sup>63</sup>.

\*

O ULTRAMAR: 23/02/1895

Volveu um mês.

Um dia que Jacó regressava do prédio, encontrou com Salvador. Estava com grão na asa o rapaz.

Salvador percebeu e calou-se.

Mas no dia seguinte mandou dizer ao padre, por dona Doroteia, que encontrara na véspera a Jacó em completo estado de embriaguez quando se recolhia do palmar, e que esta não era a primeira vez que o via assim, acrescentava Pereira<sup>64</sup>, mas sim a décima. E indicava os sítios, os dias, as horas, pormenores e testemunhas. Desejava mais o pai de Dulce saber, se devia dar sua filha a um bêbedo, e mais 7 mil rúpias além de datas.

Antônio Dantas ficou fulminado com o recado, mas tomou coragem e retorquiu que tivesse olho no namoro que a filha tinha com Ramiro.

Salvador replicou que estava em condições de poder inutilizar a Jacó com documentos.

O padre teve medo dos documentos, que de resto ignorava de que gênero fossem.

Lançou mão de um ardil.

Propôs a Salvador a remoção da palavra *sobreviva* em troca dos documentos.

Foi repelida a proposta porque tais documentos nunca existiram, e significou ao padre que só os largaria quando fizesse o casamento com 5 mil rúpias de dote e mil de datas.

O padre consentiu, derramado<sup>65</sup>, espumando de raiva contra Jacó.

---

<sup>63</sup> N' *O Ultramar* o parágrafo encerra-se com "presentes variados".

<sup>64</sup> Apenas n' *O Ultramar* aparece o nome "Pereira".

<sup>65</sup> Na edição de 1974: "derrotado".

\*

Foram feitas as pazes.

Mentia o padre que não desejava ceder, mas que a *coisa* estava adiantada, que os noivos estavam apaixonados, e que receava que ambos adoecessem.

Esta versão correu por toda a cidade, e ninguém deixou de lhe dar crédito.

Cada qual julgava ter surpreendido Jacó e Dulce, acariciando-se reciprocamente e sem pudor.

– Pois você não reparou naquele dia, na feira, a Jacó ao pé de Dulce? perguntava Filisberta à sua amiga Carlota.

– Ah... é verdade... Mas ele falava com Parrongo.

– Sim... fingia falar..., mas tinha segurado a mão de Dulce.

– Xi... que desaforada! exclamou indignada a boa Carlota.

– Eles são sempre assim... a mãe também dizem que foi mesma coisa... Que gente!

– Coitado! o Ramiro ficou na *ufa*.

– Ramiro! ... Ramiro por que? atalhou Filisberta, com seriedade e um tanto agastada.

– Você por que ficou triste, *hom*? – perguntou espantada Carlota.

– Eu não fiquei triste... Mas assim mesmo por que falar de gente?

– *Ham!* ... A sujeita parece que *leva para gosto!* disse Carlota em ar de troça.

– A quem?

– A Ramiro.

– Isto o que tem? Ele é meu primo, murmurou Filisberta, agastada.

– Sim... primo... por Adão... Uma menina da sua idade não deve ter semelhantes amizades, sobretudo com estranhos, sentenciou Carlota.

– Por que? Aquilo não é amizade de casamento...

– Então que amizade?

– Amizade assim mesmo.

– Amor *baí* aquilo *ham*... ? aquilo é amor, disse Carlota.

– Amor! ... amor ... A você tudo é amor... Por isso quando vem em sua casa o Celestino, você fica toda janota.

– Eu? murmurou Carlota.

– Sim... Você mesma... E quanto dançou você no baile do club com Celestino?  
Toda a gente reparava.

– Deixe reparar... Eu não comi nada de gente... Aquilo é inveja, disse Carlota enfadada.

– Aqui está... Seu também é amor *baí, ham?*

– Toda a sua conversa é de casamento, amor e noivos...

– Quem começou primeiro?

– Você.

– Você, mentiu Filisberta.

\*

Em 1 de dezembro foi lavrada a escritura antenupcial em casa dos Dantas. Até o último momento houve<sup>66</sup> questões, que o tabelião terminou com frases técnicas e maneiras conciliadoras, “por causa dos seus emolumentos”, dizia depois o padre Dantas.

De fato, o tabelião é um ente enigmático.

Discreto, paciente, abundando nas opiniões mais antinômicas, secretamente é amigo da paz e da guerra.

Esse dualismo é manifesto.

Enquanto tem o livro de notas aberto e os outorgantes a esmurrarem-se diante dele, é conciliador, amigo da paz e da bonança – até que emolumentos deem entrada nas suas algibeiras desafogadas.

Fechando o livro, quando está em *chômage*, ninguém mais do que ele anhele a guerra, a luta de interesses na humanidade esfaimada.

Fomenta-a, mostrando, por exemplo, os lados vulneráveis de uma escritura lavrada pelo seu colega, evidenciando os prejuízos que podem advir deles, patenteando a toda a luz a ignorância do sobredito seu companheiro, das disposições da lei de selo – alcorão do notário.

Para todos estes defeitos ele possui um único remédio: – fazer escritura consigo.

Enquanto a escritura está pendente da bolsa dos outorgantes, enquanto não está assinada, o tabelião é de uma loquacidade perene, melíflua, amigável. Ele apela para os bons sentimentos de ambos, para os seus caracteres imaculados, para os princípios e

---

<sup>66</sup> N’O *Ultramar* “Houveram”.

tradições de suas famílias – a quem, de resto, não tem a honra de conhecer –, para os seus talentos provados e reconhecidos, para a sua generosidade<sup>67</sup>.

Lavrada a escritura, postas as assinaturas e pagos os emolumentos, o tabelião cai numa mudez pavorosa, é monossilábico; e se não põe os outorgantes na rua, é porque o homem jurídico não morre, isto é, porque eles podem querer fazer outras escrituras.

Que diferença entre as saudações do notário, ao outorgante que entra e ao outorgante que sai!

– Ó meu amigo! ... Como vai? a família? pequenos... Já sei que o bom dia da senhora sua filha está para breve... que ordens nos traz?

Ao outorgante que sai, secamente<sup>68</sup>:

– Adeus, senhor. ! ... Mande buscar a sua cópia... Há de custar duas rúpias, sete anás...

Além disso, o tabelião é dotado de um faro surpreendente. Só de vista ele descobre que o viandante que passa tem um contrato a fazer; pelo tato, que ele vai ao tabelião companheiro; e creio que é pelo cheiro que percebe que traz documentos na algibeira.

Traído o outorgante pelo aspecto, olfato e tato, o tabelião prende-o em homenagem, mandando deixar em seu poder os documentos – a sua espada –, e no dia seguinte é fuzilado com verbosidade tabelioa, no recinto do cartório, à face dos referendários armados de penas, ao som do rufo das declarações semifalsas das testemunhas.

O tabelião, como todo homem, tem alegrias e mágoas: alegrias quando haja qualquer modificação<sup>69</sup> na situação do homem jurídico, que o obrigue a fazer uma escritura; mágoas, quando o conservador faz registros provisórios.

Ele odeia o seu colega e despreza o interdito, como a mulher despreza o castrado.

O interdito é para ele um eunuco jurídico.

Entre o escritório do notário e a conservatoria está declarada guerra sem tréguas. Ambos, o tabelião e o conservador, querem demonstrar a melhoria da sua sapiência, à custa do apresentante.

<sup>67</sup> N<sup>o</sup> *Ultramar* “generosidade, diz ele.”

<sup>68</sup> Aparece somente a partir de 1896.

<sup>69</sup> N<sup>o</sup> *Ultramar*: “manifestação”.

Nesta pugna é sempre, ou melhor, por via de regra, é o tabelião que fica vencido, porque o fogo de *dúvidas* do conservador é muito mais vivo e eficaz, do que a bravata verbal do notário, com os escreventes parranas.

Há um outro antagonismo entre o tabelião e o conservador: o tabelião quer casamentos, o conservador ordenações para presbíteros.

.....  
 .....

Depois de lavrada a escritura antenupcial de Jacó houve bródio, a que assistiram os parentes do noivo.

O padre Antônio brindou à saúde de Salvador Pereira, falando das suas virtudes, da amizade que sempre vinculou as duas famílias, vínculos que vão agora estreitar-se por laços de matrimônio. Dinheiro vai, dinheiro vem, disse o padre com amargura, lembrando-se das duas mil rúpias que custou a bebedeira de Jacó – contanto que os noivos sejam ditosos.

O tabelião, saudando dos noivos, recitou pela centésima vez um brinde que parecia plagiado às Ordenações do reino.

O ULTRAMAR: 09/03/1895

## VI ANTES DO CASAMENTO

Durante as questões relativas ao contrato antenupcial, Dulce simulava uma ignorância crassa e salutar do que se passava entre seu pai e o padre Antônio Dantas. A sua ingenuidade obrigada, de menina solteira, embora de 23 anos, aconselhava-lhe este papel.

Mas sabia tudo, exceto a significação das palavras *prole* e *sobreviva*. E assustava-se. Fazia confidências à criada de sua estima, para quem não tinha segredos.

Quando, porém, foi lavrado o contrato, Dulce respirou. Com o contrato tinha-se afastado o espectro de desmancho.

A menina indiana tem horror ao desmancho do ajuste de casamento, porque bem sabe que nestas ocasiões correm mentiras por mar e terra, e a vítima delas é a ex-noiva, cujos defeitos, reais ou imaginários, são atirados à praça pública.

A ex-noiva é quem paga por todas as perversidades, ambições e chicanas dos que se encarregaram do ajuste.

– Foi uma felicidade, dizem; agora é que conhecemos; é uma refalsada, uma burra, come<sup>70</sup> como uma loba. Quem lhe pode dar os seus cafés, chocolates, sopa e arroz refugado? Quem podia sustentar os seus luxos? Enfim, salvamo-nos de boas, sustenta a família do ex-noivo, o que a não impede de tornar e fazer o ajuste com a acusada.

Para se fazer um novo ajuste com outro noivo, é, porém, força que passe, por via de regra, longo tempo, que se serenem os ânimos, que se esqueçam os tais defeitos apregoados aos quatro ventos pelo ex-noivo e seus parentes.

Dulce não ignorava tudo isso, e transcendia de júbilo, que ela manifestou estrepitosamente no piano, matraqueando pela centésima vez, sem compasso a *Batalha de Praga*, famosa peça muito conhecida em Breda.

Para logo começou os ensaios das músicas, que tinham caído em desuso devido à falta de esperança de um casamento próximo. Tornou a aparecer o mestre Vales, o piano foi limpo<sup>71</sup> e afinado, e na sala dos Pereiras ressoavam todo dia os sons da *A la vita*, dos *mandós* novos complicados e torpes.

O padre Dantas prometera comprar piano, e Dulce preparava-se para fazer furor no dia do baile e nos dias subsequentes. Depois, Deus é grande, supunha ela.

\*

Em casa dos Dantas os preparativos para o casamento iam com uma velocidade febril, sob a direção fona do padre Antônio Dantas. Pintavam-se<sup>72</sup> as salas, compravam-se<sup>73</sup> os vestidos, ovos, açúcar, etc., faziam-se<sup>74</sup> joias etc., e entre o tio e o sobrinho nasciam frequentes atritos.

---

<sup>70</sup> O verbo não aparece a partir de 1907.

<sup>71</sup> N<sup>o</sup> *O Ultramar*: “limpado”.

<sup>72</sup> Antes de 1974: “pintava-se”.

<sup>73</sup> Antes de 1974: “comprava-se”.

<sup>74</sup> Antes de 1974: “fazia-se”.

O padre queria tudo barato, e só o necessário, o indispensável. E metia o seu nariz em tudo: na escolha de vestidos, na compra de ovos. Opôs-se tenazmente à aquisição do piano, porque só serve até a primeira gravidez, rugia ele. As joias queria que se tomassem<sup>75</sup> de empréstimo.

Em alguns casos a sua invenção era embaraçadora: quando viu a caixa de espartilho, julgou que era instrumento, e insistia em achá-lo inútil e ninguém se atrevia a demonstrar-lhe qual a sua aplicação e utilidade.

– O dinheiro não nasce na terra, gritava ele; e este *babá* (mostrando a Jacó) prejudicou-me em 2 mil rúpias, com as suas bebedeiras, como se o dote fosse para ele.

O seu forte eram os convites. Queria o maior número possível de convidados, e inventava parentescos, amizades, obrigações. Mas não aumentava o orçamento de despesa. Queria também em casa as autoridades, para se impor no público<sup>76</sup>.

Jacó e a mãe conspiravam lá dentro, de parceria com dona Doroteia.

No meado de dezembro veio a falecer subitamente o padre Silvestre<sup>77</sup> Dantas, tio de Ramiro. O padre Antônio quis decretar luto cerrado em casa e fazer o casamento *privado*, isto é, sem baile, para evitar despesas, ululava dona Doroteia indignada, por ser seu parente próximo, alegava o padre.

Mas dona Especiosa opôs-se tenazmente, alegando que depois deste baile, não podia ter mais bailes em casa, que carecia de satisfazer obrigações, e não estava para empanar o brilho da casa dos Dantas, que foi sempre galharda, sustentava ela.

Jacó multiplicava-se; não tinha tempo para nada. Ia do ourives ao bazar, aos operários, alfaiates etc. Opinava sobre o gosto dos vestidos.

– Este tem uma linda cor... e esta cor está hoje em moda..., dizia ele à mãe. Esta fita sobre aquele vestido há de fazer rico efeito.

– Mas é preciso ver de noite, ponderava a mãe.

– Nada, este é para o domingo.

– Veja, mamã, veja este chapéu... este papagaio, que lindo!

O padre estava furioso com o tal papagaio no chapéu.

– Este não é chapéu, berrava ele, é um cesto. Por que não puseram um porco lá...? ficava muito bem... E o que é isso?

– Anquinha, tio, disse Jacó.

---

<sup>75</sup> Antes de 1974: “tomasse”.

<sup>76</sup> N’*O Ultramar*: “impor fora”.

<sup>77</sup> Acreditamos que aqui ele se referisse ao padre Sertório Dantas, que era o tio de Ramiro, o qual vem a falecer, como se confirma mais à frente na obra.



– Para que serve isto? ...

Fez-se um silêncio profundo.

– Onde se põe isto? Insistia o padre.

– No..., ia dizendo Jacó.

– Ó Florinda, onde se põe isto, perguntou o padre à irmã de Jacó.

– Não sei pa-tio, replicou a pobre menina envergonhada.

– Ó Jacó,... isto é para você?

– Não, aquilo põe-se atrás... para mulheres, disse Jacó atrapalhado.

– Jesus! que modas... no meu tempo não havia semelhantes máquinas... Isto perde-se em uma noite?

– Não, tio.

– Veja se ajusta à sua noiva... e à Florinda também... Não comprem inutilmente duas...

– Mas ela já tem uma...

– Quando comprou? Inquiriu o padre.

– Há meses... disse Florinda.

– Mas eu nunca a vi usar.

– Eu sei, pa-tio, fez a pequena.

– Vamos, use agora isto... vamos a ver onde param as modas. Florinda, rubra de vergonha, ia retirar-se com a anquinha.

– Ponha aqui mesmo... Onde vai?

Florinda estava já com as lágrimas nos olhos, quando o alfaiate, que aí trabalhava, disse umas palavras ao ouvido do padre, o que fê-lo retirar com passo majestoso, e jeitos trespassados de um pudor senil.

\*

O ULTRAMAR: 16/03/1895

O padre Antônio Dantas cedeu às instâncias de dona Especiosa, sua cunhada, e concordou em festejar com um baile o casamento de Jacó, que devia ter lugar em janeiro.

Mas Salvador Pereira tomara uma resolução firme: não dar baile para a torna-boda. Estes bailes incomodam a todos, sustentava ele, e na Europa estão já banidos, com justa razão. As minhas obrigações posso satisfazer em outra ocasião, quando casar o meu filho; então entra dinheiro em casa.

A estas razões filosóficas adicionava outras, inventadas *ad hoc*. Falecera o padre Sertório, seu parente, amigo e mestre, jurava ele, e Raguzinda andava adoentada; não podia com trabalhos e massadas a que um baile obriga. Quem havia de tratar do jantar dos boiás? E da fatura dos doces?

Dona Raguzinda, esposa de Salvador, estava inconsolável com a resolução tomada pelo marido, receava comentários do público, e descrédito do nome da família.

Dona Doroteia deu o rebate. O que? Não haver baile por ocasião do casamento da primeira filha era para ela um escândalo, uma torpeza sem nome. Isso nunca se viu em Breda. Até se tem contraído empréstimos e vendido propriedades, para sustentar o lustre da casa por ocasião do consórcio dos filhos primogênitos. Estava indignada a velha; supunha-se quase lograda – roubo do baile e dos dias subsequentes. E toda a cidade preclara de Breda dava-lhe razão, sobretudo as mães que possuíam filhas casadeiras, e as casadas com vestidos de pouco uso.

Dona Doroteia era uma mulher para temer pelos pais carregados de filhas. Varonil, ela possuía a língua mais mordaz de toda a Índia: o que soubesse propalava aos quatro ventos; quando nada soubesse, inventava. Tinha, além disso, uma voz de Estentor, e quando se metia em briga, com os vizinhos, com os amigos, com o gênero humano, subjugava o contentor com a voz. Honesta, isto é, não furtava, serviçal, ela quebrava as suas relações com uma família quatro vezes ao ano, e outras tantas vezes as reatava.

Salvador tinha medo à sua língua, por causa das filhas. Cortou o nó górdio indenizando-a generosamente: convidou-a para se demorar em sua casa, na época da torna-boda, por um mês, junto com a sua criada.

Acalmou-se a velha e mudou de diapasão. Achava agora razão ao pai de Dulce, em não dar baile. Quem podia tomar tanto trabalho em casa dos Pereiras? E sem trabalho nada se faz. Não se dá baile de pé para a mão; e, quando se quer dar, deve ser bom e não uma *chinfrinada*, como em casa dos Araújo, Ribeiros, Costas, e citava todas as casas de Breda, onde não fora convidada para *soirées* ou bailes. Assim desacredita-se a gente. E acrescentava baixinho, como suprema e convincente razão, que a mãe de

Dulce *estava de esperanças*, e falava de meses, fazia conta e enumerava os incômodos a que Raguzinda era sujeita nessa época.

Breda inteira riu-se durante semanas com esta razão final. Jesus! Esta mulher velha; aquele Salu. Seguiram os comentários do costume. Mordacidades e tolices.

Dona Raguzinda protestava em toda a parte, em vão, diante de homens, mulheres e crianças, com indignação pudibunda, altamente recreativa. Aquela dona Doroteia era uma malcriada, indecente e ... *invejosa*, rugia.

\*

Nos fins de dezembro, dona Sabina, viúva, mãe da menina Tertuliana e irmã de Salvador Pereira, pediu a este que mandasse a Dulce passar alguns dias consigo.

Era o *porcondo* ou *procondio*.

Ingono a origem do *porcondo*, e o que propriamente significa.

Quando recorri ao dicionário português, só encontrei: porco s. m. quadrúpede. Disse.

Salvador desculpou-se cortesmente alegando incômodos da esposa e lições de piano de Dulce.

Mas dona Doroteia e os Dantas acoimaram a recusa de *fonice*. Diziam eles que Tertuliana estava para casar em maio, a quem também Salvador teria de convidar para sua casa como tio, o que importava despesas, que ele queria evitar.

Contudo dona Sabina tanto insistiu, tanto rogou, tantas vezes alegou a sua qualidade de tia da noiva, que Dulce obteve permissão para ir à casa da mãe de Tertuliana.

O *porcondo* moderno é uma sensaboria. *Europeanisou-se*. Por via de regra, dá-se uma *soirée* como qualquer outra, onde a noiva vem e vai com os convivas. Um advogado, célebre pela sua eloquência nas polícias correcionais, faz o brinde da noiva, em que fala do noivo, e diz deste tudo o que não é.

A única coisa que há aí de notável, é a atitude da noiva, que se requebra demais, toma uma desenvoltura imprevista e inesperada, e para ser considerada *menina desembaraçada* quer responder a tudo e diz disparates, quer ser chistosa e torna-se pedante, assim como acha graça a tudo o que diz o noivo.

Em suma, o *porcondo* moderno perdeu o caráter de festa íntima de família e só de família.

O *porcondo* de Dulce foi solenizado à antiga. Em dias sucessivos fizeram vestir a noiva de gentia, de mulher cristã de pano-palló, de pano-baju, fazendo-lhe perder temporariamente o pudor português de não deixar ver os pés nus.

Dulce prestou-se a tudo. Para se vestir de gentia foi levada para a casa de Antá Naique, hindu abastado, onde os seus filhos admiraram-lhe até a camisa, porque a pobre rapariga teve de vestir-se no *chouky* para não poluir os quartos.

Quando regressou à casa da tia estava linda, com as barrigas das pernas expostas e muitas outras coisas.

E o pudor europeu soluçava no cabide!

Nesse dia os primos de Dulce brincaram muito com ela, puseram-lhe o nome de Janky. Quando ela levantou-se para rezar a *Ave Maria*, todos se mostraram admirados.

– Janky sabe o *Padre Nosso*!

Dulce estava contentíssima.

Ria-se, mais ria-se sem tom nem som.

Troçaram do noivo. Riu-se mais do que os outros. Quando Dulce vestiu-se de pano-palló, todos a admiraram. Estava um primor de elegância.

É sabido em que parte do corpo se apura a elegância desse traje, como também do *olli* (lençol). Pois esta parte acusa-se perfeitamente.

Para pôr termo a elogios, de resto merecidos, e a curiosidades indiscretas, Dulce – com licença – assentou-se.

O *pano-baju* fez revelações medonhas.

Mas paremos aqui, e respeitemos os vencidos de vida, porque o umbigo de Dulce nos espreita, por entre o pano e o baju.

O ULTRAMAR: 23/03/1895

## VII O CASAMENTO

O consórcio de Jacó e Dulce foi designado para 24 de janeiro de 188.....

Toda a Índia foi convidada.

Em Breda houve mais cautela na distribuição de bilhetes e escolha de convidados. Onde havia certeza de que todos os membros da família aceitariam o convite para o baile, foram convidados o chefe de família, ou velho, ou achacoso, ou paralítico, com a esposa. O padre é que fizera essa fraude.

Nas cartas de convite Jacó incluiu o seu bilhete de visita com o seguinte lema:

JACÓ AVELINO DANTAS

ADVOGADO

*reforçando*

Jacó não tinha amigos particulares a convidar. Mas exigiu que fossem cumprimentados todos os noivos que iam se casar por aquela época, a fim de receber em troca seus convites para bailes, onde Dulce podia exhibir seus vestidos novos.

– É necessário que a gente veja o nosso gasto<sup>78</sup>, pensava. Depois segue a quaresma, e os vestidos ficam no armário.

Poucos dias antes do casamento, um primo de Jacó, Damião, rapaz ocioso e serviçal, foi encarregado de fazer convites pessoais às damas de Breda.

Este Damião compôs um discurso para a ocasião, que desfechava *ipsis verbis* em todas as casas.

– A minha tia Especiosa pede a vossa excelência que não falte para o baile. Ela diz que é a única reunião...

– Eu ando incomodada, senhor Damião.

– ..... que tem em sua casa, porque Jacó...

– Mas o médico aconselhou-me repouso.

– ..... é único filho, e ela coitada espera...

– se eu pudesse, mas o médico...

– ..... que vossa excelência não faltará.

– Veremos.

Também foi despachada uma mulher para perguntar em todas as casas, onde havia senhoras, a hora em que queriam a *machila*.

---

<sup>78</sup> A partir de 1907: “gosto”.

\*

No dia 24 de janeiro Breda estava em movimento. Os mancebos corriam ao mercado à compra de colarinhos, punhos, luvas e gravatas de cambraia. Alguns não tinham comprado luvas, porque possuíam as do ano passado “que estavam novas como alvaiade” diziam eles.

Caetaninho, Serafinho e Pedrinho queriam trazer flor na lapela da casaca, mas não tinham *claque* e viam-se obrigados a andar com mãos abanadas. Por fim, Pedrinho pôde obter uma, do alfaiate Paulo, que ele fraternalmente prometeu emprestar aos outros dois, quando tivessem de entrar na sala de dança à busca de par.

Às 4 da tarde viam-se<sup>79</sup> nas janelas de diferentes casas, meninas solteiras esbandalhadas, untuosas, com o cabelo molhado com azeite de coco; outras traziam-nos envolvidos em canudos de papel com goma, e pareciam loucas esguedelhadas.

Eram os preparativos para o baile da noite.

\*

Padre Antônio convidou todos os seus parentes para acompanhar o noivo. Vários vieram, vários não, para não gastar em machilas, e outros por não terem casacas dignas de serem vistas de dia.

Quando a noiva chegou à igreja, junto com Tertuliana e algumas outras parentas, fez sensação. Estava mais feia que de costume.

O vestido branco tem esta propriedade.

Todos concordaram que este estava lindíssimo, e que tinha vindo de Bombaim. Uns avaliaram-no em 400 rúpias, outros em 600 rúpias.

Tertuliana pusera no corpo tudo o que podia pôr<sup>80</sup>: rendas, fitas, botões, miçangas, galão, pedras preciosas, canutilho, azeite, água de kananga, corais, vidrilho, talabarte, banda, fivelas, porta-cauda, aljôfares, diadema, pente, anquinha, pó de arroz, véu, gravata e pedra verde. Estava um cabide.

A noiva arranjara uma cara de hebetada: estava triste, tinha chorado quando se despedira da mãe, e ainda mais quando soube que padre. Antônio teimava em mudar-lhe o nome de Dulce em Efrozinda.

---

<sup>79</sup> Antes de 1974 “via-se”.

<sup>80</sup> A partir da primeira edição em livro “tudo que podia.”.

– Dulce é nome da mamã-grande, alegava a pequena, em vão.

O padre estava inabalável. Queria vingar-se de Salvador. Dulce não é bom nome, dizia o padre, é demais romântico; e não quero romances em casa.

Acabada a cerimônia de casamento, Dulce assinou-se no termo a tremer, fazendo preceder a assinatura de um borrão de tinta, que limpou com dedo enluvado, deixando ver que ainda estava, na escrita, no período de ardósia.

De volta para casa estava loquaz e alegre. Conversava com o marido muito, na machila; parecia trazer-lhe muitas notícias.

Mas aquilo era acanhamento, que tem manifestações opostas: verbosidades e silêncio com caretas.

O ULTRAMAR: 30/03/1895

## VIII O BAILE

Baile! paraíso dos solteiros, purgatório dos casados, e inferno dos pais com filhas casadeiras, tu és o sepulcro de muitas fortunas, a arena onde a virtude terça armas com o vício, o lugar onde se dá o grande certame de beleza, onde se travam lutas atrozes, onde germina a fruta de amor, onde se pisam os calos com impunidade, onde o homem tem toda a liberdade para se mostrar o que não é; tu és<sup>81</sup> o fundador de calote; é no teu ventre que nascem os ajustes para casamento; tu és o gerador do bom gosto, de maneiras polidas e de diarreias.

Tu és.....

Não continuo neste *Kyrie*, porque vejo o leitor murmurar: *Ora pro nobis... ora pro nobis...*

Dulce foi recebida à porta da casa do noivo por dona Especiosa, dona Doroteia e o padre Antônio, que lhe chamou pela vez primeira de Efrozinda.

Dona Doroteia estava incognoscível.

---

<sup>81</sup> N' *O Ultramar* aparece apenas “o fundador de calotes”.

Tinha usado um vestido novo, de tafetá azul ferrete, com quadrados pretos, aberto no pescoço, e guarnecido de vidrilho. Limpou a cara com esmero, e na cabeça trazia uma fita preta de veludo. Estava ainda rubra de raiva por uma alteração violenta que tivera com o cozinheiro por lhe ter chamado noiva, mas ainda mais zangada por lhe ter caído na nuca, ao jantar, uma gota de molho que lhe desceu pela espinha dorsal, com risco de sujar o vestido<sup>82</sup>.

Às 7 horas começaram a vir os convivas, os cavalheiros a pé e as senhoras de boiás. Uma música barata ribombava contradanças reles. Um grupo de rapazes apinhados à porta conduzia<sup>83</sup> as damas, sem as cumprimentar, até a porta da sala, onde as entregavam à senhora que fazia a honra<sup>84</sup> da sala, e que as recebia com um riso silencioso e automático, e as conduzia a uma cadeira como se conduzisse uma cega.

Esta dama, que faz as honras da sala, tem o direito de dançar na primeira contradança, de cabeceira, com alguma pessoa grada da freguesia, e a obrigação de entreabrir os lábios em um sorriso pateta, tantas vezes quantas são as damas que entram na sala cujas honras faz.

Os mancebos que estavam na<sup>85</sup> porta desempenhavam-se do serviço de que se incumbiram com uma certa destreza de saltimbancos, com familiaridades de sacristães, falando uma mescla de português e concani.

Se<sup>86</sup> entrasse alguma senhora europeia, estes sujeitos não se atreveriam<sup>87</sup> a apresentar a sua destra dobrada – o braço – a ela. Eclipsariam-se<sup>88</sup> à sombra do seu nada.

Com as nativas era outra coisa:

– *Arê, Jaqui..... iticá salam oró<sup>(a)</sup>, dei* braço àquela senhora.

Entre estes senhores havia um com papel e lápis na mão. Era o diretor dos boiás, e o encarregado de mandar machilas às damas.

É ele que determina à banda da música estacionada e escarrando alto defronte da porta, na rua, a tocar hinos de diferentes nacionalidades, todas as vezes que entra uma dama; a ordem era transmitida por intermédio do rufo de tambor.

<sup>82</sup> N' *O Ultramar* o parágrafo se encerra em “espinha dorsal”.

<sup>83</sup> Nas outras edições “conduziam”.

<sup>84</sup> A partir de 1907 “as honras”.

<sup>85</sup> A partir de 1907 “à”.

<sup>86</sup> N' *O Ultramar* “Quando”.

<sup>87</sup> N' *O Ultramar* “atreviam”.

<sup>88</sup> N' *O Ultramar* “Eclipsavam-se”.

<sup>(a)</sup> Ó Joaquim... conduza essa senhora à sala.



Muitas vezes sucedia vir chegando uma machila, estrepitosamente. Começava o hino a anunciar pressuroso a chegada de uma dama, mas a carruagem cuspiu em estafermo de Murubim, atrapalhado, com a gravata sobre a pele do pescoço, suando em bica e mascando tabaco. A música parava indignada, e o tal convidado envergonhado, não sabendo o que fazer das suas mãos, cumprimentava a todos com entonação – europeia... de Murubim.

Na sala reinava um silêncio religioso; parecia uma sé primacial iluminada para vésperas de alguma festa pomposa. As damas estavam assentadas nas cadeiras ao longo das paredes, hirtas, com ar de aflição e ansiedade. A sua tristeza comovia; dir-se-ia, se não estivessem mudas, que se assentaram para rezarem o terço.

À entrada de cada dama, todos os olhares se convergiam para a recém-vinda, e duzentos olhos femininos a examinavam com desfavor. Era oficial do ofício, está claro. Esta pobre senhora, nervosa, lívida, amparada pela que fazia as honras da sala, despojada do seu xale que lhe cobria a nudez dos seus ombros pudibundos e as suas clavículas expostas com elegância europeia, era conduzida para uma cadeira onde se instalava como podia.

Dulce estava sentada no sofá principal, só, abrindo e fechando o seu leque novo, e mirando-se disfarçadamente no espelho que lhe ficava defronte.

Durante estas duas ou três horas de expectativa e aborrecimento, cada qual na sala passou o tempo como pôde, com a boca fechada, que só se abria para bocejar, – bocejos que licitamente se pode atribuir à falta de *canja* das 7 horas p. m. a que somos acostumados – fazendo do leque um biombo encobridor de muitas coisas, que uma senhora que se preza e queira escancarar a boca em público, não deve exhibir.

\*

Antes da dança, nem um rapaz respeitável e com vergonha ousava atravessar essa sala, sem lhe tremerem os pés. Esses argonautas tinham medo ao mar bonançoso, e abalançavam-se nele só quando encapelado.

Nas *salas interiores*, vulgarmente conhecidas na família com nomes de *vassry*, *oiry*, *cuddi*, refeitório, *van-saddi*, etc., caiadas e embostadas de fresco, a infância, mocidade, virilidade e senectude bredense, masculinas, de quinzena, fraque, casaca de pano preto, passavam o tempo discutindo o preço do coco, e assuntos literários, trocando epigramas e ditos chistosos e exibindo requintes de cortesia e civilidade, que

na sua vida quotidiana são desconhecidos, mas que, como está assente pelo consenso dos povos, devem acompanhar os fatos nobres que usavam.

– Como passou, meu amigo, dizia o jovem Casimiro, estendendo solenemente a destra ao jovem Celestino, com voz grossa, imitando o senhor doutor delegado

– Adeus, Celestino, como vai passando, exclamou Miguelinho, que tinha usado casaca nova de merino. Já tive o prazer de te falar, não é assim Casimiro?

– É verdade, ainda há bocado, haverá um par de horas, quando o astro do dia ia banhar-se no oceano, deixando após...

– Está poético o amigo, atalhava Miguelinho... estimo ouvir-lhe falar com esse rendilhado de frases e com estilo tão facetado...

– É o meu feitio, que diz Celestino? À força de leitura de livros literários, adquiri essa maneira de falar, que é-me natural e de que até um europeu se admirou...

– Eu noto também isso em mim, interrompeu Casimiro, quando leio o Camilo; caem-me involuntariamente frases dos lábios, como gotas de orvalho em uma manhã de inverno.

– Não gosto tanto de Camilo Castelo, não escreve mal, é certo, sustentou Celestino com ar superior; algumas páginas que eu perlustrei; ainda ontem estendido no meu divã... não me desagradaram.

– O meu fraco é Júlio, fez Miguelinho

– Que Júlio? Inquiriu Casimiro.

– Júlio Diniz...

– Não é mau... Vi as *Pupilas*.

Estes três pelintras estavam na mesma tarde na igreja, de chinelos, vendo o casamento de Jacó, e na véspera furtando goiabas no quintal da casa paroquial, d'onde foram corridos pelo cozinheiro do pároco, deixando um deles no sítio os seus chinelos.

\*

No canto de uma outra sala, três sujeitos com ar aborrecido. Eram os senhores Salvador, Miguel Sanches e Sant'Anna Costa.

– Afinal não sei para onde vai nosso coco, rosnava Salvador; dizia-se elevar o preço do coco... Alguns batelões...

– Felizmente dizem que a colheita nos *cumerins* foi boa, aliás tínhamos carestia de bate, profetizava Sanches.

– O senhor compra bate? Inquiria Sant’Anna.

– É verdade *hom...* o meu não sai muito bom... e lá em casa não comem senão o *patnim*.

– Veja se quer o meu, é superior, gostoso..., propôs Costa.

– Se quiser dar com o meu *paily*.

Sant’Anna mudou de assunto.

– O coco é que me tem atrapalhado muito... tenho-o todo na loja... e ninguém pede... o Santú prometeu vir, e não veio.

– Não sei onde vai parar tudo isto! murmurou Salvador com tristeza resignada. Estes impostos... e tudo para os babás que vêm de Europa.

– E quem paga são os nossos filhos... e verá, senhor Sant’Anna, que daqui a pouco aos nossos filhos não restam senão os lugares de escrivães de comunidades, jurava Salvador.

– Eu vou mandar os meus para Bombaim..., mas o diabo é o coco, rosnava Sant’Anna; coco sem preço, bate sem preço, e os nossos deputados mudos!

– E para que serve esta imprensa? inquiria Salvador, com ar superior; em vez de promover o comércio e a indústria estão com questões pessoais.

– A causa de tudo é a imprensa...

– Eu vejo pelo menos o *Pregoeiro* dizer alguma coisa, mas os outros nada, berrou indignado Sanches.

– Ora, deixe, o *Vigilante* tem dado nos europeus, replicou Miguel.

Seguiu<sup>89</sup> um longo silêncio.

\*

Salvador quebrou o silêncio, para se dirigir ao senhor Manuel Jorge, empregado inteligente da repartição de fazenda, muito lido em leis fiscais, e profundamente desgostoso com a marcha da nossa administração pública, e com o caminho que levava o país.

Jorge era pessimista, de um pessimismo negro, mas inofensivo, e lia só o *Boletim Oficial*.

---

<sup>89</sup> A partir de 1907: “Seguiu-se”.

Cada número desse jornal trazia-lhe uma mortificação, uma facada. Parecia que o governo provincial estava apostado em varar-lhe o peito e as leis que ele abrigava, com medidas ilegais, esbanjamentos e torpezas.

E Jorge fazia uma cara de quem acarretava toda responsabilidade desses atos do governo. Afligia-se o rapaz com a sorte dos contribuintes e com o futuro de Goa, que dir-se-ia entregue aos seus maternais cuidados.

Jorge entristecia-se de fato, e a tristeza revelava-se na sua fisionomia como num espelho.

Naquele dia, Jorge estava sentado silencioso e meditabundo, com humor negro e cabeça curvada sob o peso de decretos, portarias, acórdãos e anúncios publicados no último *Boletim*.

– Então, senhor Jorge, muito calado? disse Salvador.

– Hum! fez ele.

– Então não diz nada?

– Que se há de dizer, *hom*? ... Não leu o *boletim*? exclamou Jorge, agastado.

– *Boletim*? O que diz?

– Não viu aquela portaria, que põe em execução a lei de 16 de maio de 1863?

– Sim,... depois,? ..., inquiriu Salvador.

– Depois o quê? ... Onde está aquela lei? Quem a publicou no *Boletim*?

– Ah! ... é verdade.

– Uma simples portaria pode pôr em execução as leis do reino? E aqueles brutos do governo se não sabem isto, por que vêm aqui comer nosso dinheiro? Estão sugando o sangue do contribuinte...

– Então o contribuinte deitou bichas baixas?

– Isto não são graças, senhor! Há de experimentar. Ali vem uma portaria nomeando adido o Rodrigues.

– Coitado! Tem filhos...

– Coitado!? Se tem filhos, que vá cavar...; que se não casasse, para vir afinal a pesar com a sua prole, sobre o tesouro público, isto é, sobre o contribuinte! Agora adido... amanhã efetivo..., e o povo paga ambos os ordenados, do efetivo e do adido. É um roubo! uivou Manuel Jorge.

– Sem dúvida! obtemperou Salvador.

– E veja o *Boletim*. São intimados os mortos como residentes em partes incertas para as contribuições...

– Xé!

– Xé? Veja o anúncio citando o coronel Rogaciano, que já morreu... até foi guarda de honra. Estes oficiais de execuções fiscais têm vergonha?! Precisam ser enforcados e depois mortos a pedradas.

– Mas há muita coisa pior.

– Não nego. Comecem primeiro pelos trunfos, pelo arcebispo, que está aí comendo dinheiro da mitra, que é nossa.

– É sua?

– Minha não pode ser porque sou casado; eu não posso usar mitra. Também a mim ninguém fazia arcebispo..., sou nativo..., aquilo tudo é para europeus e mestiços, que nada contribuem...

– Isto é verdade... quantos impostos!

– Chorem! ..., é porque aturamos estes patifes... O que faz esta imprensa mercenária...?

– Mercenária por que?!, moderou Salvador.

– Porque tem medo dos grandes.

Seguiu-se novo silêncio, ladeado de bocejos. Manuel Jorge caiu em meditação, franzindo a testa numa responsabilidade de juiz.

\*

Ao pé de um sofá, dois pequenos insultavam-se reciprocamente, fazendo caretas um ao outro.

– É seu pai, dizia Jacu; seu pai é ladrão.

– Seu pai é besta, retorquia Xicú.

– Sua mãe é mil vezes ladrão, acrescentava Jacu.

– Sua mãe é mil milhão de vezes ladroa.

– Vá-simbora.

– Eu não é vá simbora... você é vai-simbora... Cottó.

– Pongó.

E ambos estes garotos eram irmãos.

Mais adiante, alguns indivíduos presos nas suas casacas discutiam questões do mercado<sup>90</sup>, falta de peixe etc<sup>91</sup>., da arrematação trienal de comunidades etc.

\*

As portas que davam acesso à sala de dança estavam atulhadas de janotas que não ousavam entrar; pareciam estar de pé num tribunal judicial, e faziam comentários cinicamente espirituosos, e de mau gosto.

- Tertuliana parece um bufarinheiro.
- Veja a Tomázia, está a pôr o dedo no nariz.
- E com luvas, acrescentou um deles.
- Onde apanhou Santaninha aquele vestido?
- No albergue.

E todos se riram.

- Ela parece que está no estado interessante.
- Por que veio então ela aqui?
- Comer doce, está claro.

E riram-se de novo.

- Olha, Atusinha está janota.
- Que janota, parece um rato,... Veja, veja... está coçando o braço.

Ao pé da janela duas senhoras quarentonas, depois de comunicarem reciprocamente que se tinham confessado naquela manhã, morderam em todas as damas, em segredo, acrescentando:

- Eu, *baí*, não quero histórias de gente.

Tertuliana brigava com a mãe, segundo dizia a criada; Tomázia passava todo o dia em casa dos vizinhos para ver a Jaques; Santaninha ria-se da gente que passava pela rua, e fez uma desfeita ao Calisto; toda a sua mania era dançar de cabeceira – *capuceira* dizia ela –, punha constantemente pó na cara. Veja... veja como está mirando-se no espelho, e está coçando a ponta do nariz com o lábio superior. Não sabe estar na sala, sentenciavam ambas.

\*

---

<sup>90</sup> N' *O Ultramar*: “bazar”.

<sup>91</sup> Não aparece este “etc.” n' *O Ultramar*.

O ULTRAMAR: 04/04/1895

O padre Antônio Dantas repousava satisfeito, com a batina nova, em uma cadeira à *voltaire*, nas proximidades da adega. Sua reverendíssima aparentava desinteressar-se de todos os *arranjos interiores* que iam à sua roda, mas conservava na algibeira as chaves dos armários e da adega – albergue dos pingalhos. Para todos os convivas que iam felicitá-lo, tinha um sorriso paternal e pedia-lhes que fossem ver o seu retrato que estava na sala principal, trabalho de um desenhista amador, da vizinhança, “com muito jeito para pintura” atestava o velho.

Mas o tal retrato, salvo o respeito devido ao desenhista, era um medonho borrão, uma nódoa sem expressão com o seguinte nome por baixo:

*Padre Antônio Ligório Lycurgo Dantas*  
*nascido em 1820, gãocar de<sup>92</sup>*  
*1º vangor, natural de Breda.*

Na véspera do baile o solícito desenhista acrescentou:

*e*  
*Teólogo exímio,*

o que o padre não mandou remover “para não sujar o papel” dizia ele, e convidou-o para os dias subsequentes ao casamento.

Ao lado do tio de Jacó estavam sentados alguns padres novos em idade, com capas, em atitude de expectativa, que chamavam ao velho, *padre mestre*, – embora não constasse em Breda que ele tivesse lecionado qualquer coisa –, e não falavam do prelado da diocese sem dizerem *senhor patriarca*, com uma ligeira mesura.

\*

---

<sup>92</sup> A partir de 1907: “do”.

O baile rompeu às 10 horas e meia.

Tinham esperado por dona Fufília, esposa do administrador do concelho, que fora para casa lactar o pequeno, e por dona Tatarícia, uma senhora da capital “que me honrou com a sua presença”, dizia ufano o padre Antônio, quando todos sabiam que ela viera a Breda, para fazer a apresentação da sua filha casadeira Lília, que trouxera consigo.

Dona Tatarícia queria que a filha sobrelevasse a todas as donzelas da cidade de Breda, e quando, na igreja, por ocasião do recebimento, viu a *toilette* pomposa de Tertuliana, perdeu a cabeça. Seria um escândalo que sua filha, que era da capital, que assistira às *soirées* do club, que uma vez dançou com um guarda-marinha europeu, e duas vezes com o capitão do porto (europeu) e mais uma vez com um alferes (europeu), fosse vencida por uma provinciana, que nunca dançou com um europeu!...

A mãe de Lília recolheu-se da igreja para a casa onde residia, e carregou o vestido da filha com toda a bugiganga que pode encontrar no mercado, e apareceu no baile com a pequena – que parecia uma decoração – às 10:30, com pomposa sobranceira, um risinho em moda na capital, e olhos discretamente críticos, da capital.

Lília não conhecia pessoa alguma em Breda, mas a mãe informava-lhe, ou deixava-lhe perceber quais eram os rapazes *casáveis*. Bastava-lhe dizer a renda de um mancebo, a menina percebia que tinha de ser amável com ele.

Lília falava muito do governador, do secretário, de todos os chefes europeus das repartições com tal familiaridade – o Canuto, o Pimenta, o Adelino, o Duarte – que levava os que a escutavam a supor que todos eles eram visitas do seu pai; ela descrevia às meninas bredenses o trapiche, o campal, o baile do club, a fonte Phenix como outras tantas maravilhas; contava-lhes anedotas chistosas, ditos picantes dos juizes da relação, procurador da coroa, do conselho de província, do conselho governativo, da junta de saúde, mas com tal arte que fazia convencer às pobres provincianas – admiradas e boquiabertas – que todas estas anedotas se tinham dado com ela.

\*

O pai de Lília parecia empregado da extinta contadoria.

Digo *parecia*, porque conheço pessoalmente poucos empregados que foram dessa repartição, mas pelo seu fato, ademanes, modos arranjados, fundilhos abundantes que revelam espírito de ordem e de economia, sou capaz de distingui-los onde quer que os



veja – nos cedros do Líbano, no fundo de um poço, nas margens do Nilo, na igreja da Penha de França, no palácio do Vaticano, no embarcadouro de Vitongém, na ponte de Brooklyn, no bazar de Breda.

Apresentam-me Procópio Quadros ou Deocalion Dias, com máscaras e com fatos de repartição, em qualquer parte do mundo, inesperadamente; ao primeiro golpe de vista reconheço-os como empregados da nossa extinta contadoria, boa e velha contadoria, asilo da velhice assinadora, onde havia toda a comodidade para eles, durante as horas da repartição, desde o descanso aparando penas de pato até o banho semi-cúpio tépido aos funcionários em atividade com hemorróidas aposentadas.

A contadoria era a imagem do domínio português na Índia: caos, pureza e serenidade.

Tudo caminhava aí serenamente, como num convento, com pausa, que muitas vezes durava anos.

Quando o provinciano tinha uma pretensão naquela velha repartição, ia à capital e morava no *tone*<sup>(a)</sup> – primeiro espécime de *House boat* em Goa. No fim de três dias de passeios nas ruas da cidade com sobrecasaca – fato de mau agouro, que delatava aos garotos da capital a proveniência do seu dono – convenciam-se de que fazia melhor em

---

(a) “Devia ser “na tona”, pois *tone*, o mesmo que *almadia*, esguia embarcação *africana*, estreita e muito comprida, é diversa da TONA tipicamente *goesa*, barquinho a remos e com uma vela, formas bem proporcionadas, para transporte fluvial e pesca costeira.

\*

Este passo inesperado recorda-nos com inefável saudade essas viagens da nossa remota meninice, quando algumas famílias do interior, reunidas fretavam uma *tona* para ir à Velha Cidade assistir a missa de novena ou festa aos pés de São Francisco.

Nenhum turismo atual por mais requintado é susceptível de sombra sequer daquela poesia, bucolismo, regalo dos olhos e encanto da alma, que impregnava essas lentas viagens fluviais de ida e regresso, vogando sobre as águas plácidas e cintilantes durante 2 dias de sol ardente e 2 noites de luar de prata jorrando dum céu azul ferrete, ao bater cadenciado dos remos e suave murmúrio da brisa enfunando brandamente a única vela.

De um e outro lado, sem solução de continuidade paisagística: - aqui perto as estreitas margens em seco pela baixa-mar, coalhadas de pachorrentos crocodilos estirando suas longas cabeças de olhos dormentes sobre a trepidez acalentadora da terra lodosa; – logo depois os ridentes campos de sementeira regados por veias de riachos produtores dos melhores peixes, e os vales verdejantes em suave declive, salpicados de casais a emitir fumaça rala e disposto á roda de uma capela ou igreja, alvíssimas, encimadas da solitária cruz a abrir os braços num largo amplexo ao mundo inteiro; – pouco afastados, os extensos palmares bamboleando no alto suas copas hemisféricas e apertados cachos de cocos; de quando em vez tratos de mangueirais em flor e tufo de *zaiôs* e *mogarins*, de perfume sem igual; – e não muito longe, na meia-bruma, a lenta sucessão de íngremes encostas e cumes oiteirais que menos se veem do que se advinham, de literalmente encobertos pela exuberância luxuriante da misteriosa flora tropical, destacando-se aqui e acolá as enormes árvores de gralha e figueira (*pimpols*), altas e majestosas que nem mosteiros, abrigando sob as frondes descomunais, verdadeiras naves com divisórias de raizame aéreo que desceu até se cravar no chão; ... e o quão deliciosas não sabiam as refeições simples, preparadas pelos rústicos torneiros com o peixe que apanhavam ainda saltitante, do mesmo rio e sem afrouxar o ritmo de navegar! ...

Oh! Quem nos dera agora, pela última vez que fosse, repetir uma dessas viagens de nossa longínqua, descuidada e brincalhona infância!” (Nota do editor da 3ª edição)

tomar de renda uma casa por três meses, para mais comodamente solicitar a pretensão. E tomava. Depois de quatro meses via que tinha tempo, antes de despacho, de construir uma casa.

E julgo que muitos habitantes da capital que lá residem em casa própria, sem ser por motivos profissionais, originariamente pretenderam alguma coisa na contadoria.

\*

O padre estava furioso com a demora. Queria ir dormir antes de meia-noite por causa da missa do dia seguinte. Preparação já ele tinha feito às 4 horas da tarde ao som do *batuque*, e tambores dos brincos que vieram levar o noivo para a igreja. Mas, quando se falou da esposa do administrador, aquietou-se, por respeito à autoridade.

O baile rompeu com uma valsa dançada a seco e à fome pelos pares que tinham jantado às 2:30 da tarde<sup>93</sup>.

O primo Damião era mestre-sala, lugar que lhe fora confiado pelo seu bom senso e imparcialidade. De futuro acho que estes lugares devem ser exercidos por indivíduos nomeados pelo governo, como os juizes populares, para que qualquer estafermo escolhido pelo dono de casa não se arrogue o direito de apurar a graduação social dos convidados, por meio de bilhetes de cabeceira para primeira contradança.

Foi uma valsa boa, não vertiginosa. A vertigem começa depois de servido o vinho. Tertuliana e Lília tomaram a sala de assalto. Brilharam. Tinham dançado até o fim, sem parar, girando à direita e à esquerda, até que os suores abrissem sulcos profundos na alvura das suas faces, deixando ver a cor natural e extra-oficial delas. A cor branca de alvaiade e pó de arroz era a cor oficial destas estimáveis meninas, cor para ser apresentada ao público e aos noivos.

Dulce dançou também uma valsa incipiente, que terminou bruscamente, “por não acomodarem os passos”. O seu par era Alfredo, mancebo guapo, ignorante, e o Justino Soares do seu bairro, além de filho de sacristão.

Seguiu o primeiro serviço, de bolos, confeitos, pão de ló e café com leite. As bandejas vinham processionalmente, acompanhadas por indivíduos de casaca. Umás foram levadas para a sala de dança e outras para os cavalheiros, que bocejavam de fome em outras salas, fome que mitigavam com água.

---

<sup>93</sup> N’O *Ultramar* não aparece a referência ao período vespertino.

É indubitável que, para se ser bom acompanhante de bandejas, cumpre que tenha vocação. Além disso, é necessário que seja paciente com pernas fortes e boa espinha, e que seja possuidor de uma porção de frases obrigantes, a saber: Faça favor! – por quem é! – vossa excelência está à fome! – pelo menos um bolo! – não me há de negar isso! – oh! não! – faz-me esta desfeita?! – da minha mão não recusa vossa excelência! – um bolo não faz mal!

Tudo isso deve-se dizer em tom convencedor, voz aflautada e suplicante e modos de aia afetuosa.

O serviço e a distribuição de bilhetes para a primeira contradança fez-se simultaneamente.

O primo Damião, mestre-sala, andava de cima para baixo, desempanado<sup>94</sup>, desembaraçado, com um maço de bilhetes, à busca dos acompanhantes da noiva – embora estafermos, devassos, vadios e infames – e das pessoas gradas de posição: funcionários, médicos, advogados, capitalistas etc.

À medida que os bilhetes eram distribuídos, os cavalheiros entravam na sala de dança, protegidos pelas bandejas – verdadeiros abrigos contra a fuzilaria dos olhares femininos – e pela confusão que fica havendo ao circulá-las, para engajar os pares.

É este o momento fatal para toda a menina que se preza; uma espécie de juízo final provisório. As que são convidadas para dançar de cabeceira são as escolhidas do<sup>95</sup> deus do baile, as que ficam engajadas para o lado, são as réprobas.

Tertuliana, por um descuido do mestre-sala, teve bilhete para lado. Chorou às escondidas no quarto, a infeliz menina, diante do espelho, com canudo<sup>96</sup> na boca, quando foi fumar, depois do doce.

\*

A quadrilha dançou-se com solenidade e pompa, aos empurrões e cachações, porque na sala não havia lugar para tantos pares dançarem de cabeceira.

O lado foi como pôde. Dançavam rapazes e crianças em um *pê-le-mêle* medonho. Corina de Azaredo, uma pequena galante de 9 anos, aborreceu-se no meado da dança, e retirou-se deixando o seu *vis-a-vis* a dançar só, e Garibaldi da Costa, seu par, nem sabia

<sup>94</sup> A partir de 1907 “desempenado”.

<sup>95</sup> A partir da primeira edição em livro “de”.

<sup>96</sup> A partir da primeira edição em livro “cigarro”.

com quem dançava, mas dançava o desgraçado, só, sem par nem *vis-a-vis*, e por fim foi parar no grupo imediato e também aí dançava, incansável. Nem sabia o nome do seu par a quem chamava: uma criança.

Lília estava divina. Como menina da capital olhava as outras com ar de compaixão, e ria-se da confusão que ficava havendo no *balancez quatre en-ligne*. No meio de apertões não dançava, só andava com sobranceria capitalense; encontrando campo livre, bamboleava os quadris com elegância.

As pobres provincianas imitavam os seus movimentos prestigiosos, como a última expressão da moda da capital.

Depois da dança viu-se enroscada no meio da sala, uma fita, suja, que evidentemente servira para prender a meia de alguma senhora.

Um obsequioso que apanhou, andava com ela à busca da dona. Todas negavam ser sua, e com razão. Quando por engano, correu pela sala o rumor de que alguém encontrara uma joia, todas começaram a apalpar-se com descrição.

\*

O ULTRAMAR: 09/04/1895

Duas horas de madrugada.

O padre Dantas continuava sentado à porta da adega, “para afugentar com a sua presença respeitável os amadores de pinga”. Todavia alguns, os mais descarados, abalançaram-se a lá ir, passando por cima da sua respeitabilidade, fingindo-se convidados por alguém.

E o padre, inexorável, tomava nota destes, justamente ofendido no seu caráter sacerdotal e na algibeira.

A estas horas reinava vertigem em casa dos Dantas. Dançava-se vertiginosamente, jogava-se vertiginosamente e tocava-se vertiginosamente.

Lá fora os boiás altercavam furiosamente, e insultavam o padre por causa da ceia, que acharam má, sem peixe nem bananas, e cá dentro os músicos tocavam como coribantes.

Lília e Tertuliana eram assaltadas pelos dançarinos, bilhetes em punho.

– Minha senhora, vossa excelência está servida de par para a polca?

– Minha senhora, vossa excelência faz-me a honra de dançar lanceiros?

– Dança mazurka?

– A senhora dona Lília há de me dar o subido prazer de dançar a próxima contradança comigo.

– Já tenho par.

– Que pena!

A opinião geral era que essas duas raparigas “dançavam impagavelmente”. E elas, percebendo o conceito em que eram tidas, faziam-se de rogadas, e terminavam por dançar com quatro cavalheiros, em cada dança de roda.

Helena d’Azeredo e Gambetta da Costa, crianças mimosas, dormiam no sofá serena e profundamente, e só acordavam quando lhes murmurasse ao ouvido: *Veio doce*. Alguém pusera na boca deste um canudo de papel.

No meio de uma polca houve uma altercação por causa de Tomázia Gracias, entre o exímio dançarino Alberto e seu amigo Filomeno Sanches.

– O seu procedimento é indigno, rugia Alberto.

– A sua infâmia não tem mãos a medir, replicava Filomeno.

– Ora dizer-me às *barbas* de Tomázia, aquela troça!... murmurava Alberto.

Ora Alberto prometera a Filomeno as suas luvas, e afinal não as deu. Como Filomeno não aparecia, Tomázia dançou com o outro por ordem do mestre-sala.

\*

Por volta das três horas já não se via a noiva na sala. Estava dentro, onde se fazia entrega dela à família do noivo.

A cerimônia de entrega é irmã da do *porcondo*, inútil e pouco prejudicial quando a noiva dança mal; no caso contrário, quando ela se retira da sala, no meado da noite há protestos mudos dos que pretendiam dançar com ela.

À entrega de Dulce estavam presentes dona Especiosa, o padre Dantas, dona Doroteia a quem, de repente, naquele momento, foi distribuído o papel de medianeira do ajuste, papel que aceitou gostosamente, os noivos, e o administrador do concelho, amigo da casa.

Esta cerimônia de entrega – ao inverso da entrega de aforamento dos terrenos da comunidade agrícola<sup>97</sup> – não se faz publicamente, mas em particular, nos repartimentos interiores da casa do noivo, e não se lavra ata dela.

Salvador fez a entrega da filha filosoficamente, sem lágrimas alcoólicas. Falou na inocência de Dulce (Efrosinda, emendou o padre, para lhe fazer ferro), pediu à sua sogra e tio que relevassem de qualquer falta que praticasse, que não podia ser propositada, adivinhou ele; discreteou sobre o talento de Jacó e o seu bom senso, a quem também pediu perdão das faltas futuras e possíveis de Dulce (Efrosinda, tornou a emendar o rancoroso tio), e rogou ao padre que se esquecesse do passado, e que Dulce (Efrosinda, repetiu o padre irado).

– Dulce, replicou o pai; para mim ela é Dulce... é nome da minha mãe.

– Para nós é Efrosinda, retorquiu o padre com ênfase; em minha casa ninguém pode chamá-la por outro nome. Eu não gosto desses nomes românticos.

Salvador calou-se para evitar escândalos, e terminou o seu brinde como pôde.

Dulce chorou muito e assoou-se com estrépito, limpando involuntariamente o pó de arroz que encobria a cor da ponta do nariz, com o que estava divina.

O padre disse algumas banalidades; fez referências vagas ao dote e à má fé de Salvador, que o capitulou entre dentes de tonto.

O Administrador bebeu à harmonia de ambas as famílias e às e às venturas de dona Doroteia, a quem classificou de “anjo bom” daquela casa.

\*

Quando Jacó voltou para a sala do baile, já ninguém dava por ele. O entusiasmo dos convivas fez-lhes esquecer que o objeto da função era ele; contudo Jacó confiava a pera e fazia gestos de aprovação com a cabeça, aos dançarinos.

A esse tempo já o padre estava na sala, alegre e satisfeito, solenemente instalado ao lado da cunhada. Achava tudo ótimo; a alegria da mocidade bredense comunicara-se<sup>98</sup> à sua velha ossada de 60 anos.

Na sala do jogo havia altercações frequentes. O jogo ia fortíssimo; era a *suposta*, em ponto maior. Ouvia-se frequentes vezes: eu!... eu!... revez... vejo... passei etc. Os jogadores tinham perdido a vergonha e a civilidade. Miguel Sanches pedia 5 rúpias de

<sup>97</sup> Não aparece n' *O Ultramar*".

<sup>98</sup> N' *O Ultramar* não aparece o reflexivo.

empréstimo a Sant'Ana Costa, e este fazia ouvidos de mercador e devolvia uma rúpia a Alfredo Moreira, por ser de chumbo.

Alfredo protestava que não era sua a rúpia, e com tanto mais violência quanto era certo que não tinha mais, e um sorriso irônico brincava nos lábios de todos.

Jogavam vários; botiqueiros com o administrador do concelho, com o escrivão da fazenda, com o sacristão, meirinho, médicos, professores e advogados, e com um indivíduo a quem ninguém conhecia, nem mesmo o dono da casa.

Sucessivamente vinham vindo os últimos serviços, chocolate, empadinhas, sanduíches.

Santaninha que naquele momento dançara uma polca desaforada, quando lhe ofereceram chocolate, teve um riso amarelo de forma original e fez uns trejeitos reveladores do seu estado *interessante*.

O oferente percebeu, deu-lhe os parabéns e passou adiante.

A adega foi posta a saque pelos convivas, que vinham tomar o último copo “para o caminho”, diziam eles. E tais havia, que tinham bebido três a quatro copos últimos. Os serventes faziam-se pesados por ordem superior

Pouco a pouco os convivas iam-se retirando, amaldiçoando mentalmente o baile.

Quando já era dia claro, ainda se dançava freneticamente galope, polca, valsa, tudo violento. Pareciam cavalos de circo. Havia marcas extraordinárias de quadrilhas, em que se borrava tudo.

Tertuliana ainda galopava, quando tocou a *alvorada* – intimação disfarçada para os convivas se retirarem – o seu par queria também dançar a *Alvorada*, mas ela recusou por pudor.

Mas o seu par não se<sup>99</sup> desanimou, foi dançar com um rapaz da sua idade<sup>100</sup>.

Jacó e Dulce tinham-se retirado. Os jogadores ainda continuavam a alterar. As luzes foram apagadas; os convivas retiravam-se, uns de boiás e outros a pé.

A claridade do dia parecia troçar das criaturas tristes, de olhos pisados, que se retiravam como fantasmas. Via-se que a cor da casaca de Casimiro não era preta; Miguelinho tinha o colarinho costurado perpendicularmente na nuca, porque pertencera a pescoços mais gordos; Alfredo não tinha os dois botões de casaca nos rins; e seu chapéu não se abrira, porque tinha as molas partidas.

---

<sup>99</sup> Não aparece a partir de 1907.

<sup>100</sup> N.º *O Ultramar* “com um outro rapaz”.

Tertuliana e Lília, trescalando o fartum das secreções cutâneas, com os seus jaezes em desordem, o carão natural das suas caras exibindo-se em toda a nudez, os beiços lívidos de frio, os olhos encovados e mortos, esperavam os boiás que alguém lhes prometera.

Nesse dia toda a Breda falava mal do baile; os serviços mal feitos, a noiva feia, tinham-se trazido positivamente os copos pequenos para cerveja, e os vinhos eram ordinários. Contavam-se escândalos: Josefina aproximava-se muito dos seus pares. *Xi!* Lília era uma tola, que dançou quatro vezes a seguir com Casimiro, etc. etc.

Todavia todos queriam convites para a *soirée* do terceiro dia.

O ULTRAMAR: 27/04/1895

## IX OS DIAS SUBSEQUENTES

No dia imediato ao baile, depois do almoço o padre Antônio Dantas examinava cuidadosamente um caderno velho e sujo.

Era a lista de *sagoates* e *bênçãos* a que tinham os Dantas direito.

Ele conferiu as verbas dos *sagoates* mandados com os recibos, e por fim apurou que Xavier Fernandes lhe tinha roubado duas rúpias, e Sant'Ana Costa, três, o que denunciou a todos os que podiam comunicar a “estes ladrões”, na frase do velho pugnaz.

Examinou também a lista<sup>101</sup> de *bênçãos*, e queria que a sua irmã Rosália pagasse a *bênção* que devia, mas não desejava o mesmo da sua outra irmã Catarina, porque tinha muitos filhos, alguns dos quais estavam para casar breve.

Do mal o menor, pensava o padre, que, naquela manhã não dissera missa por causa da empadinha a que não pôde resistir, às quatro horas de madrugada.

\*

---

<sup>101</sup> N.º *O Ultramar* aparece apenas: “Examinou também as bênçãos”.



O jantar era de etiqueta, e a família foi à mesa às 7:30 p.m. O jantar anterior ao sol posto nunca é nem foi, em Breda, de etiqueta, por mais luxuoso que seja. Para que um jantar fosse classificado de pomposo, opíparo e de etiqueta, cumpria que se servisse com velas na mesa. Quanto mais se janta tarde, tanto maior é a etiqueta.

Foi ele servido de fora, *à la russe*. Era mais *chic*, estava em moda em Pangim, e em Paris, dizia o ajudante do procurador da coroa. Ninguém, porém, sabia qual a utilidade, na Índia, onde a gente morre de calor, do jantar *à la russe*. Havia talvez receio de que as comidas se gelassem com calor.

O padre, porém, estava contrariado com a moda. Queria toda a dispensa na mesa, inclusive o presunto em saca – trazido para ser devolvido quando não se consumisse – “para que vejam a nossa fartura”, murmurava o velho com legítimo orgulho.

Mas transigiu, quando lhe disseram que assim os hóspedes consumiam menos e não podiam tomar pela segunda vez o mesmo prato e<sup>102</sup> comer só do melhor.

Habitado ao sistema antigo, o bom do velho tomava distraidamente do que havia na mesa: doces, frutas, e ficava surpreendido quando o criado lhe oferecia presunto ou arroz.

Quando depois de sopas lhe apresentaram<sup>103</sup> peixe, ficou indignado; julgou-se roubado do arroz refogado que lhe devia seguir, segundo a lei velha. O peixe não é para jantares semelhantes, rugia ele – porque não podia imaginar peixe senão no caril, ou frito, com arroz comum de *fonchró*.

\*

A mocidade bredense, que representava a civilidade, etiqueta e elegância europeias na mesa do jantar, embraveceu-se quando observou o reverendo Antônio Dantas a pôr a faca na boca.

Ela transigia com mamã que comia à mão, com a irmã que introduzia o dedo no nariz em público, mas nunca permitiria a quem quer que fosse praticar a enorme torpeza de comer com a faca.

Era um escândalo! Que emporcalhasse os dedos poeticamente chupando espargos, mas faca na boca nunca. Que esgravatasse os ouvidos com saca-rolhas, mas permitir à

---

<sup>102</sup> Na edição de 1974: “nem”.

<sup>103</sup> N<sup>o</sup> *O Ultramar*: “apresentaram-lhe”.

faca que devassasse a boca escalando os beiços e arrombando os dentes, para atentar contra o pudor da língua, nem por sonhos.

De resto, a faca fruiu por séculos a servidão descontínua de entrar na boca; nossos maiores viveram perfeitamente, sem espargos e com a faca na boca. Pode ser que não parecessem elegantes, mas não condescendiam com a sujidade dos dedos.

Subitamente, um alto funcionário europeu – tresandando a alho – decretou o exílio da faca, da boca em um jantar da capital.

Só isto bastou para que o índio fizesse uma explosão de fúria apoplética contra a faca na boca. Sua excelência o senhor europeu tinha falado!

E a fala do europeu repercutiu-se nas Fontainhas, onde Breda tem seus procuradores nas pessoas de alguns dos seus filhos, que haurem os preceitos de elegância panginense, nas novenas das festas de Sant’Ana em casas amigas, onde vão como coristas.

Nos feriados, Breda foi advertida do raio que fulminara a boa da faca.

E desde então o bredense não pode passar sem espargos e arroz e caril, nem pode ver a faca entrar na boca, nos jantares de etiqueta.

É por isso que a mocidade bredense se enfureceu contra a torpeza do padre Dantas, de comer com faca.

\*

Dulce comia pouco, por ter perdido a noite, o que para logo lhe criou<sup>104</sup> a fama de parca na comida. Supunham-na também com saudades da mãe e consolavam-na.

Neste propósito foram postos à frente os jocosos que tinham *verve* a respeito de tudo.

– A noiva não come, dizia um deles.

– Hum! ... hum! grunhia o outro, em tom malicioso.

E todos se riam, inclusive Jacó que tomava ares superiores e prosapiosos.

Ao fiambre chamaram perada.

Riso geral.

Quando foi servida a galinha, a noiva recusou.

---

<sup>104</sup> N’O *Ultramar*: “criou-lhe”.

Alguém segredou-lhe ao ouvido que essa ave pertencia ao *pa-tio*. Ela sorriu-se e serviu-se.

O padre ouviu e fez-se de desentendido, mas acabado o jantar, foi ao quintal, buscou a sua galinha, e mandou amarrar-lhe um pau ao pé, para evitar engano.

\*

A *soirée* do terceiro dia posterior ao casamento é um entretenimento dançante como qualquer outro; mas começa, por via de regra, à meia noite, sendo precedida a dança de um longo período de aborrecimento e suplício, para os convidados, durante o qual a noiva recebe as bênçãos dos seus parentes, acompanhadas de ofertas.

A cerimônia de pôr bênção devia ter tido seu interesse em tempos que lá se foram; hoje não passa de uma liquidação de contas de dever e haver entre parentes, mas cantando.

É nesse dia que a noiva é visitada pelos<sup>105</sup> da casa dos seus pais e por alguns parentes próximos, de calça branca e casaca, os quais na cerimônia de bênção sentam-se à direita dos abençoados.

Cada bênção é precedida de um canto – música de quem quiser e letra de um versificador adestrado.

Nos versos louva-se o abençoador, e profetiza-se à noiva quanto é o bem que ele lhe há de fazer, o que não é motivo para se abster de lhe fazer todo o mal quando queira e possa.

Segue depois um *mandó* insultuoso ao abençoador, que se de um lado fá-lo correr de vergonha, doutro demonstra que ainda não perdemos os instintos de *boiás*.

Há muitos que dão casca com esses *mandós*, outros não.

Dulce, quando se assentou diante da mesa onde se deviam<sup>106</sup> depositar os presentes, iluminada por duas velas de sebo, como uma santa, tinha graça na fisionomia. À sua direita estava sentado Jacó e à direita dele os seus parentes paternos.

Dona Doroteia, para sua alta recreação, sentou-se entre estes.

Quando foi a vez do padre Antônio Dantas, entoou-se.

*Patiu béção galtá*

---

<sup>105</sup> N.º *O Ultramar*: “pelos da sua casa”.

<sup>106</sup> Antes de 1907: “devia”.

*To tuzó cortoló môgo*  
*Tuvém quereleari rago*  
*Tó cortoló fôgo<sup>107</sup>*

Com estes versos ameaçadores o padre Antônio ficou delirante de entusiasmo, mas a rapaziada entoou em seguida o *mandó* conhecido:

*Patiuá gueleá*  
*Uxá pondá*  
*Bucul gottelá gué*  
*Bucul gottelá<sup>108</sup>*

O que fez indignar, com razão, dona Doroteia.

A esta amiga da família foram dedicados os versos que seguem:

*Xezane-mãe bêção galtá*  
*Ti bangrachó gulló*  
*Pun rag aileari*  
*Tó sarnicho funtó<sup>109</sup>*

E sem mais fôlego cantou-se:

*Matarê mugé mãe*  
*Tuca cazar quiteac zae?<sup>110</sup>*

---

<sup>107</sup> O tio padre agora dá sua bênção,  
 Ele irá dedicar seu amor a vocês,  
 Mas se vocês se zangarem com ele  
 Ele não irá poupar vocês (ou: Ele irá atacar vocês)

<sup>108</sup> Debaixo do seu travesseiro  
 O tio padre tem  
 Um caloroso gato aconchegado,  
 Um gato aconchegado.

<sup>109</sup> A mãe-vizinha dá sua bênção,  
 Ela tem um coração de ouro,  
 Mas se ela se enfurecer  
 Tornar-se-á um cabo de vassoura.

<sup>110</sup> Oh senhora-mãe velha  
 Por que você quer um casamento?

A velha chorou de raiva. Tinham-lhe tocado na chaga. Quis retirar-se àquela hora, mas aquietou-se quando apareceram as bandejas de doce.

Seguiu a *soirée* os seus trâmites legais.

Jacó foi-se entrando, e por fim dormiu. Atribuiu-se este sono prematuro à cansaça, belo pretexto para encobrir bebedeiras.

\*

Os “dias subsequentes” passaram-se em casa dos Dantas, em jantares, *mandós*, insônias, chalaças dos primos jocosos, maledicências e incômodos de ventre.

Só os que possuíam uma constituição de aço é que assistiram até o último dia.

A sociedade compunha-se de irmãs, sobrinhos e primos.

Dulce era a única relacionada afim que aí estava. Poder-se-ia dizer que estava só entre os estranhos, se não a tivesse acompanhado a sua criada: *deddy*.

Este bípede enjoiado até os dentes, soterrado em fiadas de flores naturais, de todos os tamanhos e de cheiros penetrantes, era de grande valia nos tempos em que a menina indiana se casava da idade de 12 anos e um dia, e levava para a casa do marido uma inocência paradisíaca, uma ignorância profunda do modo de portar-se em casa alheia, um desconhecimento sério de quem era o seu marido e os olhos tumefeitos com choro perene.

Nessa época, *deddy* era sua conselheira, confidente, consoladora, e afigurava-se uma espécie de mestre de cerimônias.

Ela desculpava a pequena com sogros carrancudos e inexoráveis, delatava os seus hábitos, e concorria com tudo o que pudesse para induzi-la a conservar uma fisionomia jucunda diante da cariciosa grosseria do labrego do marido.

Só ela tinha a liberdade de entrar no quarto dos noivos, sem se anunciar, surpreendê-los, muda como a esfinge, em qualquer situação, por mais dramática que fosse.

Os noivos tinham o privilégio de não se constrangerem diante desse ente enigmático, com flores e joias emprestadas; e levavam a lua de mel como podiam sob vigilância desse Cupido de *Xenddó*.

Dizem que as antigas romanas consideravam os escravos animais, e banhavam-se em sua presença. A *deddy* dos tempos a que me refiro, parece que gozava do mesmo conceito, se não era havida como coisa inanimada.

Mas a cozinha era a arena onde ela mais triunfava e onde era festejada pelos criados, ao passo que as ciumentas criadas alcunhavam-na de *xedea-Côthrina*.

Hoje que os casamentos não são tão precoces, a *deddy* é um anacronismo, uma inutilidade, e só serve para extorquir dinheiro ao noivo; e a *deddy* de Dulce era uma verdadeira sinecura, porque com seus 23 janeiros a noiva levava com que instruir duas *deddys*.

\*

O ULTRAMAR: 04/05/1895

Durante os dias subsequentes, a casa dos Dantas parecia um conservatório. Cantavam-se todo o santo dia *mandós*, desde o velho *Sotrá-madd* até a seguinte indecência, que nenhuma menina se peja de entoar em público:

*Mogá ió,  
Mogá ió tum ió  
Mujean sonsúm nuzó  
Mogan martá uzó<sup>111</sup>*

Quando Dulce foi pedida para cantar, fez cinco caretas de estilo.

– Mas eu não sei *mandó*, eu não canto *mandó*, alegava a noiva.

– Mas por que, prima?

– Porque não gosto do *mandó*, dizia ela com desdém portugualense.

– Uma canção qualquer portuguesa...

– Não sei de cór, as minhas músicas estão no baú,<sup>112</sup> são em italiano...

– Por quem é, faça favor, rogava o primo Cantalício, de Sancoale; nós queremos ouvir essas melodias etéreas do céu italiano, que é dos poetas, murmurou ele, com

<sup>111</sup> Vem, meu amor, vem; não posso sofrer, ardo em amor.

<sup>112</sup> A partir de 1907 “... e são em italiano”.

literária visagem e um risinho embrionário e pateta, que esboçara em Sancoale e ainda conservava engatilhado.

Dulce trouxe o seu caderno de músicas, velho e sujo, com aparência de um documento antigo arquivado na secretaria do governo, escrito à mão, e começou a *Traviata*, música de Verdi e letra em italiano de Gongunhama:

*Li biamo mollile te calice che la bellaza in fióra e la fugge vol fuge volora s'in ne bre volutta Libia ne dolci fremi ti che suscita l'amore etc.*

Cantalício sentado ao seu lado, em profunda meditação, trauteava, soturno, com ar de quem entendia aquele terrível italiano do continente negro – que tantas donzelas inocentes de Breda proferiam com alma e com ênfase matrimonial, pronunciando *che, xé* – e fazia com a cabeça gestos de aprovação, quando Dulce proferia as palavras *calice, bellaza, fuge, l'amore*.

Um bravo frenético acolheu as últimas palavras da noiva:

*Innipotente in oremo<sup>(a)</sup>*

Diga-se em boa verdade, Dulce cantou bem os versos de preto e estava jubilosa pelo aplauso.

O reverendo Antônio Dantas opinou que o canto da sobrinha parecia-se com os cantos gregorianos, e aquela solene melodia de uma gravidade sombria recordava-lhe os seus tempos de menorista em Rachol, e para mitigar saudades pediu à Dulce que cantasse:

*Sanxachi pirai gá pai ranatum  
Quituló tempú rauchém gá pai garatum?<sup>113</sup>*

Despertara-se no velho levita de 60 anos, o folgazão mancebo de 1835, que de batina arregaçada, dançara *mandó* nas pousadas de Rachol. E sabe Deus que de sacrifícios não fez o padre para chegar virgem a esse *sanxachi pirai*.

Porém Dulce não sabia essa velha, inocente e simpática canção.

---

<sup>(a)</sup> Transcrevi estes supostos *versos* de um caderno copiado pelo finado mestre Manuel Coutinho, de Seraulim, e dado a uma de suas discípulas mais prestimosas. (Nota do autor).

<sup>113</sup> Até os coelhos na floresta estão livres pra proliferar,  
Por quanto tempo terei eu que ficar em casa, meu pai?

– Mas eu não sei, pa-tio essa cantiga, jurava a noiva. É tão velha...

– Estas cantigas velhas são as melhores; não são alusivas. Vamos, cante pelo menos isso.

E indicava cantando, baixinho, em falsete desafinado:

*Vellê ranantum*  
*Vellê ranantum*<sup>114</sup>

com entusiasmo e voz grossa:

*Vagan vellem ducraco*  
*Vagan vellem ducraco*<sup>115</sup>

em falsete,

*Randam bailanco*  
*Randam bailanco*<sup>116</sup>

entusiasmado e com pigarro na garganta:

*Sedacchim capdam quiteac?*  
*Randam bailanco.*<sup>117</sup>

A alegria do padre provocou um delírio na assembleia; a mocidade tomou açodada o *mandó* gaiato entre dentes, e rompeu em canto frenético, com palmadas, assobios, *gumates*, triângulo e desafinação.

Dez pares desfecharam uma dança louca, com visagens, trejeitos, momices, saltos e gestos indecentes, separando-se, agrupando-se, volteando-se, enfileirando-se,

---

<sup>114</sup> Nas florestas de Velim,  
Nas florestas de Velim.

<sup>115</sup> O tigre pegou o porco,  
O tigre pegou o porco.

<sup>116</sup> Para as viúvas  
Para as viúvas,

<sup>117</sup> Por que roupas de seda?  
Para as viúvas.



dispersando-se e ajuntando-se de novo, saltitando, arrastando-se, ora lânguidos, ora frementes.

Sibilavam assobios, gritos por toda a sala.

– *Urrê... urrê... vagan vellem ducracó gá... vagan vellen ducracó... Urrê.*

– *Ducracó!..... ducracó*<sup>(a)</sup> urrava dona Doroteia, satisfeita, entusiasmada, sem saber mais palavras.

A noiva dançava sem compasso, mas afogada de entusiasmo, ofegante. O seu par, Cantalício, estava divino; cantava e dançava ao mesmo tempo, com uma ginástica de quadris, de que todos se riam.

– *Ducracó! .....ducracó!..... vagan vellem ducracó... Abá! ...ducracó...Ai! ducracó!*

Um jocoso, num transporte de entusiasmo, pediu ao padre para dançar com dona Doroteia.

– Safa! malcriado! bêbedo!, rugiu o padre, e retirou-se com solenidade de missa cantada.

Seguiram-se explicações, pedidos de perdão, mas o *mandó* arrefeceu.

\*

Para serenar o ânimo do padre e fazer esquecer este triste incidente, dona Especiosa pediu à nora para cantar um bom *mandó*.

Não sei por que a menina moderna contraiu o cacoete de desprezar este gênero de canto, e quando por respeitos humanos se vê obrigada a entoá-lo, habituada às modulações langorosas e chorosas das *Muzicas Proibitas*, arrulha-o com voz dolente e pronúncia europeia.

É uma moda nova, que vai pegando.

Dulce pertencia à mesma escola, por isso gorjeou a seguinte cantilena, monótona e triste, arrastando as palavras:

*Dornum bandunum burranum*  
*Czar cõli dodirea peapeanum.*<sup>118</sup>

<sup>(a)</sup> Ao porco!... ao porco! (Nota do autor)

<sup>118</sup> Fui enlaçada neste compromisso  
Forçada a me casar pelo estúpido do meu pai.

No fim de alguns versos, a voz se lhe esvaiu, e o canto sumiu-se por falta de incentivo e de *chusma*.

\*

#### O ULTRAMAR: 11/05/1895

As *datas* creio que foram, na sua origem, as ofertas que os pais da noiva faziam-lhe, quando ia à casa do marido. Eram voluntárias e um penhor de afeição.

Hoje estipula-se o valor e a qualidade dos objetos de que se devem<sup>119</sup> compor as *datas*: um baú, 10 camisas, duas dúzias de pares de meias, etc. etc.

E nascem discussões sérias sobre as dimensões do baú, sobre a qualidade da madeira, sobre a quantidade<sup>120</sup> de gavetas, etc. etc.

Com o pai de Dulce estipulou-se que daria *datas* de mil rúpias, não devendo entrar nelas o piano velho que roncava em casa dos Pereiras.

A verificação das *datas* é a cerimônia mais crucial para o coração de toda a noiva.

Se as *datas* forem boas, ninguém lhe agradece, porque foi assim estipulado.

Se forem más, isto é, se o seu valor for inferior ao convencionado, ou por outra, se os pais roubaram à filha, é esta quem responde, quem acarreta os ditos mordazes dos sogros, é quem, só e sem apoio, fica presenciando e ouvindo os comentários mais cáusticos que eles fazem.

Um verdadeiro suplício!

No domingo imediato ao casamento, a família do noivo reuniu-se sob a presidência do padre Antônio Dantas, para examinar as *datas*.

Foram abertos os baús.

Dulce assistia à verificação, e, como um bufarinheiro, apresentava, trêmula, todos os objetos que eles continham.

---

<sup>119</sup> Antes de 1974: “deve”.

<sup>120</sup> A partir de 1907: “qualidade”.

Era uma dor d'alma vê-la assim, humilde, receando a todo momento uma discussão sobre o preço por que a admitiram em casa, sem poder dar uma explicação, nem formular uma defesa dos que lhe roubaram, a ela, em benefício dos irmãos.

Como que para tornar mais dolorosa a situação da noiva, reuniu-se<sup>121</sup> os parentes, e até os criados meteram o seu nariz.

O padre Dantas, armado de óculos, examinava cuidadosamente cada peça, com aspecto torvo de inquisidor.

Ele queria saber se os objetos que Dulce trazia em datas, valiam mil rúpias e se eram indispensáveis. Nada mais, nada menos.

Mas o bom do velho não percebia o uso que tinham algumas peças, embora bonitas.

Resmungou umas coisas quando viu um berço dourado, em miniatura, que o padrinho oferecera à Dulce, quando criança, para pôr bonecas, e que seu extremoso papá tornou a lhe oferecer, por 35 rúpias.

Quando viu um esticador de marfim, o padre supôs que era algum instrumento para uso íntimo, e não quis tocar nele supondo-o usado<sup>122</sup>, mas perguntou, baixinho, a Jacó para que servia aquilo.

– Para esticar luvas, pa-tio, disse o noivo, alto.

– Já sei, replicou o padre, contrariado com essa demonstração da sua ignorância e porque o julgava inútil.

Altercou em seguida com a cunhada e com dona Doroteia, sobre o preço de algumas joias “que têm liga”, dizia ele.

Uma parenta disse que tinham sido mudadas as suas flores e o forro, para enganar.

– É o sistem daquela gente, sentenciou o padre.

– Mas o chapéu usei eu, murmurou timidamente Dulce.

– No século passado, retorquiu a parenta com má catadura.

Jacó deu um beliscão a Dulce, para lhe<sup>123</sup> fazer calar; esta, porém, que estava já zangada, disse, fora de si, alto:

– A você o que fica, *hom*?

---

<sup>121</sup> Em 1974: “reuniram-se”.

<sup>122</sup> A partir de 1896: “servido”.

<sup>123</sup> A partir de 1907: “a”.

Jacó pôs-se sério como no tribunal. A assembleia riu-se às escondidas, dando interpretações variadas à pergunta intempestiva e inesperada da noiva.

\*

Dulce chorou muito naquele dia.

Quando na tarde veio rezar o terço com a família, trazia os olhos inchados, o que mortificou muito a mãe de Jacó.

Dona Doroteia apareceu para o terço depois de uma discussão de meia hora com a *daddy*, por causa das datas, em que mutuamente chamaram nomes feios: *beatini*, *fagru-mãe*, *xendea-Côtrina*, etc.

Começando o terço, todos alongaram a cara palmo e meio. Os criados buscaram lugares em sítios escusos, para dormitarem melhor. Mas dona Especiosa que tomara a peito a salvação das suas almas, por meio e à força de terços, fê-los sentar em sítios onde pudessem ser vistos.

Dona Doroteia capitulava.

Com voz sonora, forte e os olhos fitados<sup>124</sup> nos céus com fixidez hipnótica – através do telhado parecia ver a corte celestial – dizia a doutrina cristã, com ênfase: *tum sorguim rajant macá ortôlichí mun, ... cortôlichí mun, etc.*

Afigurava-se que a velha discutia as bases de um contrato bilateral com Deus.

De improviso ouviu-se uma casquinada, do lado em que estavam os criados. Dona Doroteia tinha dado acordo de si de um modo desonesto, com todo o desprazer, como se exercesse um direito, sem pedir licença, o que é obrigatório entre gente educada, em Goa.

Os amos fingiam não ter ouvido; mas Florinda não pôde conter-se, retirou-se rindo, o que a mãe reprovou, rindo também.

Mas a capitulante fez-se de desentendida.

De repente a velha aia de Jacó turbou o recolhimento da assembleia, com sonoridade aflautada, de demorado fôlego e de caráter suspeito.

Dona Doroteia enfureceu-se e ralhou com os que se riam e com a aia por falta de respeito à religião; mas a pobre velhinha nada sabia do que fizera, porque tinha dormido; todavia desculpava-se:

---

<sup>124</sup> Em 1974: “fixados”.

– Que importa?.....que importa?... isto pode suceder a quem quiser!..... Tenho visto grandes senhoras fazer isso... Só comigo por que?... por ser pobre?

Estas desculpas provocavam mais riso.

O terço continuou assim, com frequentes interrupções devidas aos risos mal sufocados, a que afinal a própria dona Doroteia dava causa, cabeceando de sono e advertindo aos criados para que não dormitassem.

Quando todos se levantaram para dizer o *Kyrie*, ouviu-se novo som, breve, seco, mas bem definido, semelhando o rasgar de pano de linho.

Até aqui ninguém sabe quem foi seu autor, mas conjectura-se que tenha sido a noiva.

É um segredo de família.

O ULTRAMAR: 18/05/1895

## X

### A VIDA EM FAMÍLIA

Durante três meses, Jacó levou uma vida pacata, sem estrépito, gozando a sua felicidade, às escondidas, como coisa proibida.

Extremamente caricioso com a mulher, no quarto, era com ela grosseiro fora.

Chamava-lhe mentirosa, tola, asneirona... por amizade, o que ela não levava a mal.

Quando ia aos bailes, retirava-se cedo, à meia-noite, resistindo a todos os rogos do dono da casa, pretextando incômodos da esposa.

Afeiçoou-se em demasia à família dela, e em especial à sogra. É pela porta dessas afeições que os genros buscam meter importunamente o nariz nos negócios internos e íntimos da família da mulher, deixando em abandono os seus. Querem fazer-se indispensáveis, e, quando repelidos, refilam. Querem ser serviçais e bons *quand mème*<sup>125</sup>. São como missionários da África, que buscam levar os pretos aos céus, à má cara.

---

<sup>125</sup> Expressão francesa que pode ser entendida como “ainda assim”.

Para ser agradável à mulher, chamavam-lhe Dulce no quarto, e Efrosinda fora.

Mas como estava todo o dia no quarto – com grande quizília do padre –, escapava-lhe muitas vezes chamar à mulher Dulce também fora, o que irritava o velho.

\*

Jacó, como homem moderno, percebeu que Dulce não tinha *modos*, isto é, “não tinha educação para salas”, dizia ele. Não sabia dizer “muito obrigado” a seu tempo, e tratava a todos por *o senhor* em vez de *Vociência*, que está hoje em moda. Além disso, não falava o português com fluência, isto é, apressadamente, de uma maneira ininteligível. Falava devagar a estúpida, como uma matrona.

Por isso ativou o seu trato com uma família descendente da vizinhança.

Esta família era oriunda de Bicholim, isto é, ultimamente morou em Bicholim. Os Castelos tinham vivido com certo luxo antes da extinção do exército; hoje pobres, levavam com resignação e hombridade os dias de adversidade: a sua casinha limpinha, as meninas asseadas, e os rapazes possivelmente bem comportados.

Toda essa família temia a Deus, nos dias em que usavam fatos novos, nos dias de festa e da<sup>126</sup> semana santa, dias estes em que aparecia<sup>127</sup> na igreja.

Os rapazes todos eram empregados civis, mas todos conservavam ares marciais do seu avô, oficial de quarta seção, que terminou os seus dias fazendo máscaras para entruído.

As meninas não direi que tiveram uma esmerada instrução literária, mas eram políglotas, isto é, falavam o português e o concani simultaneamente, com uma entonação tão cantada, que só se podia exprimir por meio de uma rabeca. Uma conversa entre elas era de difícil reprodução, a não ser por meio de solfas. Mas faça-se-lhes justiça, falavam com fluência, isto é, com tal precipitação, que dificilmente eram percebidas<sup>128</sup>.

Dulce ia frequentes vezes à casa dos Castelos, com a sua costura.

– Então, senhor dona Dulxe, só hoje lembrô vir minh ca... a... asa?, dizia a velha dona Riquita Castelo. Minh filh foram hoje para bazar, de machil, para comprar um vestid. – Que ca... a... aro que estão *hom*, os vestidos, Santo Antônio nos valha. Seu

---

<sup>126</sup> A partir de 1896: “de”.

<sup>127</sup> Em 1974: “apareciam”.

<sup>128</sup> Em Goa, como em Portugal, “perceber” toma o sentido de “compreender”.

marido por que não vem, *baí*, aqui... i...? Já sei, porque hoje está grande ho... o... omem? Advoga... a... ado?

– Não, ele foi para audiência.

– Onde é audiência, dona Du ... u ... ulxe?

– Na cadeia, ... perto de cadeia!

– Então Periquito... alferes Periquito... meu sobrinho há de encontrar com ele, quando vai à noite para ro... o... onda?!

– Sim, fez Dulce.

Quando regressaram as pequenas, Antoninha e Ziquinha, do bazar, dona Riquita correu para a porta a recebê-las. Altercou um bocadito com os boiás sobre o seu salário, e por fim ameaçou-os com o pau, alegando a sua qualidade de filha de um coronel do regimento de Pondá.

– *Aum bamon nim, ham! Aum filha coronelachem fondeachem... Roto podtolem<sup>(a)</sup>*, se for muito esperto<sup>129</sup>!

Os boiás retiraram-se resmungando, respeitando o pau da velha, que dignamente representava os galões do pai.

As meninas estavam ofegantes e faladoras.

– Sabe mamã, as *fulas* do Agostinho, que recebeu ontem..., ia dizendo Ziquinha.

– Não é ontem... Ontem tinha entrado um *chicharo* no nariz do filh de Agostinho.

– Não, minha rica senhora, ontem Agostinho tirava *chuname* para su butica.

– Que lindas *fulas*..... mas quant dinheiro, Jesus me Deus!

É nesta escola que Dulce, por ordem de Jacó, aprendia a falar fluentemente, e os *modos* das salas.

\*

O padre Antônio Dantas nunca perdoou aos Pereiras a dedução de duas mil rúpias no dote, que ele acoimava de roubo.

Salvador Pereira era para ele um ladrão, o que não duvidava dizer abertamente, insulto que o sogro do sobrinho pagava chamando-lhe tonto.

Ele não cansava-se em insultar o pai de Dulce ainda em presença dela<sup>130</sup>.

<sup>(a)</sup> Eu não sou brâmane. Sou filha de coronel de Pondá. Há de apanhar bengaladas. (Nota da primeira edição)

<sup>129</sup> N<sup>o</sup> *Ultramar*: “experto”.

Um dia a mulher de Jacó repontou. Defendeu o pai, mas na defesa ficava insultado o marido.

– Tome lá isso, pateta, dizia ele ao sobrinho, buscaram noivas sem as conhecer, e o resultado é este.

– Certamente, dizia Dulce com vivacidade desusada. Papá tinha razão de diminuir o dote, depois do que viu e ouviu. Se o pa-tio tivesse ouvido de mim também alguma coisa, havia de pedir mais dote.

– Eu bem sabia a história de Ramiro, rugia iracundo o padre.

– Aquela é uma calúnia inventada aqui... Então por que me pediram?

– Quem pediu a você? ... Seu pai é que veio rojar-se a meus pés, jurava o padre Dantas.

– É o pa-tio que... ia dizendo Dulce.

– Bem, bem, atalhou Jacó, basta disso.

E retirou-se; Dulce seguiu-o, chorando, porque o “pa-tio falou na minha honra”, dizia ela ao marido.

Desde este dia, 15 de Setembro, o padre Antônio olhou com maus olhos o sobrinho, por não ter feito carranca à mulher, e, volvidos três meses, adoeceu.

\*

Era dezembro; mês frio, de reumatismos e catarros.

O padre era sujeito a esses incômodos, que ele atribuía a *andaço*.

Durante a doença, a sua vigilância nas coisas domésticas e pugnacidade aumentavam!

Sentado no seu quarto arcava com todos: que tivessem cuidado com os porquitos e as galinhas; que mandassem saber o preço do coco e de peixe salgado.

O menor ruído inquietava-o: quem era?, por que veio? Se era algum parente dos criados, que estivesse fora, para não jantar ou comer alguma coisa na cozinha.

Para ele todo o homem do povo, isto é, aquele que não usava calções, era ladrão, de tudo, de dinheiro, de trapos. Ele receava dele tudo: que lhe furtasse o caixão grande de pôr bate, o celeiro, o pilão, o copo de alumiar.

Em suma, durante este período o padre era uma praga em casa.

---

<sup>130</sup> A partir de 1907: “se cansava em insultar o pai de Dulce em presença dela”.



Ninguém o atendia afinal. Os criados aborrecidos, quando ele chamasse, respondiam um *cui* com voz fingida, e ninguém aparecia.

Havia uma criada, nova, suja e ladina, que tomara à sua conta o desgraçado.

Quando ela estivesse de mania, fazia ruído de propósito, no corredor contíguo ao quarto dele.

– Quem está aí?, perguntava o velho ansioso.

– *Cui!*

– Quem é?

– *Cui!*

– Quem está lá, bruxa?!

Silêncio profundo.

Quando a cunhada fosse ao quarto do padre, este queixava-se, furioso, daqueles *cuis*, e pedia imediata investigação do caso e pronto castigo.

Estava dito, e nada se fazia.

No dia seguinte, reproduziam-se os mesmos *cuis*.

Uma noite, ouvindo estas troças, o padre Dantas ergueu-se da cama, e ia sair quando tropeçou e deitou por terra um velador, sobre que estava o copo com azeite e água, e com tal arte o fez que recebeu todo o líquido sobre o seu ventre.

Fora de si, gritava o velho:

– Quem está aí?

– *Cui!*

– Venha cá alguém, depressa.

– *Cui!*

Quando a cunhada deu fé dos gritos do padre é que veio a criadagem, e todos negaram ter ouvido os tais *cuis*.

Dona Doroteia fazia-lhe companhia frequentes vezes, mas, não raro ambos se separavam depois de uma altercação; afinal lá se entendiam.

\*

Naquele dezembro a que me referi, os seus incômodos manifestaram-se depois de um jantar copioso e com sintomas desusados.

Foi chamado o doutor Azevedo, médico velho, divorciado com os livros e jornais médicos desde anos, que ainda matava pelo Adelon.

Mas muita gente tinha fé nele.

– A fé cura a maior parte das moléstias, sentenciava o doutor, com ar convencido, e sabendo que além da fé nas suas palavras, ele nada mais tinha para dar aos seus doentes.

O doutor Azevedo examinou o padre, que se queixava de muitas coisas inverossímeis, a que o médico não ligava atenção, porque o conhecia como visionário.

Por fim, definiu que o mal era um mal comum, de andaço, que ele frequentes vezes encontrara na sua clínica durante aqueles dias, mal que assumira um caráter particular devido à idade do padre.

Recomendou-lhe repouso e alguns remédios caseiros.

– E a dieta?, queria saber o velho.

– Coma de tudo, mas com moderação, disse o doutor.

Dias depois a moléstia agravou-se.

A família quis uma consulta, para que se não dissesse que tinha abandonado o doente sem tratamento.

\*

Para a consulta não apareceu o doutor Azevedo, pretextando outra visita urgente; mas a verdadeira causa do seu afastamento foi porque sucedia-lhe quase sempre ficar sufocado com a erudição dos médicos modernos, e embaraçado com a terminologia desusada dos médicos novos e inexperientes.

Estiveram, porém, presentes os doutores Sanches, Castelo e Coutinho, os primeiros dois bons clínicos, o último cheirando ainda a compêndios.

Estes três médicos tiveram para logo três opiniões da doença do velho.

O doutor Coutinho recitava trechos inteiros da sua tese: *A enterocolite aguda e crônica*, e estava tão apaixonado que os outros dois *chegaram-lhe*, quando de premissas em premissas o jovem facultativo chegou à conclusão, sem saber como, de que não havia outra moléstia além de *Enterocolite*.

Partindo de enterocolite, o doutor Coutinho levou os seus dois colegas, de mansinho, com uma argúcia fina, e, com citações abundantes de livros e casos descobertos por ele, na sua *pequena clínica*, ao convencimento de que toda a moléstia provinha de fenômenos psicológicos, e como estes davam-se no cérebro, sustentava ele,

que *cumpria à medicina*, – no caso representada por aquela trindade – combater o mal na sua origem: o cérebro, com banhos frios.

Quando se falou de banhos, os outros dois clínicos tornaram a *chegar* ao jovem Esculápio e mais ao banho, relatando a sua história, a sua etimologia, a sua origem, a sua aplicação na antiguidade, entre os romanos, hindus, etc. etc.; destronaram os autores citados *ex-adverso*, alegando que eles diziam muita coisa que não tinha aplicação prática, que o *colega* e eles eram tão bons médicos como os autores citados.

Em suma, os três facultativos estavam porfiadamente apurando qual deles era o mais sábio, quando o padre começou a alterar no quarto vizinho pedindo *balchão*.

Travou-se nova discussão entre os três, sobre o uso e abuso do *balchão*. O doutor Coutinho citou novos autores, recentes como queijos de Chorão, que reprovavam o uso do balchão, a que atribuíam a maior soma de doenças que a humanidade padecia.

Os outros dois eram pelo *balchão*, em moderação.

Depois de longos debates, em que cada qual esteve na sua, resolveu-se que a moléstia do padre “era um caso novo de alguma gravidade, devido aos<sup>131</sup> fenômenos psicológicos complicados com enterocolite e velhice, que demandava observação vigilante e estudo paciente, além de duas outras consultas”.

Quando os médicos foram despedir-se do padre Antônio, este perguntou-lhes sobre o balchão.

– Sim, sim, balchão, moderado, aconselhou o doutor Coutinho.

– Moderado!? Ou de bilimbins?

– Balchão de bilimbins, mas com moderação, disse o doutor com ênfase.

\*

O ULTRAMAR: 25/05/1895

No dia seguinte o doutor Azevedo veio fazer a visita de costume. O padre tinha piorado.

Quando soube o que se tinha resolvido na consulta da véspera teve um sorriso irônico.

---

<sup>131</sup> N<sup>o</sup> Ultramar “a”.

– Sim... Sim, fez ele; que vão observar as estrelas ao meio-dia. Não citaram autores? Não receitaram alguma papaína?

– Não senhor, deixaram que o tio comesse balchão, respondeu Jacó.

– Ora aí está... Deram-lhe balchão... um disparate... Não sei como o padre não morreu. Diga-me, senhor Jacó, a um doente com diáthese reumática dá-se balchão?

– Não de certo, replicou prontamente Jacó, sem perceber o que era diáthese reumática.

– São os tais autores e as tais papaínas!

O doutor examinou o doente sumariamente e, como tinha uns segredos para moléstias do fígado, para logo descobriu que o padre tinha hepatite, mas não quis receitar coisa alguma.

– Uma vez que ele está em observação, vamos a ver o que sai daí.

E retirou-se.

O padre queria saber qual era a sua dieta. O doutor Azevedo permitiu-lhe comer tudo menos balchão.

\*

A moléstia do padre Antônio agravava-se a olhos vistos, e com ela a sua pugnacidade e o seu mau humor!

Brigava com todos, sem motivo. Já ninguém respondia aos seus chamamentos.

Jacó quis nova consulta, porque o padre não tinha testado ainda, supunha ele, e as irmãs casadas com os seus filhos já se faziam mais conspícuas à roda do leito do doente.

Em um domingo o padre Antônio Dantas teve vertigem. A família assustou-se e reuniu os médicos da anterior consulta.

O jovem doutor Coutinho veio antes de todos, e deu uma longa preleção ao doente sobre a enterocolite aguda e crônica, falou dos seus professores na escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa, como ele tinha deixado atrapalhado o doutor Sousa, seu examinador. Descompôs a medicina velha; não sabia como os médicos velhos curavam, e segredou que ia ter ambulância, porque os medicamentos das farmácias estavam podres, que se não podia fiar neles, e terminou por declarar que tinha três visitas urgentes para casos graves de enterocolite.

Quando chegaram os outros dois colegas, começou o exame do padre.

O doutor Sanches passava por bom cirurgião, tinha feito operações seríssimas, sem tremer.

Ninguém tinha querido saber se ele tinha curado; o que estava apurado é que não tinha medo e não tremia, ao operar.

Os médicos consulentes revolveram o padre em todos os sentidos. O doutor Coutinho em cada coisa que observava descobria a enterocolite, e o doutor Sanches, o cirurgião, queria cortar tudo.

Quando aquele via-se contrariado pelos colegas, dizia-se convicto, em presença do doente:

– Bom, verão na autópsia!

A final os médicos nada apuraram: concordaram em que o padre estava velho e que a velhice impedia a sua cura pronta.

Receitaram, para descargo das suas consciências, alguns dos muitos medicamentos que terminaram em *ina*, e iodeto de potássio que cada qual disse que tinha em casa.

Quando saíam o velho perguntou ansioso:

– Posso comer balchão?

– Sim, pode..., mas não coma arroz e caril.

O padre adotou a opinião do doutor Azevedo para arroz e caril e dos médicos consulentes para o balchão, e comeu de tudo.

Quando eles saíram, Jacó quis saber se a moléstia do tio era grave “por causa das disposições”, segredava ele.

– É, responderam, unânime e secamente, os médicos.

\*

A notícia da vertigem do padre grassou por toda a cidade. Alguns deram-no por morto, e lavraram o seu *veredictum*.

– É um tonto de menos, murmurou Salvador.

As irmãs casadas, tendo tido conhecimento do vágado, apressaram-se em instalar-se em casa dos Dantas, e uma delas lembrou ao velho o seu testamento, prefaciando a lembrança com a história da pobreza dela.

Mas o padre já tinha o seu testamento cerrado na administração do concelho, o que comunicou a todos.

Quando na manhã seguinte veio o doutor Azevedo, o velho resvalava para a sepultura com uma dispneia convulsa.

– Lá vai ele, murmurou o médico. Agora que o observem melhor e deem-lhe mais balchão e papaína. Parece incrível que a medicina tenha descido tanto!

.....  
.....

Quando o padre expirou, houve os primeiros gritos de estilo, dados por dona Especiosa, Dulce e Florinda.

Acorreu gente da vizinhança, viandantes e alguns parentes. Diante destes Dulce teve dois ataques violentos, e dona Especiosa achou dever ter um para fazer *pendant*. Dona Doroteia esboçou uma convulsão séria, que não produziu<sup>132</sup> efeito; ninguém fez-lhe roda.

Quando, depois do ataque, Dulce, descomposta, foi levada para a cama, parecia pantera, e quando escancarou a boca, descobriram-se dentro vestígios da passagem de goiabas verdes.

Era sinal certo; a filha de Salvador estava no estado interessante: pelo menos assim opinavam as entendidas.

Subitamente levaram-na para a casa dos seus pais, “porque chorava muito”, diziam, o marido e a sogra, “porque não tinha vestido preto”, delatava dona Doroteia, na cozinha, onde se encarregara de apontar os pratos dos “jantares” que recebiam os Dantas.

Ao seu lado Reduzindo Dantas, com um caderno de papel, tinteiro e pena, escrevia, de cócoras, o que ela ditava:

– Uma palangana de arrôço refugado, ditava a velha..... Um prato de bafada e um dito de calingaça....

Vendo os rábanos atrapalhou-se. Mas tomou alento.

– Diga... um prato de verdura de *muddó*... Gostoso... bibica... ...

Num canto ouviu-se um suspiro prolongado, e cantado. Fora dado por uma *manducar* inconsolável, que desta maneira anunciava a todos que contassem consigo para jantar.

Ao pé do morto reinava um silêncio lúgubre; algumas senhoras, vestidas de preto, velavam, ora chorando ora cochichando.

---

<sup>132</sup> A partir de 1907: “produzia”.

De tempos em tempos ouvia-se um grito agudo, prolongado, arrepiante. Era Florinda.

A pobre rapariga chorava o tio e fazia chorar os outros, além de criar no público a fama de boa menina e muito afetuosa.

Uma sobrinha do morto, ao chorar dizia o seguinte:

– Ó meu tio, quem nos há de dar agora dinheiro para feira? Tia não dá de certo, ela não é do nosso sangue... Agora já acabou o respeito desta casa... já acabou... já acabou... Que respeito quando o tio vivia!... Nem nós podemos vir aqui como dantes, para todas as festas. A tia há de chamar-nos? Não... não... ... não... e gritava, com geral assombro e admiração.

\*

Os funerais foram vulgares. Jacó não quis muitas despesas. Não sabia ao certo se era herdeiro do padre, depois da alteração que este teve com Dulce.

Foram depostas sobre o caixão duas coroas, uma da família e a outra de Reduzindo Dantas, que tinha tido a precaução de furtar as flores de um vizinho.

A presença de dois professores do Real Seminário de Rachol e de um pároco de fisionomia apoplética – devedor do finado – deu ao enterro a fama de pomposo e luzido, o que foi confirmado por um jornal da localidade, que atirou o padre à vala comum dos inofensivos e dos que pertenciam às principais famílias.

Os nove dias que se seguiram à morte do velho, passaram-se tristemente em casa dos Dantas.

As janelas fechadas, um silêncio torvo pesava aí, de tempos em tempos cortado pelos suspiros de dona Especiosa, quando entrava alguma visita com cara de palmo e meio.

Felizmente jantava-se bem: arroz refogado multicolor, pernas de leitão em vários graus de putrefação e doces frescos – tudo presentes dos amigos e parentes.

\*

Desde o falecimento do padre Antônio Dantas, o seu sobrinho Cantalício, de Sancoale, resolveu exhibir-se *necrologicamente* no *Pregoeiro*, onde em tempos publicara as suas produções literárias, que foram muito apreciadas em Sancoale.

Acercou-se, pois, um dia, do dicionário de sinônimos, e Cantalício começou a escrever:

Subi ao monte  
Vi o horizonte  
Banhei-me na Ana-fonte<sup>133</sup>

(Ramiro Dantas)

“Está de luto a famosa cidade de Breda, nobre capital do concelho de S., onde nasceu e cresceu o egrégio carmelita Sant’Anna Antônio de Jesus Maria Sanches, pertenceu à nobre família Sanches, da dita cidade, e que foi governador do bispado de Macau em 1764, lugar que resignou em 14 de setembro do mesmo ano.

“Faleceu o padre Antônio Ligório Licurgo Dantas”

Pensou depois o jovem escritor longamente, e recomeçou com ardor:

“A igreja está órfã do seu filho preclaro, a pátria do seu cidadão ilustre, e o altar do seu servidor dedicado. Filósofo exímio, cheio de dignidade...”

Parou. “Dignidade” pareceu-lhe termo vulgar. Recorreu ao dicionário de sinônimos e encontrou: cargo, ofício, prelazia, etc.

Continuou:

“... cheio de prelazia. Uma moléstia precoce arrebatou-o no leito de dor, na curta idade de 60 maíus porque o infeliz nascera em maio, 17, 1820.”

“Estimado pelos prelados pelas suas virtudes vibrantes e ingentes letras, era uma honra para a cidade que lhe deu o berço, e que, em peso acompanhou-o à nova mansão dos justos, recentemente construída pela respectiva junta da paróquia.

“Dir-se-ia que esse cemitério, em cuja construção tanto mourejou, ele o fabricava para o seu descanso eterno”

Chegado aqui lembrou-se da peça que Salvador Pereira lhe pregou na questão do dote, e traçou furioso:

“Dorme em paz sobre os vossos louros, colhidos nos vergéis perfumados do Éden de Breda, varão ilustre, que a inveja dos malditos não te alcançará onde quer que tu vás.

---

<sup>133</sup> Estes versos que, a partir da edição em livro, aparecem como citados por Cantalício, não constam no original d’*O Ultramar*.



“E tu, Jacó, primo e amigo velho, e tua irmã virtuosa também, não choreis, que o vosso tio está no céu, onde vos espera saudoso e com o coração dilacerado com eterna lembrança.

“Caminhai na senda da virtude e do bem, que Deus não vos abandonará, porque é grande.

“E vós, tia querida, caminhai pelo mesmo caminho, sem pavor nem receio sério.

“É conselho de amigo dedicado, que lhes quer muito e muito.

Sancoale.

*C. da P. R.”*

O ULTRAMAR: 01/06/1895

## EPÍLOGO

O testamento do padre Antônio era um ato de vingança. “Para que os bens da casa não me imputem de pôr fora” dizia o velho, constituía<sup>134</sup> seu herdeiro universal ao seu sobrinho Jacó Avelino Dantas, mas legava o usufruto de todos os seus bens à sua sobrinha Florinda Dantas, durante a sua vida.

Jacó ficou fulminando com estas disposições. A princípio pensou em anular o testamento, na parte em que legava o usufruto à irmã, estribando-se na insanidade do tio.

E teve até arrojo de consultar o Código Civil, mas não levou adiante os seus intuitos, por não ter descoberto a disposição que regia essa matéria.

Dulce, quando soube do teor das disposições do padre, começou a odiar a Florinda; mas ainda julgava-se *noiva* para se embarcar em uma luta aberta.

Não deixava, porém, de asseteá-la com calúnias e piadas. Volvidos meses, depois da morte do reverendo Dantas, Dulce deu à luz um menino, a quem os pais puseram o nome de Camilo Jacó Salvador Dantas.

Daí em diante ela presenteava o marido, em cada dois anos, com uma criança, esguia e atrofiada, que assinalava a sua vinda ao mundo com sarnas gerais para todos.

---

<sup>134</sup> Na edição de 1974: “instituíra”.

Quando eu a alcancei, a filha de Salvador Pereira parecia uma pantera.

A sua feeira<sup>135</sup> congênita tinha-se agravado com o desalinho no vestuário. Uma vez surpreendi-a com saias e casaco do marido, com uma criança imunda, sarnenta e seminua no regaço, a quem embalava e distraía:

– Babá meu! babá meu!..... Bunit babá... Não chore rê ham; meu bichão! meu morgado! vem... vem vem.... vem rê babá, meu curação! Que bonit babá. Veim... venha ham!.... Tome cocó.

Sucessivamente Jacó e a mãe tiveram economias separadas, e chegaram à afinação de se não falarem. Dulce era uma agulha ferrugenta. Incitada pelos seus pais, quis assumir as rédeas do governo da casa do marido e sogra, e só provocou ódios.

Sem a partilha materna, sem as rendas dos bens do tio e com 7 filhas, Jacó Dantas, o festejado noivo de Breda, arrastava uma vida remediada, cujas agruras mitigava com frequentes libações noturnas, que toda a cidade atribuía aos desgostos domésticos.

Não advogava “porque não se é possível ser bom advogado sem fazer chicanas”, sustentava ele para disfarçar a inópia do seu talento. Mas queria emprego público.

A princípio buscou ser administrador do concelho, mas de ano em ano ia decrescendo a magnitude das suas aspirações, de maneira que ultimamente creio que o lugar de escrivão de comunidade não lhe era fácil arranjar.

Para remediar o *déficit* das suas finanças negociava agora em fardos de arroz e arrematava várzeas de comunidade, que subarrendava, à má cara, com ganho, aos seus manducares.

A sua irmã Florinda casou com Cantalício, sem estrépito; o poeta cismador Ramiro ligara a sua existência prosaicamente a uma senhora de pano-baju, mais velha do que ele, com comissuras labiais arrebetadas e unhas em luto.

**FIM**

---

<sup>135</sup> Na edição de 1974: “fealdade”.

## GLOSSÁRIO:

---

**Abbá** - “Ó Deus!”, interjeição de admiração.

**Aguê** - Expressão concani significando: “Oh senhora”. Tratamento respeitoso dirigido a mulheres mais velhas.

**Ajudá** - Povoado na costa ocidental da África (também conhecido como Ouidah, atualmente pertencente à República de Benim), ocupado a partir do século XVII pelos portugueses. Local estratégico no comércio de escravos africanos, além de tabaco, búzios e aguardente, vindos do Brasil, onde o governador de São Tomé e Príncipe, Jacinto de Figueiredo Abreu, construíra uma fortificação, posteriormente denominada Fortaleza de São João Batista de Ajudá.

**Aggá Bauddi** - Rústico; tosco.

**Arê** - Interjeição de surpresa ou de oposição.

**Arecais** - Plantação de *arequeiras*. Árvore comum na Índia, que produz uma noz comestível.

**Às garnelas** - Em grande quantidade: “beber às garnelas”.

**Ata** - Fruta-do-conde.

**Babá** - Forma de tratamento carinhoso para “rapaz”, em concani.

**Bafada** – Abafado.

**Baí** - Palavra concani para tratar de forma respeitosa uma jovem mulher: “senhorita”. Comumente usado pelos empregados domésticos ao falarem com suas empregadoras ou superiores.

**Balcão** - Muitas casas em Goa têm à frente uma escada e uma pequena varanda antes da porta de entrada, por vezes com dois bancos fixos nas laterais. Essas varandas são chamadas de *balcão*. Esse tipo de construção é um dos mais comuns nas residências do bairro da *Bordá*, em Margão.

**Balchão** – Petisco de camarão picado e fermentado, com especiarias.

**Bardez** - Região ao norte de Margão, de origem marata, habitada principalmente por *chatriás*.

**Bazar** - Mercado, feira.

**Bate** - Arroz ainda em erva ou com casca.

**Begarim** - Trabalhador, jornaleiro.

**Bibica** - Bolo de dois sabores.

**Bilimbins** - Fruto do bilimbeiro, também consumido na Índia no preparo do caril, do balchão e de compota.

**Boiás** - Carregadores de sombreiros e palanquins ou machilas, ou trabalhadores de serviços pequenos e eventuais.

**Bojim** - Doce dos hindus.

**Bouço** - Grupo de cultivadores dos campos, das comunidades agrícolas.

**Breda** - Cidade fictícia, associada diretamente ao bairro da *Borda* da cidade de Margão. Sobre isso Olivinho Gomes diz: “In the town of Breda, disguising the Borda ward of Margão, where is concentrated the upper Catholic caste that calls itself Brahmin”. - GOMES, Olivinho. *The Konkani Flavour in Goa’s Spoken Portuguese, as witnessed in Gip’s “Jacob e Dulce”*. In: FIGUEIRA, Maria Inês. & NORONHA, Oscar

de. *Episódio Oriental: Readings in Indo-Portuguese Literature*. Fundação Oriente & Third Millennium: Panjim, 2007. (p.77).

**Brincos** - Segundo Dalgado, especificamente em Goa, o termo “brinco” refere-se a um grupo de palhaços que cantam, tocam e bailam por ocasião do carnaval ou de cortejos cívicos. O termo é apontado como tradução direta do concani *khêl*, mas também pode ser entendido como uma peculiar acepção do verbo “brincar” (bailar), sendo o “brinco popular” o mesmo que “baile popular”.

**Bufarinheiro** - Vendedor ambulante de bugigangas.

**Cabaia** - Roupão ou túnica usada no oriente.

**Caçada** - No indo-português coloquial “dar caçada” significa “bater”.

**Canja** - Em Goa, é um arroz cozido em água e sal até formar um caldo grosso.

**Canudo** - Cigarro.

**Caril** - Molho para arroz, à base de curry.

**Casco de Rolhas** - Expressão popular comum em Portugal, significando “muito distante”; “no fim do mundo”.

**Chicharo** - Segundo Álvaro Noronha da Costa, significa “feijão frade” ou “grão-de-bico”.

**Chirina** - Denominação dada para a rúpia da Índia Inglesa.

**Chômage** - Expressão francesa: “sem trabalho”; “desempregado”.

**Chowky** - Jardim interno, comum nas casas hindus para o plantio de *tulsi*, formando um pátio no centro da casa. Esse tipo de construção acabou sendo incorporado às casas cristãs em Goa.

**Chuname** - Segundo Dalgado é o nome dado à cal obtida a partir de conchas de mariscos.

**Chusma** - Estribilho, cantado por diversas pessoas em coro.

**Coimeiro** - Seria por origem o executor de coima: “castigo; pena; multa”, mas em Goa era o coletor de dívidas (multas) agrícolas, principalmente dos proprietários de gado que se perdia em terreno alheio, comendo sua produção, segundo explica Álvaro Noronha da Costa.

**Comunidade Agrícola** - Associação agrícola, denominada em concani de gãocaria, que administrava o plantio, a colheita e a venda do coco em cada aldeia.

**Concelho** - A Índia Portuguesa era dividida em 3 distritos: Goa, Damão e Diu. Cada um deles se subdividia em concelhos administrativos.

**Cumerim** - Procedimento agrícola em que se queima a vegetação, na preparação do terreno para o plantio.

**Datas** – Parafernais, ou seja, em princípio seria a parte do dote, que a noiva levava para seu próprio proveito, tendo direito sobre sua administração, mas que acabou por se tornar mais um presente para a família do noivo.

**Durig** – Muro, em concani.

**Espírito nativo** - A denominação de *Espírito nativo* era dada às bebidas alcoólicas indianas, como o fenim, feitas principalmente de coco ou caju.

**Fiambre** - Carne de porco cozida que se come fria; presunto.

**Ficar na ufa** - Ficar desapontado.

**Figo** - Em Goa significa banana.

**Fona** - Cafona; miserável.

**Fulas** - No indo-português “flores”.

**Gãocar** - Membro da associação agrícola aldeana. Pertencente a uma das famílias da comunidade ou *gãocaria*, que, por este motivo, tem privilégios políticos e econômicos sobre os vindos de outras aldeias, nos lucros das plantações coletivas (principalmente de coco), secularmente presente na cultura goesa.

**Gentios** - Para os cristãos, eram todos aqueles que tinham religiões pagãs, mas, no contexto dessa obra, refere-se especificamente aos hindus.

**Guê** - Significa “mulher” em concani, usado especialmente entre iguais, dada a hierarquia social da Índia.

**Guirmarique** - Árbitro nomeado anualmente pela comunidade, que acumula as funções de escrivão e juiz nas decisões sobre a atuação dos terlos, diante da produção agrícola.

**Gumates** - Também chamado “gumata”, do concani *ghumat*. Em Goa é o mesmo que “batuque”.

**Grão na asa** – “Estar com grão na asa”, significa “estar bêbado”.

**Ham** – Interjeição de desejo; de confirmação.

**Hom** - Interjeição de interrogação; de pedido.

**Hebetada** - Cara de tonta, idiota.

**Jagomas** - Ou *jangoma*, fruto da jangomeira (*Flacourtia cataphracta*), natural da Índia e da África Oriental. “Assemelha-se à ameixa; é por isso que também se chama *ameixa da Índia*. Do concani *zangam* ou *zamang*.” (DALGADO: 1988, v.1, p.486).

**Janky** - Expressão usada ainda hoje entre os indianos, significando “bagunçado”, “fora de ordem”.

**Jonoeiros** - Aqueles que dentro da comunidade agrícola tinham direito a receber o *jono*, ou seja, o lucro sobre a produção da *gãocaria*.

**Kananga** - Nome de uma árvore de flor odorífera. *Cananga odorata*. “Água de kananga é o nome da essência no mercado da Insulíndia, e cananga em português de Dilly, o da árvore.” – Alberto de Castro, *Flores de Coral*, p. 215 (apud. DALGADO: 1988, v. I, p. 196).

**Langotim** - Pano curto que os indianos usam amarrado à cintura, como uma saia, ou também entre as pernas, como uma calça larga.

**Limão** - “Limão”, do neo-árico *limbū* e, segundo Alvaro Noronha da Costa, do concani *limbó*.

**Lonim** - Manteiga fresca, não clarificada.

**Machila** - Transporte suspenso muito comum na Índia do período, composto por uma base acolchoada ou uma cadeira, que era suspensa e carregada por duas pessoas, denominadas em Goa, no período da obra, *boiás*.

**Madrasta** - Atualmente, Madras.

**Mãe-tia** - Tia por parte de mãe.

**Mamã-grande** - Avó.

**Magun vêloli** - Significa “Foi pedida” em concani.



**Mandó** - dança popular entre os cristãos de Goa, que acontece ao toque de batusque e canto apropriado, também chamado mandó, com ritmo semelhante à valsa mexicana.

**Manducares** - Indo-Português – plural de *manducar*, palavra de origem concani: *mundkar*, pessoa que habita e/ou trabalha em terra alheia, geralmente em troca de pequenos serviços ou pagamentos com a própria produção agrícola, muitas vezes tornando-se um tipo de serviçal. Segundo Álvaro da Costa o sistema de *mundkar* foi introduzido pelas Ordens Cristãs, que se apropriaram de grandes extensões de terra durante a dominação portuguesa e obtinham o serviço dos nativos em troca do uso das mesmas, transferindo tal sistema exclusivamente às *comunidades* com a dissolução das Ordens no século XVIII.

**Mocadão** - Indo-Português – origem Árabe: *mugaddam*, mordomo ou caseiro; administrador de palmar, em áreas rurais ou urbanas.

**Monê-irmão** - Contração goesa de “Irmão Manuel” – Nota de *Jacob & Dulce – Sketches* (p.41)

**Murubim** - Referente à freguesia de Mercês, nos arredores de Pangim. RODRIGUES, Maria de Lourdes Bravo da Costa. *Tasty Goan Morsels*. Mercês: L & L, 2007. (p. 21).

**Olli** - Lençol branco de algodão, usado pelas mulheres em celebrações específicas ou pelas de castas mais baixas, para cobrir a parte de cima do corpo.

**Oiry** - Cômodo no andar superior.

**Palmeira** - Coqueiro. Por isso também se diz “palmar” como “coqueiral”.

**Pa-tio** - Ou “pai-tio”, é o tio por parte de pai.

**Pano-baju** - Traje usado pelas cristãs de classes mais altas.

**Pano-paló** - Traje usado pelas cristãs de Goa, adaptado a partir dos trajes hindus. Segundo Dalgado “paló” tem origem no concani “*pâlanv*” que significa ponta. Esta “ponta de pano” cobre a parte superior do corpo.

**Pardao** - Moeda indiana antiga, podendo ser de ouro ou de prata. Segundo Dalgado, um pardao de prata equivalia a meia rúpia.

**Parentesco** – Proposta de casamento.

**Pepiça** - Indo-Português – doce goês que tem por base uma pasta de arroz espremido em folhas de corcuma, recheado com uma mistura de coco ralado, conhecido em concani como *patoios*.

**Pera** - Em Goa significa goiaba.

**Perada** – Doce de goiaba, goiabada.

**Pevide** - Semente de vários frutos.

**Picão** - Em português é uma espécie de lima de ferro, pontiaguda usada para desbastar madeira ou pedras preciosas, mas que, segundo Álvaro Noronha da Costa, adquiriu sentido pejorativo no concani de “burro”; “estúpido”.

**Piladeira** - mulher que pila arroz para tirar a casca.

**Poiça** - Moeda usada em Goa até a década de 1950, valendo, segundo Álvaro Noronha da Costa,  $\frac{1}{4}$  de *tanga* (outra moeda goesa), que por sua vez vale  $\frac{1}{16}$  rúpias. De acordo com Dalgado, pequena moeda indiana de cobre, valendo 4 *tangas* e  $\frac{1}{64}$  rúpias.

**Paily** - Medida de capacidade, indiana, usada para cereais e legumes.

**Quegdevelim** - Praia goesa considerada paradisíaca, localizada ao sul da região de Bardez.

**Quizilheiro** - Mexeriqueiro.

**Real Seminário de Rachol** – Situado a 12 quilômetros de Margão o seminário de Margão foi criado por volta de 1521.

**Sacadoria** - Repartição responsável pelo recolhimento dos impostos anuais da comunidade, por meio do sacador.

**Sagoates** - Presentes dados em datas comemorativas.

**Salú** - Abreviação de Salvador.

**Santomé novo** - Corruptela de *São-Tomé novo*, moeda de ouro que se lavrava em Goa. Distinguia-se da *São-Tomé antiga* e da *São-Tomé*, cuja última cunhagem, segundo Dalgado, aconteceu em 1841. “A denominação proveio da efigie do Apóstolo Santo-Tomé numa das faces. Idêntica moeda se cunhou em Portugal em memória do descobrimento da Índia”.

**Serrador de cima** - Pessoa importante.

**Tambió** - “Cântara de cobre para água, na Índia”.

**Tanga** - Moeda adotada na Índia Portuguesa, mas comum em toda a Ásia, segundo Sebastião Dalgado, valendo em Goa 1/16 de rúpia, como o aná, na Índia Britânica, equivalendo a 25 réis em Portugal.

**Terlo** - “Vigia das várzeas e dos palmares das comunidades agrícolas e dos particulares, em Goa.”.

**Torna-boda** - Festa realizada em casa dos pais da noiva, alguns dias após o casamento, para receber os novos familiares e amigos.

**Vangor** - Segundo DALGADO em seu *Glossário Luso-Asiático*: “Na tecnologia das comunidades de Goa, é ‘grupo ou classe de gancares das referidas associações’. Essas classes se formaram na época da organização das mesmas associações, tendo por base a estirpe comum, e não sendo por isso em todas, igual o seu número. É indispensável a presença de pelo menos um membro de cada vangor na *gancaria*, a fim de se tomar um *nemo* ou assento de interesse geral. Do conc. *vãngad*, que literalmente significa companhia, camaradagem.” (p.403) – Assim, Jacó seria descendente do primeiro grupo familiar a povoar Breda.

**Vassry** - Saleta comprida, comum na arquitetura hindu, que fazem o papel da sala para jantares informais, ficando na parte mais íntima da casa

**Víddi** - Cigarro feito com folha de bananeira.

**Vociência** - Forma contraída de “Vossa excelência”.

**Xé** - Partícula interjetiva de negação ou recusa.

**Xencor** - concani: “sabe-tudo”; “sabichão”.

**Zorôd** - Expressão concani: “Sem cérebro”; “tapada”; “idiota”.

## ANEXO 2

---

### Conto: Jacó e Carapinho (O Ultramar – 13/10/1894)

#### Capítulo I

A arrematação trienal das avenças de uma comunidade é um acontecimento tão trágico, como a chacina de 21 de setembro de 1890, no largo da igreja de Margão.

Se aqui uma soldadesca desenfreada varou, com balas criminosas, o povo inocente, aí o gládio vingador trucida as algibeiras da aristocracia da Alça Soberba, em nome da ambição bazofiosa e da vindicta mesquinha.

#### Capítulo II

O que é o Povo Soberano, e quaes as suas relações com o batcará pode-se ver do seguinte conto:

Jacob e Carapinho, bramanes de sangue real, vizinhos entre si e amigos velhos inimistraram-se na véspera de S. João, dia em que Dona Ephrozinda, idolatrada esposa de Jacob, jurou-lhe, sob a fé da criada, Morcú, que o vizinho lhe furtára uma galinha....

#### Capítulo III

É setembro do anno immediato, anno de arrematação triennial das avenças da comunidade.

Jacob e Carapinho passeam carrancudos na sala das sessões.

Ambos são gãocares, ambos estão de chinellos.

É facil de vêr que ambos meditam guerra, guerra sem treguas.

#### Capítulo IV

Está aberta a sessão.

*O pregoeiro (com voz cantada).* Primeiro lanço de Tenttó.... duas rúpias e meia....

*Uma voz.* Esteve no titulo de Carapinho

*Carapinho.* Mais um anna.

*O pregoeiro.* Duas rupias nove annás...

*Jacob.* Diga vinte rúpias.... (*Para Carapinho, furioso*): É gallinha.... gallinha de S. João.....

*Carapinho.* Gallinha comeu seu pae.... mais um anná.....

*O pregoeiro.* Vinte rupias e um anna....

*Jacob.* Foi sua mãe que a comeu.... diga quarenta rúpias.... É uma família de ladrões.... diga quarenta rupias.... Não me deixam um frango no quintal, nem uma acha de lenha.... quarenta.....

*Carapinho.* Ladrão é seu pae.... quer o Tenttó? pois lá vae.... diga sessenta rupias..... Deixe levar....

*O pregoeiro.* Sessenta rúpias.....

*Jacob (assustado).* Cobarde!..... mais um anná..... (*para os circumstantes*) A questão não é de gallinha, hom!..... eu posso lhe dar um banho de gallinhas..... mas esta que me furtou era da estima de Ephrozinda e punha ovos..... *Arê* a mulher delle manda dizer á Ephrozinda, que ella é minha gallinha!!... Aqui ha cabimento?.... Forte desafôro!!.. Não há respeito!!..... Faça *sá*... Faça *sá*....

## Capítulo V

O lanço é ultimato em Jacob.

Segue um susurro. Vários escondem-se nas janellas, outros saem á pressa. São os fiadores que fogem.

Jacob não tem fiador.

Carapinho triumpha.

Jacob, confuso, atrapalhado, cochicha ao ouvido deste e d'aquelle, com semblante suplicante.

*Carapinho (triumphante).* Ladrão eu?!... por isso a mulher deste foi apanhada no meu telhado, com saias arregaçadas e sem *casebeque*, a furtar abobras.....

*Jacob.* Sim.... é por isso que sua mulher, bebeda, caiu na cozinha.... pergunte ao padre Calisto....

*Carapinho.* Padre Calisto?... Calisto?... aquelle é padre?.... hum!.... hum!.... são merendas..... conversas..... patife mesmo!

## Capítulo VI

No dia seguinte:

- Jacob deixa os ossos no Tenttó, jura Carapinho,
- Carapinho não tem *purimento* para este anno, segreda Jacob.

E ambos estão contentes.

## Capítulo VII

Passados dias, Jacob subarrenda o caríssimo Tenttó por 70 rupias annuas (10 rupias de alça) à má cara, ao Povo Soberano, representado no caso pelo seu manducar Jaquí.

A gallinha de Jacob quem paga é o Povo Soberano.

\*\*\*

Povo Soberano! Velha chapa, de grande valia nas vésperas de eleições.

Com franqueza, deixem o Povo Soberano, longe da influencia do *batcará*, e com a liberdade de votar em quem quizer, e verão que necessariamente dão-se os seguintes phenomenos.

Se as eleições tiverem lugar nas vésperas de colheitas de várzeas, aposto, juro que o Povo Soberano votar no sacador da commuidade; em vésperas de entrudo ou S. João, no taverneiro; e depois de morto, no candidato regenerador ou progressista....

**Gip**

## ANEXO 3

---

### Capítulos Extras

#### *Jacó e Dulce: Notas a Lápiz (O Ultramar – 25/02/1899)*

#### A Torna-boda

*(continuação do nº antecedente)*

Jacob e Dulce chegaram para a casa dos seus sogros e paes ás 10 ½, com grande algazarra feita pelo brinco de curumbins que os cercava e, junto com os boiás, sujavam os seus fatos luxuosos com poeira vermelha, e á porta foram recebidos com outra algazarra de estalar de foguetes, granadas, girândolas e fogos de artifício, a que se associou a musica que vociferou furiosa, apopletica e atroadora, o hynno portuguez, e vieram-lhe ao encontro os paes, os parentes, alguns convivas e creados, com as caras banhadas em um riso silencioso e pateta.

As senhoras não foram recebel-os; atulharam, segundo uma velha usança, as janellas.

Vinham em companhia dos noivos Florinda, irmã de Jacob, que trajava um vestido de velludo côr de rosa, que ficava muito bem a sua côr trigueira de *sissó*, o seu primo e particular amigo Cantalício – de que o noivo se queria servir para se desfazer, pelo casamento, da irmã, a módico preço – e dois parentes com cara de estafermos, que ninguém sabia donde vinham.

Estes ultimos alesmados de apparencia, correctamente vestidos, com fatos novos, para logo foram agachar-se com ar desconsolado a um canto, donde só saíram para dançar a primeira contradança de cabeceira, ao lado do presidente da camara e do administrador do concelho, cabeceira que de direito lhes pertencia como *acompanhantes do noivo* e, finda esta, metteram-se no jogo de supposta, em que pareciam muito destros, e dahi sumiram-se ninguém sabe quando.



Jacob e Dulce entraram na sala com as bocas fendidas em riso largo e amarello. O noivo vinha apumado, com ar de importância e de solemnidade de par do reino, e a quem lhe perguntasse: *Como está?* respondia de prompto: *Como está?*, e ambos ficavam na ignorância do estado de saúde de cada qual.

Dulce trajava vestido branco – signal de virgindade – e, trazia na cabeça flores artificiaes de laranjeira, com folhas prateadas. Com oito dias de casada, só lhe faltava uma vela e véu branco.

Estava desembaraçada. Já não era a acanhada de oito dias atraz. Cumprimentava a todos, assim:

– Tertuliana!... (e apertava a mão) Maria!... Mana Joaquina!... Ti-manã!... Corina!... Luizinha!... Helena!... Mamã não *véi*?

E sem esperar pela resposta ia seguindo.

Depois foi para dentro, fallou com todos muito desempanada e em voz alta; viu a aia paralytica e depenseira immunda, Rita, que ella chamava *Baé*, e que nesse dia estava um primor de limpeza; foi ao quarto, carregou a cara com immensa quantidade de pó de arroz, e veio á sala sentar-se no sophá, com a magestade de uma rainha, fazendo a figura de macaca empoadada.

Pouco antes da chegada dos noivos, quatro mulheres com jóias e flores e dois *bigarins* transportaram, atravessarando alguns repartimentos onde havia convivas encasacados, seis bahus dos noivos, que foram recolhidos no quarto que se lhe destinara.

Este quarto estava mobiliado á europea com grande luxo.

A cama larga tinha cortinados de rendas finas, e cobria-a uma riquíssima colcha de China, que abrigava, além das roupas da cama, com licença... percevejos.

Ninguém se tinha lembrado de catal-os, porque é ponto assente na Índia que os percevejos, como vários funcionários, são inamovíveis. Muitas senhoras que para ahi foram descançar e fumar, sentiram-n’os tanto na cama como nas cadeiras, e algumas até os transportaram para a sala no seu corpo, se bem que aqui havia também grande sortimento delles nas cadeiras, que, pelo mesmo motivo não foram desalojados, fazendo passar bem máus bocados aos convivas. Pela mesma causa não se pode exterminar as pulgas, que tomaram livremente parte na festa, banquetecendo-se no corpo dos convivas.

Em um canto do alludido quarto ostentava a sua pompa um vaso de despejo com tampa de mármore. Parece que se o collocou tanto em evidência por causa da sua tampa.

No toucador riquíssimo havia escova de cabellos, de fato, cheiros custosos da casa Lubin, charutos mesmo, mas faltava escova de unhas, porque os noivos não eram acostumados a usar della, e a de dentes, porque ambos se serviam, para limpá-los, de carvão do fogão de limpeza problematica, ou folhas de mangueira ou cajueiro.

É escusado dizer que o pavimento estava recentemente embostado; e nem valia á pena estreital-o, porque nesse quarto freqüentes vezes se recolhia *batte* na época da colheita.

\*

Este luxo ruinoso de mobília, ao lado de grande descuido na sua limpeza, no meio da pobreza franciscana em que vivemos, quando podíamos ter menos mármore, damasco, sedas, cheiros e mais conforto, faz-me rir e pensar.

Pondo de parte a questão a questão da nossa pobreza, a abundância da mobília e os seu luxo sempre presuppõem um creado que trate della, além de escovas e panos apropriados que a limpem.

Mas como geralmente não temos nem estes nem aquelle, porque os besuntões a que chamamos creados nem sabem como limpá-a, seguimos o methodo mais barato: ou fechamos as janellas das salas para não deixar entrar poeira, ou fazemol-a vestir com panos de *cheló* vermelho, dando ás salas e aos repartimentos nobres a apparencia solemne e triste de egrejas e capellas.

Usa-se geralmente de *cheló* vermelho para não deixar perceber a camada de poeira que a cobre, estratagemas com que encubrimos o nosso descuido e incapacidade de limpar a mobília.

Este *cheló* fica lá, em algumas casas, anos com uma densa camada de poeira, e em certos casos, quando se o remove, está corrupto, e não menos o estofado dos sophas e das cadeiras.

Tenho visto salas onde tudo está cuberto de *cheló*, até o retrato do chefe de família.

E em quanto, na sala, mármore e cristaes dormem envoltos nos seus sudários ensangüentados, na mesa do jantar apparece diariamente arroz, caril e peixe frito, servido por um creado de langotim.

Ora nós que tanto buscamos parecer europeus, porque é que não havemos de imitar a simplicidade dos adornos das suas casas, apesar de sermos, na immensa maioria, mui pouco avezados?

Quando não temos a sala como a alcatifa e janellas fechadas, ou sala com mobília trajada de *cheló* vermelho; temos as salas com mobília abundante e immunda, onde não raro se põe o batte a seccar, enquanto a gallinha passeia tranquilla e ....

Em summa, os repartimentos nobres na Índia, na maioria dos casos, nem são europeus nem hindus, são coisas hybridas, que demandam reforma no sentido de economia e limpeza.

(*continua*)

*Jacó e Dulce*: Notas a Lápis (O Ultramar – 04/03/1899)

Em seguida apparecem bandejas com doces, café com leite, e chá, acompanhadas de cavalheiros e damas, bandejas que circulavam lentamente, procissionalmente nas salas em que penavam as senhoras, e n'aquellas em que bocejavam consternados e esfaimados os homens.

Alguns rapazes vieram, uns pressurosos e outros discretamente, sentar-se nas cadeiras mais próximas da trajetoria das comidas, tal era a sua fome. Ir francamente ao café e servir-se delle, ir resolutamente aos bolos e tiral-os com a própria mão e devoral-os, é incivilidade. Cumpre, para ser respeitado, que morra de fome, que alguém lhe offereça as comidas, que hypocritamente faça *cumprimentos*, negaças e depois devore como um lobo dois arreteis de doces e três chicaras de café. Isto está estabelecido na Índia desde as leis de Manù.

Entre as damas que serviam, via-se Ditosa, interessante irmã mais nova de Dulce.

Chamaram-lhe Ditosa, porque era afilhada de uma mendiga deste nome, a quem os Pereiras fizeram sua madrinha, em consequência de um voto de sua mãe, feito durante o parto laborioso por occasião do seu nascimento. Este voto foi feito por *humildade*. Mas a madrinha, de casta *sudra*, nunca conseguiu vêr a sua rica afilhada, porque a encubriam com o receio de *olhado*, tão bonita ella era, assim suppunha a família; nem a afilhada conhecia a madrinha, que por fim, morreu em uma enxerga, sem ter recebido um ceutil de soccorros dos paes de Dulce. Feito o acto de *humildade*,

acabou-se tudo, e Ditosa Pereira até envergonhava-se de ouvir que sua madrinha fôra uma mendiga. Outro gênero de *humildade!*

A menina Ditosa era apenas adulta, e já tinha o seu vestido decotado de setim côr de canário, as sua botinas e luvas de 12 botões de pellica branca, além de algumas jóias, e a família aproveitava da ocasião para fazer a sua apresentação aos noivos como a beleza da casa. Buliçosa e viva, orgulhosa do seu vestido de setim e do decote, embora discreto, percorria ousadamente todas as salas com ares de quem diz: *quem manda aqui sou eu*, como Julia na *Une page d'amour* de Zola. Cumprimentava a todas, fallava a todos, queria ter espírito e dizia sandices; estava alegre, satisfeita, bamboleando os quadris, e andava principalmente nas salas dos homens, tendo ao lado uma bandeja de doces, offerecendo-os duas e três vezes a mesmos indivíduos, arrulhando sempre com voz cantada: *Por quem é? Faça favor? Não rejeite da minha mão!*

Esta rapariga em tenra idade já descubria noivos, e era com elles de uma *coquetterie* que causava enfado. Corria de uma bandeja para a outra, e fazia um redemoinho que inquisilava.

Tanto os creados da casa, como os dos convivas, que estacionavam á porta da entrada com lampeões, punham surrateiramente mãos nas bandejas e tiravam doces. Alguns convidados indecentes, poucos felizmente, tinham amigos esfaimados na rua, a quem levavam secretamente ou davam pelas janellas bolinhos. Vários encheram as algibeiras de confeitos, destinados ás creanças que dormiam em casa.

Os únicos honrados, de uma honradez a toda prova, eram os portadores de bandejas, porque, coitados, traziam ambas as mãos occupadas em segural-as.

Verdadeiros Tântalos, tinham doces variados a dois palmos de distância da bocca, e não podiam furtal-os, nem comel-os.

Asnos! se atirassem as bandejas por terra, e ao encherel-as puzessem parte do seu conteúdo na algibeira, quem daria por isso?

\*

A este serviço seguiam-se as danças, cada uma precedida de distribuição de bilhetes pelos convivas masculinos.

Estes, entrando na sala de dança, sem conhecerem as damas, sem se fazerem apresentar, bilhete em punho, dirigiam-se a ellas e, sem mais nem menos, de chofre, á queima-roupa, disparavam, por via de regra, os seguintes tiros: *V. ex<sup>a</sup> faz-me a honra de dançar a walsa? V. ex<sup>a</sup> dança polka? Tem bilhete para contradança?*

São chapas antigas, do tempo da conquista.

E a dama, sem buscar averiguar se o offerente do bilhete era algum sacristão, filho do mocadão do dono da casa, se um miserável devasso, ou um ladrão confesso e condemnado, desprezado pela sociedade, parente do mesmo dono, se feio, se cheirava tabaco de Balagate, se estava entoxicado, se inimigo figadal e calumniador de seu pae ou marido, resignadamente, cabisbaixa, recebia o bilhete e punha no decote do seu vestido, sobre o seio, tendo uma metade delle fóra, para não desaparecer por dentro, o que seria uma calamidade.

Estava lavrado o contrato. A dama estava *engajada*, como o boiá da praça, com o bilhete de que fallam as posturas. O cavalheiro retirava-se seguro de que tinha par para tal dança.

Ás vezes acontecia uma senhora ter no seu decote 3 a 4 bilhetes, para contradança, lanceiros, walsa, polka; então o seu peito de rôla farta parecia uma montra, e de longe era fácil averiguar para que danças estava ella *compromettida*.

E este *compromisso* obriga a dama? Creio que não. Muitas vezes, em quanto um cavalheiro enluvado, com o seu copinho no buxo para maior enthusiasmo, espera paciente pela walsa annunciada no programma, o seu par já se tem retirado há mais de meia hora, para casa com o marido e o bilhete.

Estas catastrophes não raras, são freqüentes, e até deram-se no meu tempo, comigo que era um dançarino audaz e rixoso.

Estes bilhetes não representam hoje nem europeísmo, porque os europeus não se servem delles, nem os vejo annunciados nos jornaes do reino; nem hinduismo, porque o hindu não dança; é mero *curumbinismo*, escrevia-me um cavalheiro mui illustrado da capital.

O mais simples é expurgar os taes bilhetes, junto com o mestre-sala, que não raro é um idiota sem civilidade e faccioso, e seguir o systema mais simples – de que se usa até no palacio do governo geral quando ahi há bailes. Cada qual dançar com a senhora do seu trato, e, quando queira dançar com outra a quem não conhece, pedir algum amigo ou ao dono da casa para apresental-o.

Se a reunião é muito larga, pode-se introduzir o uso do *carnet*.

Dizem que o systema em vigor serve para os tímidos, para os acanhados poderem dançar. Mas os bilhetes não são pílulas para curar a timidez, o acanhamento.

Se são tímidos ou acanhados, os paes que lhes dêem mais liberdade, que facilite-se a convivência entre rapazes e as senhoras, para não succeder como a muitos destes

estafermos apelintrados até de 35 annos de idade, que ao pé de uma senhora fazem a figura de ursos; se abrem a bocca dizem calinadas, quando não preferam fugir dellas.

Em Bombaim, nas reuniões dos filhos de Goa, reuniões distinctissimas, nunca vi bilhetes.

O que quer que seja, Salvador Pereira seguiu, como disse, o systema de bilhetes, e dançou-se com costumado enthusiasmo de Breda, o cavalheiro não fallando ao seu par, durante a dança, já por causa do acanho de ambos, já porque não conhecia a esta, ou já porque a dama respondia ás perguntas do seu par em monossylabos e com um risinho, já, quem sabe? por atavismo, isto é, seguindo o velho costume hindu de não fallar á mulher, que reputa *res*.

No fim de cada marca das quadrilhas, quando parasse a musica, reinava na sala um silencio communicativo, os pares com ar triste de cyprestes, cara de palmo e meio, e só se ouvia fora a vozeria dos boiás que reclamavam, desaforados, a sua ceia, acompanhando o pedido de insultos atrozes ao dono da casa.

Finda a dança, cada cavalheiro conduziu a dama ao seu lugar, e fez uma mensura consuetudinária a que várias não corresponderam.

\*

Depois de algumas danças, foi servido o segundo serviço. Consistia em queijo com bolacha e cerveja. Creados conduziam as bandejas com copos; outros, garrafas e saca-rolhas.

Ouvia-se o estalar de rolhas, que se espalhavam pela sala; algumas garrafas estravazavam fazendo grandes poças no pavimento como numa estalagem. Todos bebiam em mesmos copos: o regedor que mascava tabaco, com a donzella mimosa de hálito perfumado, o sujo que não limpava a bocca, como o *dandy* que a limpava demais, o devasso com doenças secretas, &c.

Até em família, no seio daquellas que eu conheço, pelo menos, ninguém bebe no copo em que outros se serviram, mas na sala vae uma promiscuidade nauseante. O mesmo succede com vinhos.

Ninguém se lembrou, parece-me, de servir a cerveja, com os vinhos em uma sala aparte artisticamente armada, e não nisto que se chama adega, que é, geralmente, uma despensa, immunda, mal illuminada e peor ventilada, com ar empestado, verdadeira caverna de Caco, onde por via de regra se vae furtivamente.

\*

A este serviço seguiram mais danças.

A animação crescia, graças á cerveja que ingeriram, um, dois, três copos – passando de uma bandeja para outras, em ordem a não ser notado por aquelles que as acompanhavam – porque ninguém sabia quando viria o serviço de vinhos.

Entretanto, alguns cavalheiros e damas foram ceiar arroz e caril, na casa de jantar lóbrega, de aspecto funéreo, embostada, mal illuminada.

É uma moda nova, que vae propagando moda encommoda para os donos da casa, moda que nem é europea, nem nativa, moda estúpida, um capricho, porque ninguém na Índia ceia arroz e caril depois de meia noute, e ninguém come arroz e caril depois de ter se servido de doces, queijo, bolacha, cerveja, como banianes, que comem doces antes de arroz.

Devem ter estomago de bronze, estes senhores que podem comer na ordem que indiquei.

Ceivavam cavalheiros e damas dos mais grados da sociedade goense, e quasi todos imitavam na falla aos europeus; serviam-se de arroz e pacharil, caril de gallinha, peixe frito e acepipes.

Era a tão odiada, infamante mistura de carne com peixe nos jantares de etiqueta.

Não se cejava simultaneamente, em mesa redonda. Não. Cada qual vinha por sua vez, e fazia-se servir, como na casa de pasto.

Vi uma vez, com estes meus olhos, cavalheiro e dama comendo arroz e caril e bebendo ao mesmo tempo cerveja. Percebi que era uma exepção; que não se tratava de comer, mas de *flirtation*.

Subitamente ouviu-se a toada de uma walsa; as senhoras que ceivavam e estavam *compromettidas* para essa dança, partiram precipitadamente com as boccas cheirando peixe de Durbate..... e *miscut*.

(*continua*)

*Jacó e Dulce*: Notas a Lápis (O Ultramar – 11/03/1899)

Ás duas horas da madrugada, a pequenita sala do baile offerencia um aspecto deslumbrante.

A maior parte das senhoras casadas traziam ao pescoço collares de diamantes e brilhantes, trajavam vestidos custosos de sêda e velludo, e calçavam luvas de pellica de até 16 botões; os vestidos eram guarnecidos, embora sem gosto nem arte, com fitas e rendas de subido valor. Ninguém tinha-se cingido ao figurino; se a saia era deste, o corpête era daquelle, o penteado era daquelle outro; 2 dellas para a sua altura e recreação collocaram 2 botões de velludo nos rins; Tertuliana uma flor no occipital, sem que essa flor viesse indicada no figurino; Jesuína Borges, que tinha comsigo, bem fechada no armário, uma fita cor de rosa, muito bonita, que varias vezes quiz vender e não conseguiu, aproveitou da occasião para guarnecer com ella, por seu livre arbítrio, o seu vestido amarello fulvo; Julia trazia *chatelaine* de ouro, sem relógio, suspenso a uma chave occidada, prêta e mal cheirosa. Que importava? Ninguém via.

Ainda as solteiras, as apenas púberes usavam sêdas e jóias de ouro, algumas próprias algumas emprestadas.

As senhoras de panno bajú scintilavam como Goopotis; com suas fotas envoltas as suas abundantes carnes pareciam travesseiros. Tinham deixado de parte os chinellos de velludo bordado, e calçavam botinas de pellica. Estavam entusiasmadas; queriam dançar danças europeas, e dançavam ou antes andavam descompassadas ao som da música; traziam o pescoço, as mãos, a cabeça cobertos de ouro, coraes e algumas de diamante.

Coisa curiosa! quasi todas estas senhoras, envoltas em sêdas e velludos, cobertas de ouro e diamantes, tinham jantado, com raras excepções, arroz de *fonchró* e caril de camarão, ou de peixe, ou de *ganbó*, com peixe frito, algumas com a mão.

Grande maioria tinha as suas casas mal illuminadas, alguns repartimentos em completas trevas, e a luz da sala da entrada – que punham para não parecer uma casa deshabitada, ou por mêdo d’algum ratoneiro – era lúgubre, bruxuleando de um candieiro reles, sujo, fumegante, que ha annos estava a denegrir o tecto.

Cobriam-se de diamantes e de saphiras, mas não tinham, por via de regra, uma casa especial de banho, e muitas banhavam-se nas pias que ficam juntas das privadas, ou em tintas mal estranhadas cheirando azebre, ou um lugar chamado *nanim*, de pavimento gorduroso calçado de pedra laterite, onde vaguêam bichos desde carochas até centôpeas, onde o cheiro é nauseante, e limpavam as plantas dos pés esfregando-as nas arestas das pedras.

Depois opoponax, pachouli, marechala e outros perfumes caros; depois botinas de pellica custando 10 rupias, para se estragarem no fim de dois bailes.



\*

Por mera ostentação despendemos para além das nossas forças; imitamos as modas europeas, mas não a simplicidade do vestuário das mulheres dahi:

Temos dinheiro para comprar sombrinhas e fazendas caríssimas, nem um *poiçá* para a compra de um livro de recreio ou de instrução; aliás que vão para a maior parte das casas *principaes* da Índia, e vejam-se no *boudoir* de uma senhora deparam com uma estantesinha com livros; o mais que encontrarão, são alguns jornaes de moda esfarrapados, sujos, com nodoa de azeite; possuimos bonitas botinas, ricas luvas, nem uma flôr no canteiro; vestidos de 1º, 2º, 3º dia, mas não há dinheiro pra subscrever para um gabinete de leitura, para um gymnasio; jóias para 1º, 2º, 3º dia do valor de 3 mil rúpias, guardadas há annos no *ecrin*, mas em casa, por via de regra esbandalhadas, mal penteadas, sujas, catando ou mandado catar todo dia piolhos, não tendo entrado nella durante outros tantos uma lasca de presunto e queijo....; vestidos de 150 rúpias, e como creados, uma velha sardenta para a cozinha, um rapasito para brincar, ir às compras, servir a mesa e..... limpar urinões e....

Trazendo na cabeça chapéus de 15 rúpias, e besuntamos o cabello com azeite de coco em vez de *Lemon oil*, azeite, que no fim de três dias, cheira ranço; para limpar o coiro cabelludo usamos barrella em vez de potassa.

\*

Eis-aqui o resultado de ostentação balofa, quando poucas famílias na Índia têm rendas superiores a mil rúpias.

Sujeitamo-nos á variabilidade da moda europea, conservando o luxo oriental – caminho seguro para a bancarrôta.

O hindu compra, quando pode, panos até do valor de 300 rúpias, mas estes panos estão na família durante 20 a 30 annos, se não mais, e são usados até pelos bisnetos, porque elles não subordinam-se á moda; o mesmo succede com as jóias.

Que gastamos em ostentação mais do que podemos, vê-se logo; rara é a senhora com dez annos de casada, que não busque vender os seus diamantes e brilhantes, se é que não os empenhou.

Mas os effeitos desse absurdo e ridículo luxo são funestos. As autoridades vêm essas exterioridades, essa ornamentação, e manifestam a sua admiração por meio de

portarias criando novos impostos, porque as autoridades, sobretudo as européas, não entram nos nossos lares.

Dizemos-lhes que somos pobres, que vivemos de arroz e caril; mas ahí estão os mármorees, as sêdas, os diamantes, os casarões enormes que protestam. Elles que têm dinheiro para comprar isso, é porque são ricos, os jornaes mentem, dizem, mal sabendo que há casos em que um individuo luta pelo dote como um possesso, como um enfaimado, e por fim converte todo o dote em jóias ou em um único jogo de diamantes ou brilhantes.

Se Portugal fosse colônia de Goa e nós os dominantes; se seus habitantes fizessem os mesmos disparates, também nós raciocinaríamos do mesmo modo como hoje fazem as autoridades europeas.

*P. S.* Por não ter o mesmo interesse a restante parte deste capítulo, reservo a sua publicação para mais tarde.

### **Gip.**

*Jacó e Dulce: Notas a Lápis (O Ultramar – quinta-feira - 23/03/1899)*

### **O enterro**

Excerpto

Em uma tarde de abril do anno da graça de 188....., na celebre e preclara villa de Breda, estava apinhada uma centena de homens de todas as profissões, e de todas as edades, até os impúberes, trajados de preto, á porta de uma casa de aspecto vetusto, sem aquillo que na Índia se chama *balcão*, com todas as janellas hermeticamente cerradas.

Outros viam-se assentados nos balcões das casas vizinhas, sem terem-se dignado entrar na mansão de janellas fechadas; alguns formavam grupos na rua, e palravam alegremente, dando até risadas e soltando piadas; vários aproveitaram da occasião de estar de botas, *para evitar mais massada*, foram fazer ou pagar visitas, trajadas de luto, o que na Índia é permitido pelos Vedas e seus commentadores.

Todos traziam fatos pretos, é certo; mas os chapéus é que tinham formas differentes e de phantasia, desde a cartola até o *bonet* com viseira, e cores variadas

desde o preto, até o amarelo da palha de Itália. O mesmo succedia com os calçados. Só a quinzena, calças e gravata eram pretas, isto é, em alguns casos pretendiam ser pretas, o que não prejudicava a ninguém.

Vários penetravam dentro da casa e chegados á porta da sala, deitavam para fora os pontões dos canudos ou dos cigarros – as pontas de charutos não, porque estas eram escondidas em um lugar secreto para não ser furtadas por janotas pobres – alongavam a cara – palmo e meio e, graves, conspícuos, sacerdotaes, cumprimentavam dois homens novos, um padre e outro secular, que estavam sentados, lacrimosos, com cabellos e fatos em desalinho, no sophá. Estes homens correspondiam automaticamente.

Algumas crianças enlutadas, muito despreocupadas, brincavam ao pé da porta.

Freqüentes vezes, mas de golpe, a musica acampada marcialmente á porta, perpetrava um funeral composto por Adão e sua mulher Eva, que, segundo consta, foram bons músicos.

Na sala, cheia de poeira vermelha, de que todos se precatavam, reinava um silencio triste, quasi lúgubre, porque a luz que coava pelos *carepos* sujos das janellas tinha a cor amarella, um amarelo sujo e essa luz dormente illuminava uns móveis pobres, immundos e velhíssimos, alguns globos de vidros, umas mangas sem pendentés, fixadas ás paredes, uma mesa de centro nua, e algumas cadeiras com braços d'uma solemnidade surumbatica, que pareciam abbades nutridos.

Em cima do sophá ou, antes, canapé vigiava suspenso, em moldura de sissó, um retrato de Bonaparte com seu eterno casacão e chapéu, mão dentro do collete, sobre o embigo e olhar facínora.

Em um quarto vizinho de aspecto funéreo e lôbrego estava estendido um caixão sobre uma cama, contendo um cadáver de casaca cossuda, opa e murça, com as mãos sobre o estomago parecendo ter ahi dôr aguda, com lenço branco atado á cara, o qual de tempos em tempos deixava escorrer pelos cantos da boca em liquido qualquer, e as moscas zumbiam á roda.

Nem uma flor alegrava o recinto.

Debruçada sobre o caixão chorava uma mulher de 40 annos, robusta e desengrenhada, vestida de baju branco e pano preto e envolta em uma toalha branca, sem jóias.

A boa senhora, que era esposa do fallecido, soltava gritos agudos, prolongados, arripiantes; lamentava muito a morte do marido, elogiava-o, fazia-lhe panegyricos, recitava a sua biographia uivava algum seu feito notável, mas nunca fallava em *amor*,

por ser indecente. Em um dos rebentares de dôr quebrou as manilhas de vidro barato sobre a borda do caixão, o que provocou um chôro geral, gemidos profundos e lancinantes, suspiros dolorosos.

A seu lado soluçavam discretamente, com possível compostura, fazendo caretas intensas, quatro raparigas, também de pano-baju, que afiguravam-se uma maravilha de feieira. Eram as filhas.

A discrição e compostura do seu chôro foram mal recebidas pelo público, porque todos as queriam desenfreadas como um furacão na sua dôr.

O cadáver estava cercado de várias outras damas, algumas das quaes trajavam sêdas e velludos pretos e jóias de ouro. Mas todas revelavam na cara intensa tristeza, até as que pouco conheciam o finado.

As manducares uivavam como um bando de adives.

Á cabeceira do morto estava collocado um crucifixo com quatro vellas accesas, que substituía o S. Roque com o seu cão e bordão.

Um mau cheiro pronunciado enchia o repartimento, o qual era mitigado ou piorado com água de colônia, que se espargia no cadáver. O cheiro tinha a sua explicação: o finado fallecera na véspera ás 4 horas, e o enterro fora designado para 24 horas depois, apesar de intensos calores, para ser mais luzido, e ninguém velou, durante a noute, na *câmara ardente*, que ficou em trevas.

Na sala entravam e saíam, melancólicos, homens de fato preto, ou, por outra, entravam, cumprimentavam, sentavam-se dois minutos, levantavam-se, cumprimentavam, saíam sem proferir palavra. Nem se dirigiam aos seus conhecidos que ahi deparavam. Afigurava-se que durante aquelles dois minutos, tinham as suas relações cortadas com elles.

\*

Nos repartiamentos interiores vagueavam com ares desanimados e infelizes, alguns parentes; n'um quarto, algumas parentas da província tagarelavam, com canudos na bocca, despreocupadas, baixinho, sobre a doença do finado, suas virtudes e saber, e todas eram de opinião que semelhante homem não haveria mais no universo, e passavam para outos assumptos, alguns pittorescos; fallavam de *parentescos*, ajustes prováveis de casamento, riam-se, para tornar a fallar do finado mesmas coisas:

– Coitado... era um bom homem... e *quããnta* devoção? murmurava Rufina, erguendo os olhos para o tecto. Já vão acabando todos os velhos do bairro... Para que serve aquelle Leopoldo que é usuario... elle é que devia morrer... Mas Deus leva aos bons. Agora tudo está uma rapaziada... malcreados!... não sabem respeitar os maiores, nem temer a Deus...

– É verdade. Se elle não tivesse aquelle pequeno defeito... ia dizendo Julia, uma boa vizinha, serviçal e zeladora do apostolado da oração.

– Que defeito? foi a exclamação soffrega de Rufina, que por sinal era de ilha de S. Jacintho.

Julia mostrou com o pollegar levado à boca e movendo-o em forma de quem entorna um copo, que o finado bebia.

– Sim? Pois eu não sabia nada!!!!..

– Bem, *baí*; você não vá dizer á gente, ham? segredou Julia... eu não quero histórias de gente... Mas eu sei que elle de noute mordía.... e creio que...

– *U quê ê-ê?* fez Rufina.

– Parece que batia na *mai-ti-vizinha*.

– *Xé....* eu não acredito...

– Pode não acreditar... Também, a mim que importa? Aliás, era um bom homem... eu não quero fallar mal de gente.

\*

Pela volta das 5 horas, entraram no quarto mortuário alguns confrades e um e outro padre, que, sem mais nem menos, romperam pelas ventas um canto em latim.

Começou então um charivari medonho; a viúva e as filhas – seguindo um antigo costume – atiraram-se ao caixão, dando gritos estridentes e arripiantes. Não queriam deixar levar o cadáver.

Em vão os confrades lhes pediam para se afastarem.

– Elle já está no céu; o que fazemos chorando? dizia um delles, muito satisfeito de si.

Mas era tudo em balde. Até que por fim os confrades usaram de compungida violência, e o caixão foi arrancado dos braços da viúva e filhas, no meio de uma inferneira, uma gritaria sem fim, em que todo sexo feminino tomou parte.

Na sala o filho padre lançou como que um ronco – chorava o levita.

E o cadáver, assim chocalhado, sereno, como que dormindo dentro de sua casaca, opa e murça, retribuiu essas demonstrações de desespero redobrando de mau cheiro.

Os confrades transportaram o finado pela sala, precipitadamente, como se fossem perseguidos, indo os padres adiante, e só o deixaram na rua sobre dois tamborêtes.

O mulherio abriu as janellas e continuou a gritar dahi; umas com as mãos estendidas, outras discretamente, com o lenço nos olhos.

É mal vista na Índia a senhora que nestas occasiões conserva os olhos enxutos, muito embora o finado seja-lhe uma pessoa indifferente ou desconhecida, e a falta das suas lágrimas é commentada por muitos mezes:

– Tem um gênio forte, dizem: hade vir a ser um demônio.

– O mesmo fez ella quando casou... não deitou nem uma lágrima.

– Ella estava morta por casar... até no bazar sabiam... E porque havia de chorar?...

E assim por diante.

O préstito organisou-se pela seguinte maneira: primeiro as confrarias, depois os padres, depois o cadáver ostensivamente carregado pelos confrades, realmente por quatro boiás, com dois pans postos trasversalmente por baixo do caixão. Ao cadáver seguiram taes homens de fatos prêtos, e a estes parentes próximos com cara de occasião, desgrenhadas e em cabello.

Alguns destes costumam fazer taes alardes e visagens na rua, que causam riso. O viúvo que tal fizer, é signal certo de que quer *recasar* breve. Quer com isto dizer aos sogros:

– Cá estou ás suas ordens, senhores sogros...Vejam como eu amei aquella que ahi vae... Heide amar as suas filhas do mesmo modo.

**GIP**

BIBLIOGRAFIA

---

- ABREU, Márcia & GALVES, Charlotte. “A circulação clandestina de romances e o mistério do ‘anônimo brasileiro’” In: *Remate de Males*. Revista do IEL da Universidade de Campinas, Nº 27.1, jan-jun de 2007.
- BORGES, Charles J.; PEREIRA, Óscar G. & STUBBE, Hannes. (ed.) *Goa and Portugal : History and Development*. Nova Delhi: XCHR Studies Series Nº 10, 2000.
- COSTA, Francisco João da. *Jacob e Dulce: scenas da vida indiana*. Margão: Typographia de “O Ultramar”, 1986.
- COSTA, Francisco João da. *Jacob e Dulce: scenas da vida indiana*. Nova-Goa: Typographia da Casa Luso-Francesa, 1907.
- COSTA, Francisco João da. *Jacob e Dulce: scenas da vida indiana*. Panjim: Tipografia Sadananda, 1974.
- COSTA, Francisco João da. *Jacob & Dulce – sketches from indo-portuguese life* (trad.) Álvaro Noronha da Costa. Bombaim: Sahitya-Akademi, 2004.
- DALGADO, Sebastião & TOMÁS, Maria Isabel. *Estudos Sobre os Crioulos Indo-Potugueses*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.
- DALGADO, Sebastião Rodolfo. *Glossário Luso-Asiático*. AES: New Delhi: Madras, 1988. (2 vol.)
- DEVI, Vimala e SEABRA, Manuel de. *A Literatura Indo-portuguesa*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1971.
- FIGUEIRA, Maria Inês. & NORONHA, Oscar de. *Episódio Oriental: Readings in Indo-Portuguese Literature*. Fundação Oriente & Third Millennium: Panjim, 2007.

PAULO, André. *O Europeísmo e a Revolta – carta ao dr. José Ignácio de Loyola*. Índia Portuguesa, 1896.

PINTO, Rochelle. *Between Empires: Print and Politics in Goa*. New Delhi: OXFORD, 2007.

*O Ultramar* – periódico da cidade de Margão (jul. 1892- dez. 1899).